

PROCESSO Nº 24268

ANO 1985

I VOLUME



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico,
Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT

24268

PROCESSO Nº

INTERESSADO: CONDEPHAAT

PROCEDÊNCIA: CAPITAL

DATA: 19/11/1985

REPARTIÇÃO: _____

Nº DE ORDEM DO PAPEL: _____

ASSUNTO: TOMBAMENTO DA VILA MARIA ZÉLIA, LOCALIZADA À RUA: ADILSON
FARIA CLARO, NESTA CAPITAL

Capa refeita em 20/06/90 SG. / 10/12/92 AM. / 21/06/04 SG.

CONDEPHAAT

volumes I, II e III

PROCESSO N.º 24268/85

Ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
- CONDEPHAAT

Senhor Presidente,
Estão estabelecidas as seguintes características para o processo identificado pelo número acima.

| | | | | |
|-----------------------------|------------|---------------------|-------------------------|-----|
| Data de abertura | 19/11/85 | Técnico responsável | Hist. Maria Auxiliadora | |
| Posse atual da documentação | Condephaat | | Setor | STA |

| |
|---------------------------------|
| Data Prevista para Encerramento |
|---------------------------------|

| | |
|-----------------------------------|------------------------|
| Processo apensado ao processo n.º | Processo de referência |
|-----------------------------------|------------------------|

| | | | | | | |
|-------------|---|--|---|--|--|--|
| INTERESSADO | <input type="checkbox"/> Pessoa Física. | | <input type="checkbox"/> Pessoa Jurídica. | | <input checked="" type="checkbox"/> Poder Público. | |
| | Nome: Condephaat | | | | | |
| | RG / CNPJ | | Telef. | | CEP | |
| | Ender. | | | | Bairro | |
| | Mun.: São Paulo | | | | UF: SP | |

| | | | | | | |
|-------|----------------------------------|--|--|--|---------------------|--|
| LOCAL | Ender.: Rua Adilson Farias Claro | | | | | |
| | Bairro: Buzininho | | | | N.º do contribuinte | |
| | Município: São Paulo | | | | Município cód. n.º | |

| | | | | | | |
|----------|---|--|---|--|---|--|
| SITUAÇÃO | <input type="checkbox"/> Denúncia | | <input type="checkbox"/> Solicitação de regularização | | <input type="checkbox"/> Pedido de Certidão. | |
| | <input type="checkbox"/> Solicitação de informações | | <input checked="" type="checkbox"/> Pedido de tombamento | | <input type="checkbox"/> Retorno de informações (inf. Processo) | |
| | <input type="checkbox"/> Solicitação de aprovação | | <input type="checkbox"/> Pedido de qualificação como Estância | | <input type="checkbox"/> Outra | |
| | Outra: | | | | | |

| | | | | | | | | |
|---------|---|--|--|--|--------------------------------------|--|---|--|
| ASSUNTO | Projeto | | Informações Gerais | | Cartazes/ Painéis/ Anúncios | | Alteração Ambiental. | |
| | Obra | | Reforma | | Diretrizes | | Pesquisa Mineral | |
| | <input checked="" type="checkbox"/> Serviços de Conservação | | <input checked="" type="checkbox"/> Tombamento | | <input type="checkbox"/> Demolição. | | <input type="checkbox"/> Extração Mineral | |
| | <input type="checkbox"/> Alteração do Sistema Viário | | <input type="checkbox"/> Mudança de Uso | | <input type="checkbox"/> Restauração | | <input type="checkbox"/> Outro (especificar abaixo) | |

| | |
|---|--|
| Outro: | |
| N.º Processo CADAN (Somente para Cartazes / Painéis / Anúncios) | |

| | | | |
|--------|---|--|---|
| OBJETO | <input type="checkbox"/> Área natural. | <input type="checkbox"/> Sítio Arqueológico | <input type="checkbox"/> Área envoltória de Edificação tombada. |
| | <input checked="" type="checkbox"/> Edificação. | <input type="checkbox"/> Bem Móvel. | <input type="checkbox"/> Área envoltória de Núcleo Histórico tombado. |
| | <input type="checkbox"/> Núcleo Histórico. | <input type="checkbox"/> Patrimônio Imaterial | <input type="checkbox"/> Área envoltória de Sítio Arqueológico tombado. |
| | <input type="checkbox"/> Segmento Urbano. | <input type="checkbox"/> Área envoltória de Área Natural tombada | <input type="checkbox"/> Outro. |

São Paulo, 31 de julho de 2001

Kelly Cristina
Assinatura



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º

do.....n.º...../..... (a).....

Interessado:

Assunto:

SÍNTESE DE DECISÃO DO EGRÉGIO COLEGIADO
SESSÃO ORDINÁRIA DE 18 DE NOVEMBRO, 1985

ATA Nº 663

O Egrégio Colegiado por deliberação unânime aprovou a abertura de processo de tombamento da Vila Maria Zélia, localizada à Rua Adilson Farias Claro, Belenzinho, Capital.

1. À DT para as providências cabíveis
2. Ao STCR para o que mais couber.

GP., 18 de novembro de 1985

MODESTO SOUZA BARROS CARVALHOSA

Presidente

SR

1- ASA. a. e p.
2- AO STCR em promulgament.
Colegiat. 18/11/85



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 01/
LB

do.....n.º...../..... (a).....

Interessado: Lucilena WM Bastos

Assunto: Pedido de tombamento da Vila Maria Zélia

Senhor Diretor Técnico,

No dia 11 último fomos procurados por uma funcionária do IAPAS que pediu informações sobre a eventual existência de algum processo de tombamento da antiga Escola de Meninas da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro no Belenzinho. Segundo explicou, o referido edifício está em estado de total abandono, servindo de abrigo a marginais e caso não haja impedimento por parte do CONDEPHAAT, será demolido para dar lugar a uma área de lazer ou então um prédio de apartamentos.

Fomos alertados para o fato de que, embora a Vila Maria Zélia seja considerada, unanimemente ^{me}, um importante documento de ocupação urbana - exemplar único de uma verdadeira comunidade operária com escolas, creche, igreja, armazens e outros edifícios de prestação de serviços - até agora não recebeu dos órgãos de preservação a atenção merecida.

A Vila, datada de 1916, foi resultado do esforço empreendido pelo industrial Jorge Street, proprietário de duas tecelagens, as fábricas Maria Zélia e Santana, que empregavam ao todo 4 500 empregados.

O projeto foi realizado pelo arquiteto francês Pedarrieux e constou de: casas, fábrica, igreja, escolas, etc.

Tendo pertencido a vários proprietários após a falência de Jorge Street em 1930, a Vila vem sofrendo mutilações - como a perda de uma área, adquirida pela Fábrica Good-Year - e intervenções pouco criteriosas que estão comprometendo seu aspecto



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º *02/85*

do.....n.º...../..... (a).....

Interessado: *Lucilena WM Bastos*

Assunto: *Pedido de tombamento da Vila Maria Zélia*

original e descaracterizando-a.

Diante da perspectiva de demolição de um de seus edifícios mais significativos, estamos encaminhando a esta Diretoria Técnica a solicitação de abertura de processo de tombamento da Vila Maria Zélia.

Em face da urgência do assunto não tivemos condições de reunir documentação além da apresentada, porém acreditamos que dada a importância do conjunto, esse problema possa ser contornado (ver em anexo).

Como dado complementar informamos que nosso contato com o IAPAS é D.Cida, telefone: 228-9511 ramal 240.

STCR, em 14 de novembro de 1985.

Lucilena Whitel de Mello BT

LUCILENA W.M.BASTOS

Arquiteto.

f: 05
3/11/80
[assinatura]

As vilas operárias foram sendo construídas ao longo dos últimos 90 anos, acompanhando o processo de instalação de indústrias e bairros operários. Variam, pois, no tempo e no espaço.

Mas as vilas operárias possuem dimensões diferentes conforme sejam focalizadas pela ótica de seus construtores-proprietários ou de seus operários-moradores. É esta a ótica que vamos a seguir recompor.

Do ponto de vista da empresa, usamos vários tipos de documentos e entrevistas, que forneceram um conjunto de dados os quais permitiram uma síntese da história da vila. O outro lado desta mesma história foi reconstruído através de relatos de antigos moradores, portadores da história oral da vila.

Transcreveremos algumas entrevistas que mostram a trajetória que os moradores percorreram, mudando de casa e de emprego, até chegarem à vila. Estas histórias individuais desvendam um processo coletivo. Escolhemos algumas por sintetizarem as condições de luta, vida e trabalho em que através do individual se retrata o social.

1 — Vila Maria Zélia

Não se pode falar em vilas operárias, em São Paulo, sem uma obrigatória referência à Vila Maria Zélia. Ela constitui, para os interessados no tema, documento fundamental de uma época e de uma forma de ocupação do espaço urbano. Apesar disso ela é a representante única de modelo que não se reproduziu.

A Vila Maria Zélia tem um grande interesse urbanístico, à medida que concretiza uma das possíveis formas da habitação operária produzida pelo capital. Ela se situa num bairro operário, o Belenzinho, num

BLAY, Eva Alterman. "Eu não tenho onde morar."
Vilas operárias na cidade São Paulo"

1.06
5/2001
[assinatura]

entroncamento entre o Brás, o Belém e a Penha. Ou, se quisermos usar as denominações habituais, fica perto da Moóca, da Vila Maria baixa e do Tatuapé.

Como chegar à Vila Maria Zélia? Há dois caminhos para isso. O primeiro deles, que nos vem à mente com muita força, resulta da visão que temos da circulação pelo espaço de São Paulo, anterior à década de 70, isto é, anterior às transformações criadas pelas marginais e elevados. Até então se chegava à Vila Maria Zélia, partindo do Centro, ou seja, da Praça da Sé, tomando-se um bonde ou um ônibus que descesse a Avenida Rangel Pestana, depois a Celso Garcia. À altura do n.º 1.365 desta avenida, à esquerda, está a Rua Catumbi. Por esse caminho, altamente congestionado como sempre, seguem ônibus, carros e até o fim da década de 50, os bondes que se dirigiam para o Brás, o Belém, o Belenzinho, a Penha, a Vila Maria e todas as adjacências. Trata-se de uma avenida ocupada pelo comércio varejista e por fábricas. As transversais são ruas famosas na história e na literatura de São Paulo: Caetano Pinto, Piratininga, Gomes Cardim, Cavalheiro, Brigadeiro Machado, Maria Marcolina, Bresser, o Largo da Concórdia, a Catumbi e inúmeras outras. No caminho encontrávamos, até os anos 60, a “malfadada” porteira do Brás, junto à Estação do Norte, hoje substituída por um viaduto. Naquela porteira, por mais de 40 anos, os moradores e trabalhadores destes bairros perdiam longas horas no trânsito, esperando que os trens passassem. Ao longo da avenida há várias escolas públicas, como o Grupo Escolar Romão Puigari, a Padre José de Anchieta. Mais adiante, já na Celso Garcia, está ainda hoje o “Juizado de Menores”, como é conhecida a FEBEM.

A intensa atividade econômica desta região, mais o ritmo de vida dos moradores-trabalhadores, de origem italiana, no passado, e nordestina, depois dos anos 60, torna esta zona da cidade barulhenta, cinzenta e cheia da fumaça das chaminés, ativas desde o começo do século.

Saindo da Avenida Celso Garcia e entrando na Rua Catumbi o movimento parece ser ainda mais intenso, pois esta é uma rua estreita e muito procurada pelo trânsito pesado dos caminhões. Logo à direita, está uma pequena rua, a dos Prazeres, de menor movimento, mas repleta de fábricas, percebidas pelos longos muros de tijolo vermelho ou de cimento cinza, intercaladas de pequenas vilas. E, após um grande edifício fabril ocupado pela Good-Year, encontramos um vasto portão de ferro, com uma guarita e um porteiro que não interrompe os transeun-

tes, e entramos num calmo, esp
pequeno lago, bancos de cimen
das conversando. Estamos na

Depois da implantação c
Maria Zélia por um outro cam
do-se à marginal esquerda do
chegar à Ponte da Vila Maria,
a uma rua paralela à Rua Catu
e movimentadíssimo caminho,

Atualmente a Maria Zélia
crito jardim, 5 ruas perpendicu
versais; 178 residências estão c
Grupo Escolar Maria Zélia (o
o Colégio Manuel da Nobrega
Meninos” e que fica em frente
ninas”. Há uma igreja católica
um bar, uma pequena oficina
de administração da vila. Na
possuía também um posto mé
um clube recreativo.

Andando-se pelas ruas c
grande entre o ostensivo silênc
veis estacionados em suas ruas
do, com marcas pintadas no
mente a funcionários da Good

Nos fundos da vila há u
Tietê, que não é visível da vil
ao tempo em que nadavam e p

À direita da vila, em ter
de futebol. Atualmente o INP

107/505

im e a Penha. Ou, se quisermos usar o caminho do rio da Moóca, da Vila Maria baixa

Zélia? Há dois caminhos para isso. O primeiro, naturalmente com muita força, resulta da transformação do espaço de São Paulo, anterior às transformações criadas pelas marginais. Vila Maria Zélia, partindo do Centro, tomando-se um bonde ou um ônibus que passa por Celso Garcia. À altura do rio Tietê, entra-se na Rua Catumbi. Por esse caminho, como sempre, seguem ônibus, carros e pessoas, onde se dirigiam para o Brás, Vila Maria e todas as adjacências. O segundo caminho, pelo comércio varejista e por fábricas, encontra-se na história e na literatura de São Paulo. Gomes Cardim, Cavalheiro, Brigadier Bresser, o Largo da Concórdia, a Rua do Anjo, o meu encontro, até os anos 1950, junto à Estação do Norte, hoje a Estação da Porteira, por mais de 40 anos, os transeuntes perdiam longas horas no trânsito. Ao longo da avenida há várias escolas: o Colégio Romão Figueira, a Padre José Celso Garcia, está ainda hoje o "Jardim da FEBEM".

Nesta região, mais o ritmo de vida era diferente, no passado, e a zona da cidade barulhenta, cinzenta e movimentada desde o começo do século. Ao entrar na Rua Catumbi o silêncio é intenso, pois esta é uma rua estreita e cheia de carros dos caminhões. Logo à direita, há um movimento de menor movimento, mas repleto de pequenos muros de tijolo vermelho ou de pedras das vilas. E, após um grande edifício, encontramos um vasto portão de ferro que não interrompe os transeun-

tes, e entramos num calmo, espantosamente calmo, jardim. Nele há um pequeno lago, bancos de cimento, árvores, passarinhos e pessoas sentadas conversando. Estamos na Vila Maria Zélia.

Depois da implantação das marginais, podemos chegar à Vila Maria Zélia por um outro caminho. Este esconde a cidade. Percorrendo-se a marginal esquerda do rio Tietê em direção à Zona Leste, ao chegar à Ponte da Vila Maria, entra-se à direita e rapidamente se chega a uma rua paralela à Rua Catumbi. E estamos também, por este rápido e movimentadíssimo caminho, na mesma calma Vila Maria Zélia.

Atualmente a Vila Maria Zélia, como é chamada, tem além do já descrito jardim, 5 ruas perpendiculares à Rua dos Prazeres e 4 ruas transversais; 178 residências estão distribuídas por essas 9 ruas. Há ainda o Grupo Escolar Maria Zélia (em reforma na época da pesquisa), e o Colégio Manuel da Nobrega, em cujo frontispício se lê "Escola de Meninos" e que fica em frente ao grupo escolar, antiga "Escola de Meninas". Há uma igreja católica, um armazém, um depósito de material, um bar, uma pequena oficina de calçados desativada e um escritório de administração da vila. Na época de sua fundação (1916-17), ela possuía também um posto médico, dentário, uma creche, um teatro e um clube recreativo.

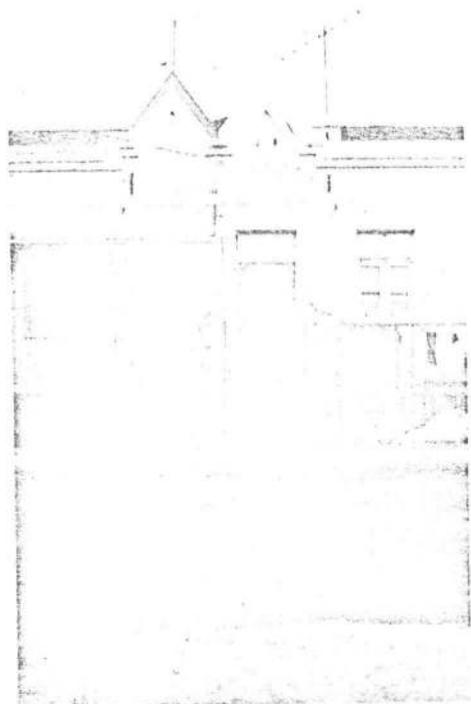
Andando-se pelas ruas da vila, observa-se um contraste muito grande entre o ostensivo silêncio e uma grande quantidade de automóveis estacionados em suas ruas estreitas. O estacionamento é disciplinado, com marcas pintadas no chão, e as vagas são alugadas principalmente a funcionários da Good-Year.

Nos fundos da vila há um terreno inculto e logo a seguir o rio Tietê, que não é visível da vila, embora muitos entrevistados refiram-se ao tempo em que nadavam e pescavam no rio.

À direita da vila, em terreno que lhe pertencia, havia um campo de futebol. Atualmente o INPS está construindo um hospital no local.

1.08/2009

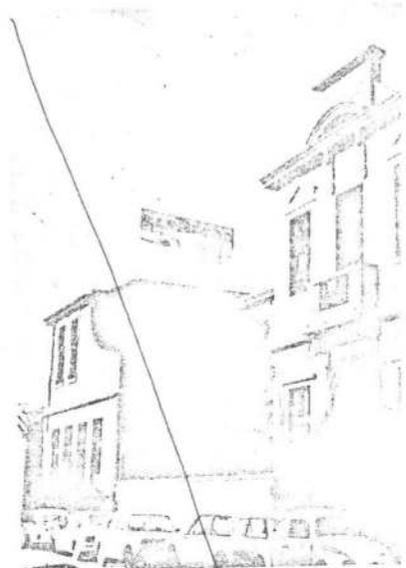
Vila Maria Zélia



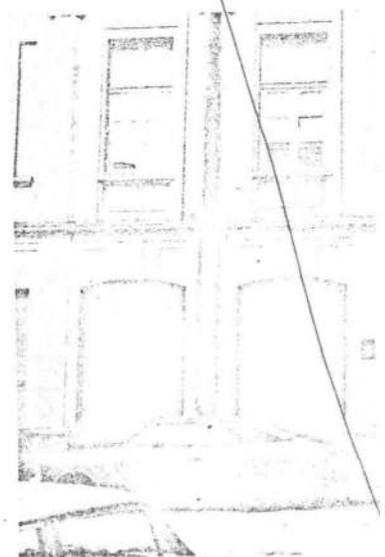
Igreja, armazéns, casas, escolas, dormitórios para solteiros, jardim, creche... e a fábrica (fotos Antonio Carlos D'Ávila).

222

Vila M



"Escola de Meninas" (foto Antonio Carlos D'Ávila)

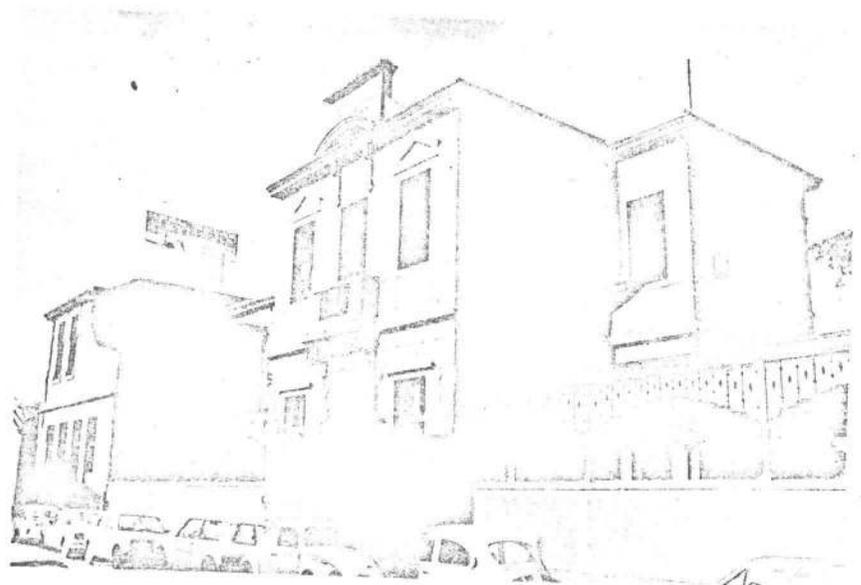


Armazéns (foto Antonio Carlos D'Ávila)

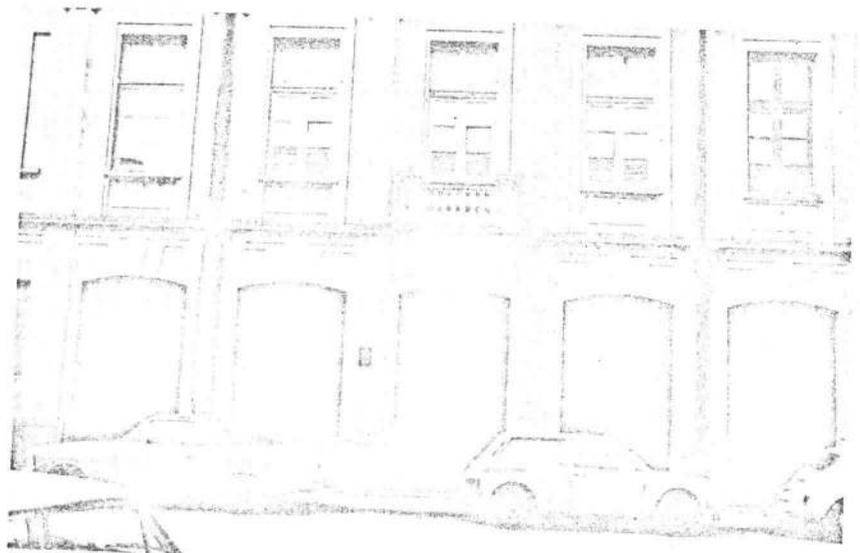
1.09
2007

Vila Maria Zélia

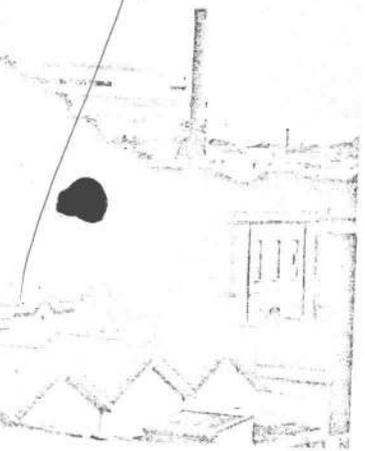
Vila Maria Zélia



"Escola de Meninas" (foto Antonio Carlos D'Ávila).



Armazéns (foto Antonio Carlos D'Ávila).



ra solteiros, jardim, creche... e a

A. 10
24

Jorge Street: proprietário-idealizador da Vila Maria Zélia

Jorge Street foi o proprietário-idealizador da Vila Maria Zélia. Nascido⁽¹⁾ em 22 de setembro de 1863, no Rio de Janeiro, e falecido em fevereiro de 1938, era filho de um engenheiro austríaco e de mãe francesa. Seu pai veio para o Brasil para trabalhar na construção de estradas de ferro, e se tornou acionista da Fábrica São João, tecelagem localizada no Rio de Janeiro. Ao morrer, deixou suas ações para o filho Jorge, que fizera muitas viagens à Europa, terminara o ginásio na Alemanha e cursara medicina no Rio de Janeiro. Assim, já no fim do século, Jorge Street dedica-se à Fábrica São João, que acaba transferindo para São Paulo, cidade que “ele previa tornar-se-ia um grande centro industrial”.

Pioneiro na implantação da indústria no Brasil, numa época em que a burguesia nacional valorizava apenas a agricultura, Jorge Street “era malvisto, assim como os demais industriais”. Ele, porém, “luta pela implantação da tecelagem no Brasil, pois considerava que se esta se expandisse haveria mercado para o desenvolvimento da fiação”.

A Companhia São João produzia juta e em 1904, ao se transferir para São Paulo, Jorge Street compra a Fábrica Santana, de propriedade de Antônio Penteado, também produtora de juta. Localizava-se esta no Largo da Concórdia, e nas proximidades Jorge Street possuía também algumas casas que alugava a seus empregados.

Em 1912, fez um vultoso empréstimo junto a bancos ingleses para aqui instalar uma grande fábrica de algodão. Pensava construí-la no Rio, em Petrópolis, mas finalmente optou por São Paulo. Encontrou no Belenzinho uma área com as condições desejadas, isto é, “suficientemente grande, em um bairro operário, onde havia abundância de mão-de-obra e água em quantidade necessária a todas as etapas da produção têxtil”.⁽²⁾ O terreno ia do rio Tietê até a Avenida Celso Garcia.

(1) Os dados que se seguem foram obtidos em várias entrevistas realizadas com os filhos de Jorge Street: Ernesto Jorge Street, Rosaura Street e Celina Street. O nome de Vila Maria Zélia, ao contrário do que se repete em inúmeros trabalhos, foi dado em memória da filha de Street, Maria Zélia, precocemente falecida, e não em homenagem a sua esposa que se chamava, na verdade, Zélia Frias Street.

(2) Exceto quando indicado em contrário, os dados entre aspas foram obtidos em entrevista com Ernesto Jorge Street.

Iniciou imediatamente a obra, pois no contrato com os bancos previa, em caso de guerra, a suspensão das importâncias necessárias à construção dos edifícios. Quando, durante a guerra, pensos, ele não pôde completar o maquinário. Várias seções da tecelagem, o cascame, a sala de máquinas, assim seus credores reclamavam a fábrica no Belenzinho, ao que Jorge Street previa que assim lhe seria mais fácil pagar.

Na verdade, era a juta produzida no sacamento de café que pagava a fábrica no Belenzinho. Isto foi possível por a fábrica vender a Fábrica Santana de juta. Não cumpriu o prometido levando-o a uma difícil situação judicialmente. Houve então um advogado de Penteado, Rui Barreto.

Embora tivesse que enfrentar a situação financeira e de produção, o problema dos interesses de Street”. Contrariando para projetar as casas, fábrica, com as mãos de um administrador que cuidava da construção de mais algumas casas em Pedarrieux”. Este investimento em uma situação econômica do empresário. Dizem, hoje, seus filhos que: “eram operários. Sua vocação era a de industrialista”, no sentido de que queria que seus netos viessem trabalhar na fábrica.

Epregava 1.000 operários na fábrica Santana e “tinha muito prestígio e os filhos, não houve a gravidade da situação, ele tentou fechar e evitar a hostilidade da fábrica Santana também intere-

f. 11
su
JB

Street: proprietário-idealizador da Vila Maria Zélia

idealizador da Vila Maria Zélia. 63, no Rio de Janeiro, e falecido em 1963, foi um engenheiro austríaco e de mãe alemã que veio para trabalhar na construção de a da Fábrica São João, tecelagem de algodão. Deixou suas ações para o filho mais velho, João, que acaba transferindo a fábrica para o Rio de Janeiro. Assim, já no fim do século XIX, João, que acaba transferindo a fábrica para o Rio de Janeiro, previa tomar-se-ia um grande

industrial no Brasil, numa época em que predominava apenas a agricultura, Jorge Street era conhecido por "luta com as indústrias". Ele, porém, "lutava pelo desenvolvimento da indústria têxtil, pois considerava que se esta não houvesse, não havia desenvolvimento da indústria".

Em 1904, ao se transferir para o Rio de Janeiro, a Fábrica Santana, de propriedade de João, produzia juta. Localizava-se esta no bairro de Botafogo, onde Jorge Street possuía também terrenos e prédios.

Em 1904, ao se transferir para o Rio de Janeiro, a Fábrica Santana, de propriedade de João, produzia juta. Localizava-se esta no bairro de Botafogo, onde Jorge Street possuía também terrenos e prédios. Em 1904, ao se transferir para o Rio de Janeiro, a Fábrica Santana, de propriedade de João, produzia juta. Localizava-se esta no bairro de Botafogo, onde Jorge Street possuía também terrenos e prédios.

em várias entrevistas realizadas com Jorge Street, Rosaura Street e Celina Street, ao contrário do que se repete em algumas obras da filha de Street, Maria Zélia, a origem da sua esposa que se chamava, Maria Zélia, a origem da sua esposa que se chamava, Maria Zélia, a origem da sua esposa que se chamava, Maria Zélia.

os dados entre aspas foram obtidos

Iniciou imediatamente a construção, que "nunca ficou pronta", pois no contrato com os bancos ingleses havia uma cláusula que permitia, em caso de guerra, a suspensão dos empréstimos. Ele sacou as importâncias necessárias à construção e fez imediatamente todos os edifícios. Quando, durante a guerra de 1914, os empréstimos foram suspensos, ele não pôde completar o empreendimento, sobretudo a parte do maquinário. Várias seções chegaram a ser montadas; funcionou a tecelagem, o cascame, a sala de pano, mas não a estampanaria. Mesmo assim seus credores reclamavam contra o início do funcionamento da fábrica no Belenzinho, ao que Street respondeu, mediante longa carta, que assim lhe seria mais fácil pagar as dívidas.

Na verdade, era a juta produzida pela Fábrica Santana para o ensacamento de café que pagava as dívidas da fábrica de tecidos do Belenzinho. Isto foi possível por algum tempo, pois se sabe que Penteadado, ao lhe vender a Fábrica Santana, se comprometera a não mais produzir juta. Não cumpriu o prometido e passou a fazer concorrência a Street, levando-o a uma difícil situação financeira. Street tenta embargar Penteadado judicialmente. Houve então uma célebre questão judicial, mas o advogado de Penteadado, Rui Barbosa, "vence no recurso".

Embora tivesse que enfrentar todas estas dificuldades de ordem financeira e de produção, o projeto da vila operária "é que centralizava os interesses de Street". Contratara um arquiteto francês, Pedarrieux, para projetar as casas, fábrica, igreja, escola, etc. Colocara a vila nas mãos de um administrador que, mesmo na fase crítica, manda continuar a construção de mais algumas casas, "estas já sem o projeto de Pedarrieux". Este investimento, segundo os filhos de Street, agravou a situação econômica do empresário, que não conseguiu completar a obra. Dizem, hoje, seus filhos que: "Sua preocupação, era o bem-estar dos operários. Sua vocação era a obra social e ele se reconhecia um 'paternalista', no sentido de que queria melhores condições para o operariado. Previa que seus netos veriam lutas sociais intensas".

Empregava 1.000 operários na Maria Zélia e 3.500 na Fábrica Santana e "tinha muito prestígio entre seus empregados". Em suas fábricas, contam os filhos, não houve greves nem mesmo em 1917, pois, vendo a gravidade da situação, ele tomou a iniciativa e "mandou apitar para fechar e evitar a hostilidade dos grevistas". Numa outra greve, a Fábrica Santana também interrompeu o trabalho, e os operários "para-

N. 12
2010
LB

ram de trabalhar mas ficaram dentro da fábrica”. Street foi chamado e “lá chegando sobe num tear e se dirige aos operários que retornam ao trabalho”, numa demonstração da “consideração que lhe tinham seus operários”.

“Não aceitava imposições de seus pares e rasgava as listas com nomes de operários considerados perigosos. Empregava quem quisesse trabalhar para ele.”

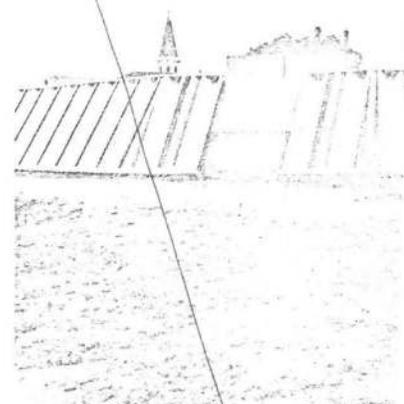
“Achava que o bem-estar dos empregados era importante e gostava de discutir com seus operários; reconhecia a enorme inteligência de uma líder trabalhadora — Margarida Pilon — por quem tinha grande respeito.” Esta operária, ao lado de outros, é lembrada pelos filhos de Street.

Alguns comentaristas da obra de Street⁽³⁾ chegam a apontar nele a influência de socialistas utópicos, como Owen e Fourier. Mas seus filhos discordam desta interpretação, alegando que já no início do século XX tais teorias eram ultrapassadas e Marx era um autor muito conhecido e discutido.

As casas que construiu na Vila Maria Zélia eram alugadas por 20 ou 25 mil-réis (1917), conforme o tamanho, e os dormitórios individuais⁽⁴⁾ por 10 mil-réis. Street não aceitava dormitórios coletivos. Chegou a levar peças de Molière no teatro da Vila Maria Zélia e a organizar torneios esportivos, festas, futebol. A escola e a creche empregavam pessoal leigo e o único religioso da vila, enquanto propriedade de Street, era um padre católico responsável pela igreja.⁽⁵⁾ Street, ainda segundo seus filhos, procurava um conagraamento entre operários e sua família, fazendo com que aqueles freqüentassem sua chácara em certas datas, e fossem servidos por suas filhas.

- (3) Moraes, Evaristo de, LTr. 42/657; Lemos, Carlos, 1975; Penteado Jacob, 1962.
- (4) Atualmente esses dormitórios foram transformados em casas.
- (5) Entre os documentos sobre a Vila Maria Zélia obtivemos, com uma antiga moradora, o álbum “Lembrança da Vila Scarpa”. Editado por Nicolau Scarpa, quando este se torna proprietário da Vila Maria Zélia, contém fotos e textos explicativos. Há várias páginas onde se vêem religiosas trabalhando com crianças, assim como várias congregações (Filhas de Maria, etc.). Porém, toda esta vinculação com religiosas não é do período de Street, mas de Scarpa. Street lá conservava apenas um padre católico que se chamava Uchôa, segundo uma entrevistada. Mas o primeiro padre designado para a igreja foi o Padre Dr. Francisco Bastos (ver Bastos, F., 1973).

Estado



No campo de futebol da Vila Maria Nacional de Previdência Social.

Acreditava que seus investimentos, porém “não houve ter o agravamento da situação final para Nicolau Scarpa em 1923. Jorge e Santa Celina e, finalmente, dedica até o fim da vida ao que a vida dos operários. Isto ele procurava, seja no Departamento de Indústria e Comércio”.⁽⁶⁾

(6) Entrevistas citadas. Veja-se também Moraes e em Penteado, Jacob

f. 13
5/11
LB

tro da fábrica". Street foi chamado
e dirige aos operários que retornam
a "consideração que lhe tinham seus

seus pates e rasgava as listas com
perigosos. Empregava quem quises-

empregados era importante e gos-
s; reconhecia a enorme inteligência
arida Pilon — por quem tinha gran-
o de os, é lembrada pelos filhos

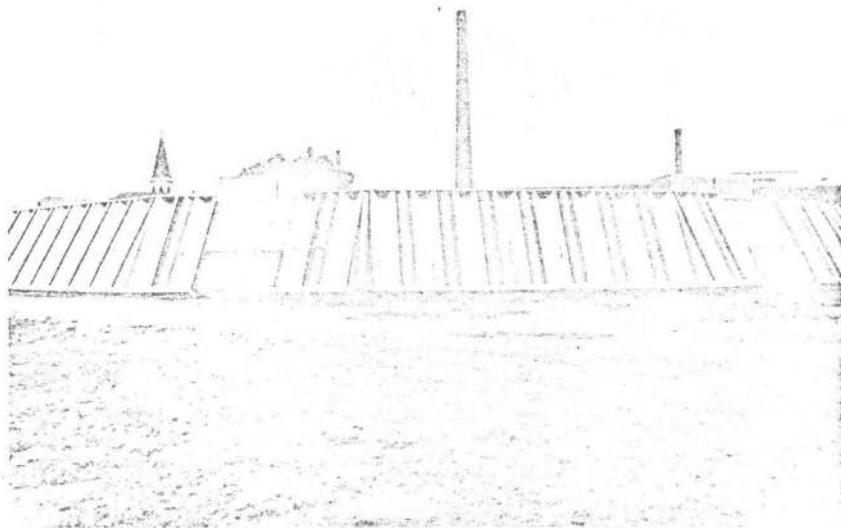
de Street (3) chegam a apontar nele
, como Owen e Fourier. Mas seus
o, alegando que já no início do sé-
ssadas e Marx era um autor muito

a Maria Zélia eram alugadas por 20
o tamanho, e os dormitórios indi-
não aceitava dormitórios coletivos.
no teatro da Vila Maria Zélia e a
futebol. A escola e a creche empre-
gioso da vila, enquanto propriedade
ponsável pela igreja. (5) Street, ainda
i conagraçamento entre operários e
eles freqüentassem sua chácara em
suas filhas.

Lemos, Carlos, 1975; Penteado Jacob

transformados em casas.
Maria Zélia obtivemos, com uma antiga
da Vila Scarpa". Editado por Nicolau
rietário da Vila Maria Zélia, contém
as páginas onde se vêem religiosas tra-
várias congregações (Filhas de Maria,
com religiosas não é do período de
nervava apenas um padre católico que
ntrevistada. Mas o primeiro padre desig-
Francisco Bastos (ver Bastos, F., 1973).

Estado e habitação



No campo de futebol da Vila Maria Zélia foi construído o Hospital do Instituto Nacional de Previdência Social.

Acreditava que seus investimentos retornariam na "forma de pro-
dução", porém "não houve tempo para constatar tal resultado". Com
o agravamento da situação financeira, Street perde a Vila Maria Zélia
para Nicolau Scarpa em 1923. "Continua ainda com as fábricas São
Jorge e Santa Celina e, finalmente, na crise de 1930, perde tudo e se
dedica até o fim da vida ao que mais lhe interessava, a melhoria da
vida dos operários. Isto ele procura fazer seja na Federação das Indús-
trias, seja no Departamento da Indústria, no Ministério do Trabalho,
Indústria e Comércio". (6)

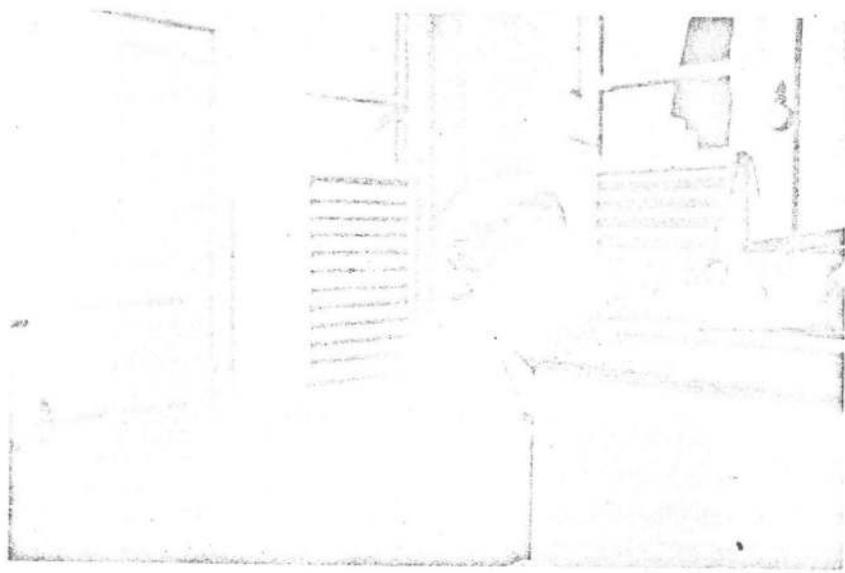
(6) Entrevistas citadas. Veja-se também opinião semelhante em Evaristo de
Morais e em Penteado, Jacob, 1962.

J. 14
Su
18
DB

Vila Maria Zélia

O

*"Não tive infância, não
não conheço nada da vida"*



Dona Deolinda (foto Antonio Carlos D'Ávila).

"Meu nome é Deolinda, mor
coisas que vocês querem saber, es
tendo nada. Eu nasci em Capiva
meus pais são da Europa, de Port
de ferro. Não, lá no interior eu nã
mos pra vila, porque tínhamos pa
trabalhavam na fábrica; aqui era a
Foi em 1918. Estou aqui desde 19
66 anos. Na fábrica trabalhava m
Street. Minha mãe trabalhava na
crianças com o ônibus, trazia da
mesma companhia, pro grupo esco
ali onde era o Colombo,⁽⁸⁾ no Lar
arrumar emprego aqui. Lá em C
serviço de escritório, serviço bruto
aqui, agora, precisa de estudo, e
pediram serviço pra eles aqui na v
maram. Aqui, qualquer um que p
mente precisava, pegavam serviço
antigamente, é que antes se ganha
tação; hoje a Senhora tem de tudo
como era antigamente, era pura.

Meu pai ganhava cem mil-re
Nós morávamos na Rua Quatro,

(7) Juta Santana era a Fábrica Sant
Penteado.

(8) Refere-se ao Teatro Colombo que

15
su
[Handwritten signature]

aria Zélia

O outro lado da Vila Maria Zélia

“Não tive infância, não tive mocidade, não tenho a velhice, não conheço nada da vida, conheço só trabalho...”

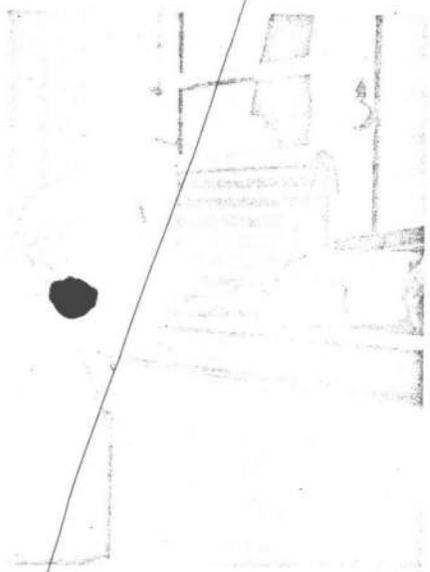
(Dona Deolinda)

— *Dona Deolinda*

“Meu nome é Deolinda, moro aqui há bastante tempo, mas essas coisas que vocês querem saber, eu vou falar pra Senhora, eu não entendo nada. Eu nasci em Capivari, no interior. Vim da lavoura. Os meus pais são da Europa, de Portugal, vieram pra trabalhar na estrada de ferro. Não, lá no interior eu não trabalhei, não, trabalhei aqui. Viemos pra vila, porque tínhamos parentes aqui; eu tinha seis anos. Eles trabalhavam na fábrica; aqui era a Fábrica Maria Zélia, do Jorge Street. Foi em 1918. Estou aqui desde 1918, mas não sou a mais antiga; tenho 66 anos. Na fábrica trabalhava minha mãe e meu pai. Era o tempo do Street. Minha mãe trabalhava na secção de fiação e meu pai levava as crianças com o ônibus, trazia da Juta Santana,⁽⁷⁾ que era também da mesma companhia, pro grupo escolar aqui da vila. A Juta Santana era ali onde era o Colombo,⁽⁸⁾ no Largo da Concórdia. Qualquer um podia arrumar emprego aqui. Lá em Capivari era um serviço bruto, não é serviço de escritório, serviço bruto qualquer um arrumava. Não é como aqui, agora, precisa de estudo, diploma. Não foram os parentes que pediram serviço pra eles aqui na vila, não, foram eles mesmos que arrumaram. Aqui, qualquer um que pedia eles arrumavam serviço. Antigamente precisava, pegavam serviço, tinha bastante. Agora não é igual a antigamente, é que antes se ganhava pouco, mas era melhor a alimentação; hoje a Senhora tem de tudo, mas não é uma alimentação tão boa, como era antigamente, era pura.

Meu pai ganhava cem mil-réis, cento e vinte, e minha mãe cem. Nós morávamos na Rua Quatro, aqui na vila mesmo! O aluguel era

(7) Juta Santana era a Fábrica Santana, que Jorge Street comprou de Antônio Penteadó.
(8) Refere-se ao Teatro Colombo que existia no Largo da Concórdia, no Brás.



(Vila).

d. 16
su
JB

dois mil-réis. Pra quem era empregado eles davam casa. É, não tinha pra todo o mundo, mas na maioria depois arrumavam, uns iam embora, outros achavam melhor fora, outros vinham. Era assim.

Tenho duas irmãs. Sou a mais velha. Eu fui criada no grupo. Minha irmã no jardim da infância e a outra na creche, porque a minha irmã mais nova nasceu aqui. A mãe acabava a dieta e a criança já podia estar na creche. Ficava o dia inteiro. A mãe só vinha para amamentar. Minha mãe vinha três ou quatro vezes dar de mamar, as outras também vinham.

Trabalhava oito horas.⁽⁹⁾ Esse que quisesse fazer hora extra fazia, mas ganhar ganhava a mesma coisa; era mensal. Não era por produção. Jardim da infância era de quarenta dias até quatro, cinco, seis anos. Depois ia pra escola. No jardim era como o pré, faziam desenho, brincava. Almoçava, tomava banho. Tinha médico, o Dr. Proença, o Dr. Chaves, Dr. Jorge Street e Dra. Maria Zélia também era doutora.⁽¹⁰⁾ Quem tratava das crianças eram as irmãs. O Dr. Jorge dava a alimentação. Aqui tinha freiras e professoras. Tinha muitos médicos para os funcionários da fábrica. Pelos médicos o operário não pagava nada. Dos médicos, um morava aqui nesta casa grande, o Dr. Proença.⁽¹¹⁾ O Dr. Chaves era mais idoso, morou fora. Aqui também morou o Scarpa. O filho dele é dono da fábrica Caracu. Ele morou também naquela casa.

O Jorge Street morava na Avenida Paulista. Eram os donos da fábrica, moravam pra lá. Vinham só de visita. O Scarpa quando morou aqui era Diretor. A Maria Zélia⁽¹²⁾ ficou aqui até 1922. Ele foi à falência. Daí ficou com o Scarpa. Até quando eu não sei.

A Senhora está fazendo um estudo? Então eu vou emprestar um álbum pra Senhora e depois a Senhora me traz.⁽¹³⁾

(9) Na verdade o horário era de 10 horas diárias. Veja-se relatos do próprio Street defendendo a jornada de 10 horas, o trabalho infantil, e a não concessão de licença à gestante.

(10) A Sra. Zélia Frias Street não era médica. Mas tinha muitas atividades assistenciais junto às crianças da vila.

(11) Refere-se à casa da Rua 6. nº 163.

(12) Refere-se à fábrica.

(13) Trata-se do álbum "Lembrança da Vila Scarpa", editado por Nicolau Scarpa logo que assumiu a fábrica. Contém fotos e uma descrição da Vila Maria Zélia. A entrevistada possuía também o livro de Jacob Pençado, *Belenzinho, 1910* e alguns recortes de jornais falando sobre a Vila Maria Zélia.

Aqui a vila ia :
um pedaço. Desmar
cia. Tinha e tem a
são filhas de Maria,
e descontava no pa
Às vezes, depois de
não pagava. Nem
clube. Faziam festa,
Uma família não po
moidade que traba
Baile tinha nos sába

A igreja funcio
ros Uchôa.

Não sei por qu
cro. Só sei que quei

Aqui era o gru
do álbum). Eu só
este livro para você

Eu... estudei
na idade de seis ano
a gente já ia na fáb
Já ganhava. Ganha
nhava era michearia
trabalhava assim ne
ninguém na minha
dez, doze mil-réis
tinha a despesa por
e a cozinha. Agora
casa de um diretor,
e fiz um quarto pre
dava meu pai na l
fazendo o hospital.
e, até hoje, ainda ti

(14) Trata-se da rep
Martins, em 6.2

(15) O livro é o de J

(16) Em entrevista c
mil-réis.

A. 17
su
B

davam casa. É, não tinha
umavam, uns iam embora,
Era assim.

u fui criada no grupo. Mi-
a creche, porque a minha
va a dieta e a criança já
A mãe só vinha para ama-
s dar de mamar, as outras

esse fazer hora extra fazia,
al. Não era por produção.
tatro, cinco, seis anos. De-
ré, faziam desenho, brin-
co, o Dr. Proença, o Dr.
também era doutora.⁽¹⁰⁾

Dr. Jorge dava a alimen-
a muitos médicos para os
verário não pagava nada.
nde, o Dr. Proença.⁽¹¹⁾ O
também morou o Scarpa.
morou também naquela

lista. Eram os donos da
O Scarpa quando morou
i até 1922. Ele foi à fa-
eu não sei.

ão eu vou emprestar um
az.⁽¹³⁾

. Veja-se relatos do próprio
ibalho infantil, e a não con-
s tinha muitas atividades as-

, editado por Nicolau Scarpa
ma descrição da Vila Maria
Jacob Penteadó, *Belenzinho*,
e a Vila Maria Zélia.

Aqui a vila ia até a Avenida Celso Garcia. A Good-Year comprou um pedaço. Desmanchou a Rua Um, toda a creche e o jardim de infância. Tinha e tem a igreja. Veja aqui as fotos do álbum: estas crianças são filhas de Maria, são da Cruzada; aqui era o armazém, se comprava e descontava no pagamento. Não tinha dono, o armazém era da firma. Às vezes, depois do desconto, sobrava um pouco. Médico e remédio não pagava. Nem escola, creche, nem dentista. Aqui era a sede do clube. Faziam festa, baile, vinham dançar. Tinha um bar (tem até hoje). Uma família não podia dar festa, não alugava, era só pra dar festa pra mocidade que trabalhava na fábrica. Se casava não tinha festa, não. Baile tinha nos sábados, domingos, num dia de festa assim.

A igreja funcionava e funciona. O padre era o Uchôa, Conde Barros Uchôa.

Não sei por que a fábrica tinha tudo isto aqui. Não sei se dava lucro. Só sei que quem é bom dura pouco.

Aqui era o grupo escolar, aqui a sala do 4.º ano (mostrando foto do álbum). Eu só peguei o 1.º ano. Tenho também este jornal⁽¹⁴⁾ e este livro para vocês.⁽¹⁵⁾ O jornal diz muitas coisas.

Eu... estudei. Fiz só primeiro ano. Só fiz o primeiro ano porque na idade de seis anos, seis e pouco, eu já comecei a trabalhar na fábrica, a gente já ia na fábrica. Fazia serviço de fábrica, a gente já trabalhava. Já ganhava. Ganhava pouco mas não dava pra nada, o que a gente ganhava era micharia. Mas não era só eu que trabalhava, todo mundo trabalhava assim na idade nova. Se precisava, né. A Senhora não pega ninguém na minha idade que tenha cultura ou estudo. Eu ganhava uns dez, doze mil-réis por mês. A casa... custava dois mil-réis,⁽¹⁶⁾ mas tinha a despesa porque nós éramos cinco... Era um quarto, uma sala e a cozinha. Agora tem mais um quarto pequeno porque esta era a casa de um diretor, ela tem um coberto, e eu mandei pôr uma parede e fiz um quarto pros meus filhos. Aí eu fui trabalhar na fábrica e ajudava meu pai na lavoura. Era aí atrás, todo esse campo onde estão fazendo o hospital. Era tudo mato e ele fez a lavoura. Eu tinha seis anos e, até hoje, ainda trabalho.

(14) Trata-se da reportagem publicada em *O Estado de S. Paulo*, por Itaboraí Martins, em 6.2.1972, p. 38.

(15) O livro é o de Jacob Penteadó, *Belenzinho*, 1910.

(16) Em entrevista com Ernesto Jorge Street, ele se refere a aluguéis de 20 mil-réis.

f. 18
Suzi

Agora olha, eu tenho dois filhos, meu marido, a casa e preocupação com tudo. Sou eu sozinha!

Não tive infância, não tive mocidade, não tenho a velhice, não conheço nada na vida, conheço só trabalho e... a vida, serviço. Por isso eu digo pra Senhora, agora a mocidade se queixa, mas não é pra se queixar, como eles se queixam. Hoje trabalham oito horas, e já estão cansados. Nós, era de sol a sol.

A fábrica fechou em 1930, parece.

Em 1924 teve aquela Revolução. Nós ficávamos todos lá na fábrica. Lá era mais seguro. Jogavam granada, dormíamos lá. Mandavam comida. Onde é essa venda era um restaurante. Faziam a comida e mandavam pro pessoal da vila.

Depois eu fui trabalhar lá na tecelagem do Matarazzo. Na Celso Garcia, lá embaixo. Trabalhei na fiação. Depois fui no De Camilis como tecelã.

O ano que trabalhei no Matarazzo? Olha... eu saí, parece que eu saí de lá em... O Conde morreu em 1933. Eu já trabalhava lá. Acho que saí de lá em 35.

Mas trabalhava também na lavoura,⁽¹⁷⁾ e levava as coisas no mercado⁽¹⁸⁾ pra vender.

Morar, sempre morei aqui. Antigamente quando a pessoa deixava de trabalhar não podia ficar na casa. Então sempre ficava um ou outro. Nunca morei fora, não sei dizer pra senhora se era vantagem ou não. Muita gente mora fora.

Ganhava cem mil-réis e se pedisse pra ganhar mais eles não davam. Aumento só quando queriam. O pessoal aceitava, que remédio?

Naquele tempo não tinha briga. Greve... foi uma vez quando teve aquela greve, aquela fome, a falta de serviço. Eu não me lembro, meu marido está mais ao par, tem mais noção dessas coisas que eu. Nesse tempo aí, quando foi falta de serviço, então teve ruim, mas mesmo assim ninguém morreu de fome.

(17) A lavoura era num terreno atrás da Vila Maria Zélia, onde o pai da entrevistada e, depois, o seu marido também cultivavam alguns produtos.

(18) Mercado Municipal.

Quando casei tava lá no De...
forme os metros de pano que...
o rolo ia bem, tava bom; mas, s...
ganhava. Casei e fiquei morand...
Depois ele morreu. Tinha uma...
mãe foram pra lá quando ele co...
um ano fora da vila. Quando el...
não ficou vazia. A casa ficou pa...
to e cozinha só, porque eu traba...
aqui com a minha mãe. Só dor...
e eu casei em 41.

Cheguei a comprar uma ca...
morei lá porque aqui é perto do...
lhas, que também trabalhavam...
gas. Fomos os dois que compr...
com o dinheiro do trabalho. Fo...
lhamos no mercado, levantava...
Eu já ia pro mercado na idade...
balho, tudo, mas registrada eu...
anos, você pode receber um o...
estou no fim da vida, não quere...

A casa aqui foi comprada...
der para nós porque tínhamos...
briram que a gente tinha casa f...
sempre quem fala. Mas eu con...
Não é pra mim mesma, é pra el...
tador, trabalha no hospital. El...
serviço. O outro filho trabalha...
nheiro dele porque está noivo, v...
ajudam um pouco. Todos traba...
que não. Minhas filhas traba...
voura, na fábrica. Minhas filhas...

(19) Alguns outros moradores da...
neste mesmo bairro de San...
loteamento cujos lotes foram...

(20) O INPS tinha como exigênc...
nenhuma outra propriedade.

19
20

meu marido, a casa e preocupa-
dade, não tenho a velhice, não
balho e... a vida, serviço. Por
cidade se queixa, mas não é pra
trabalham oito horas, e já estão

Nós ficávamos todos lá na fá-
nada, dormíamos lá. Mandavam
estaurante. Faziam a comida e

lagem do Matarazzo. Na Celso
ão. Depois fui no De Camilis

? Olha... eu saí, parece que eu
933. Eu já trabalhava lá. Acho

,⁽¹⁷⁾ e levava as coisas no mer-

nente quando a pessoa deixava
tão sempre ficava um ou outro.
hora se era vantagem ou não.

pra ganhar mais eles não da-
ssoal aceitava, que remédio?

ve... foi uma vez quando teve
rviço. Eu não me lembro, meu
ão dessas coisas que eu. Nesse
então teve ruim, mas mesmo

Vila Maria Zélia, onde o pai da
mbém cultivavam alguns produtos.

Quando casei tava lá no De Camilis. Na tecelagem. Ganhava con-
forme os metros de pano que a gente faz. Trabalhava oito horas, se
o rolo ia bem, tava bom; mas, se não ia, não adiantava porque não se
ganhava. Casei e fiquei morando aqui. Meu pai morou aqui também.
Depois ele morreu. Tinha uma casa lá perto do cemitério. Minhas ir-
mãs foram pra lá quando ele comprou e eu, nesses 36 anos, só fiquei
um ano fora da vila. Quando elas saíram desta casa eu voltei. A casa
não ficou vazia. A casa ficou para mim. Fiquei ali numa casa, um quar-
to e cozinha só, porque eu trabalhava, meu marido também. Eu comia
aqui com a minha mãe. Só dormia separado. Meu pai morreu em 40
e eu casei em 41.

Cheguei a comprar uma casa perto da Igreja Santa Isabel. Nunca
morei lá porque aqui é perto do serviço dos meninos e das minhas fi-
lhas, que também trabalhavam. Tenho 4 filhos, dois moços e duas mo-
ças. Fomos os dois que compramos aquela casa, em Santa Isabel,⁽¹⁹⁾
com o dinheiro do trabalho. Foi com sacrifício, nós toda a vida traba-
lhamos no mercado, levantava de madrugada, trabalhava a noite toda.
Eu já ia pro mercado na idade de 6 anos. Eu tinha a caderneta de tra-
balho, tudo, mas registrada eu só tenho 15 anos, agora essa lei dos 70
anos, você pode receber um ordenado. Eu não quero pedir nada, já
estou no fim da vida, não quero dor de cabeça.

A casa aqui foi comprada do INPS.⁽²⁰⁾ Houve problema pra ven-
der para nós porque tínhamos a casa fora. Aqui era do INPS. Descobri-
ram que a gente tinha casa fora porque sempre tem quem fala. Tem
sempre quem fala. Mas eu consegui comprar, comprei pro meu filho.
Não é pra mim mesma, é pra eles que eu deixo. Meu filho é instrumen-
tador, trabalha no hospital. Ele não é registrado, ganha conforme dá
serviço. O outro filho trabalha no escritório, e também não pego di-
nheiro dele porque está noivo, vai casar. O aluguel chega. Minhas filhas
ajudam um pouco. Todos trabalharam de empregado. Só o meu marido
que não. Minhas filhas trabalharam, minhas irmãs trabalharam, na la-
voura, na fábrica. Minhas filhas trabalharam no Santista. Uma é pro-

(19) Alguns outros moradores da Vila Maria Zélia chegaram a comprar casa
neste mesmo bairro de Santa Isabel. Provavelmente tratou-se de algum
loteamento cujos lotes foram oferecidos por aqui.

(20) O INPS tinha como exigência vender só para pessoas que não tivessem
nenhuma outra propriedade.

1.20
Fsu

fessora de inglês e taquigrafia, mas não trabalha mais. A outra era secretária. Só a faculdade elas não fizeram. Agora a minha mais velha está fazendo faculdade, em Guarulhos; Direito. O outro vai fazer vestibular para Medicina.

Agora eu digo que aqui a gente não manda nada. Conheço pessoas que foram desapropriadas três vezes! Na minha casa não ponho um tostão para reformar porque até hoje os papéis do INPS não estão certos, como não está para ninguém na vila... A gente compra mas pode perder a qualquer momento, apesar de estar pagando.⁽²¹⁾ Não se tem os documentos. Veja lá se eles desapropriam os ricos! Nós aqui não mandamos nada. Eu lhe digo que o governo faz como quiser com os pobres. Desapropria, resolve cobrar mais. É como dizia aquele ditado do tempo de minha mãe:

‘Se a morte se comprasse
Ai dos pobres, o que seria?
Os ricos comprava a morte
E só os pobres é que morria’.”

— *Dona Conceição e a solidariedade... paga*

“Eu moro aqui há 36 anos. Nasci aqui em São Paulo mesmo, aqui perto, na Rua Gonçalves Dias, no Belenzinho. Tenho 61 anos e já sou bisavó. Tenho 9 netos e 6 filhos, 4 homens e duas mulheres. Quatro são casados e dois solteiros. Meus pais vieram da Espanha, mas casaram aqui. Meu pai era chefe de seção de quédís (tênis) numa indústria de calçados. Eu comecei a trabalhar com 12 anos, na fiação, aqui na Rua Visconde de Parnaíba. Depois saí de lá e fui trabalhar com meu pai. Trabalhei em outras indústrias e também aqui na Good-Year onde tomava conta do restaurante. Na fábrica de calçados eu pregava aquelas gravatinhas nos quédís, lembra, aqueles lacinhos? Eu colocava aquelas gravatinhas na máquina. Ganhava setenta mil-réis por mês, mas não lembro que ano era. Depois fui trabalhar numa fábrica de fiação, de

(21) Ver mais adiante detalhes do problema com o financiamento do INPS.

algodão, numa de brim. Saí. Depois fui trabalhar numa fábrica não ganhava bem num empréstimo tinha importância, a gente pe

Depois de casada vim trabalhar no Boemer, não sei o nome da fábrica de tintas na Visconde de Parnaíba casada. Casei com 16 anos de idade.

Quando casei morava com meus pais. A casa quem arrumava ainda do Matarazzo. Fiquei cega e um irmão solteiro trabalhou no Anglo-Brasileiro.

Depois eu fui morar na vila era um sobradinho e morava que ela era cega. Então foi morar que era de uma tia.

Pagava Cr\$ 50,00 de aluguel. Eu não pagava, era meu pai que não precisava trabalhar na fábrica trabalhava pro Matarazzo na casa.

Depois fui morar na Rua Zélia e nunca mais saí.

Quando vim pra Rua Belenzinho pequeno e minha mãe cega me ajudou a trabalhar. Trabalhei e me tornei cega. Trabalhei até há pouco tempo. Depois de trabalhar. Sempre lutei pros meus filhos escrever porque eu nunca podia deixar ela sozinha.

Todos meus filhos fizeram o curso de cozinha neste negócio de cozinha que ele faz porque ele fez

(22) Na Av. Celso Garcia, pr

21
20/10/19

ão trabalha mais. A outra era se-
eram. Agora a minha mais velha
; Direito. O outro vai fazer vesti-

ão não manda nada. Conheço pes-
vezes! Na minha casa não ponho
hoje os papéis do INPS não estão
na vila... A gente compra mas
esar de estar pagando.⁽²¹⁾ Não se
apropriam os ricos! Nós aqui não
governo faz como quiser com os
nais... como dizia aquele ditado

mpresse
ue seria?
a morte
que morria'."

o e a solidariedade... paga

aqui em São Paulo mesmo, aqui
nzinho. Tenho 61 anos e já sou
omens e duas mulheres. Quatro
vieram da Espanha, mas casa-
le quédís (tênis) numa indústria
om anos, na fiação, aqui na
de lá e fui trabalhar com meu
mbém aqui na Good-Year onde
a de calçados eu pregava aque-
les lacinhos? Eu colocava aque-
tenta mil-réis por mês, mas não
iar numa fábrica de fiação, de

com o financiamento do INPS.

algodão, numa de brim. Saí daquela e fui pra outra pra ganhar mais.
Depois fui trabalhar numa fábrica de vidros na Rua Cachoeira. Quando
não ganhava bem num emprego eu ia para outro. Naquele tempo não
tinha importância, a gente pulava, pulava.

Depois de casada vim trabalhar numa indústria aqui perto da João
Boemer, não sei o nome da indústria. Depois de lá fui pra uma fábrica
de tintas na Visconde de Parnaíba, perto da linha do trem. Aí já era
casada. Casei com 16 anos. Meu marido era contra-mestre de tece-
lagem.

Quando casei morava na Vila Boyes⁽²²⁾ e lá fiquei morando com
meus pais. A casa quem arrumou foi uma chefe, mas as casas não eram
ainda do Matarazzo. Fiquei morando com meus pais, minha mãe era
cega e um irmão solteiro também ficou morando junto. Ele trabalhava
no Anglo-Brasileiro.

Depois eu fui morar na Penha, na Rua Cauito, porque a casa na
vila era um sobradinho e minha mãe achava ruim subir e descer por-
que ela era cega. Então fomos para a Rua Cauito, uma casinha baixa
que era de uma tia.

Pagava Cr\$ 50,00 de aluguel. Na Vila Boyes não me lembro quan-
to pagava, era meu pai quem pagava o aluguel lá. Pra morar na vila
não precisava trabalhar na fábrica naquela época, agora sim. Quem
trabalhava pro Matarazzo tinha que comprar, senão tinha que sair da
casa.

Depois fui morar na Rua Catumbi. Daqui vim pra Vila Maria
Zélia e nunca mais saí.

Quando vim pra Rua Catumbi não trabalhava porque tinha nenê
pequeno e minha mãe cega. Mas depois que as crianças cresceram co-
mecei de novo. Trabalhei aqui na Good-Year 1 ano e 5 meses; traba-
lhei até há pouco tempo. Depois eu tirei um rim, não pude mais traba-
lhar. Sempre lutei pros meus filhos estudarem, que eu não sabia ler nem
escrever porque eu nunca fui à escola. Minha mãe era cega e eu não
podia deixar ela sozinha.

Todos meus filhos fizeram o ginásio. Tenho um filho que traba-
lha neste negócio de cozinhas americanas e estuda à noite. Nem sei o
que ele faz porque ele fez uns exames no fim do ano. Agora está espe-

(22) Na Av. Celso Garcia, próxima à Vila Maria Zélia.

127
5000
18

rando o fim do ano pra começar outra vez o mesmo estudo. Não sei se ele tomou bomba. Ou ele vai pro Rio ou fica aqui pra fazer exames. Não sei o que é. (Perguntamos se era vestibular). Acho que sim, não sei o que ele está estudando; só sei que demos Cr\$ 500,00.

A casa aqui quem arranhou foi minha sogra. Ela já morava aqui uns 50 anos. Já é falecida. Tem uma cunhada morando lá no 79. Como minha sogra arranhou não sei, meu marido fez depois uma carta pro INPS. Agora meu marido é funcionário público. Viaja cada 15 dias e eu fico com os filhos. Em casa tenho 2 filhos e um neto com 18 anos. Os dois são solteiros, um com 28 e outro com 25 anos. O neto quer ficar aqui porque quem criou ele fui eu, não quer ficar com a mãe. Minha filha foi operada, era muito doente e ele veio ficar aqui e não quer ir embora mais. Está estudando no colégio da Rua Belém. Os filhos, um é mecânico-torneiro e o outro vendedor.

Dinheiro eu só pego do meu marido, porque dos filhos não pego, não; não dá nem pra eles! Meu neto come e bebe às custas do avô.

Meu marido tira uns 7 a 10 mil. Ele viaja; administra aqueles aparelhos que medem água nas fazendas. É um aparelho que quando chove ele mede a temperatura da água, o tempo que choveu. E ele vai medindo a água e meu marido vai todo dia; uma vez numa fazenda, outra vez noutra. Passa o dia inteiro nas fazendas. É essa a vida dele.

Tenho um terreno em Caraguatatuba. Eu e os filhos casados compramos. Mas está duro fazer uma casinha lá para passar o fim de semana. Se Deus quiser na metade deste ano, nem que seja um cômodo e cozinha, nós vamos construir. O que nós gostamos de praia!

Aqui na vila eu não vou na casa de ninguém; só fico aqui fechada. Elas que cuidam da sua que eu cuido da minha, que é pesada.

Converso com todo o mundo, mas não vou na casa de ninguém; cada uma na sua casa. Se alguma precisar de algum auxílio e eu puder ajudar, uma caridade se faz pra qualquer pessoa. Já me fizeram muita caridade. Minhas vizinhas são muito boas. Só não falo com essa da esquerda... Foi porque no Dia dos Pais, vieram os meus 6 filhos, as noras, os 9 netos. Foram no mato brincar... Também depois disso acabou.

Não falei nada; eu fico por aqui eles para lá. Não sou de levar nem de trazer. Fico aqui quietinha. Se eu tenho o que fazer... se não tenho, fico olhando pro céu e acabou.

Quando eu trabalhava i
pois eu tinha uma menina de
de todos os irmãos. Uma vez
quando cheguei estava cheio
ro. Outra vez também, ela de
vocar e ela tomou um tombo
da escada e afundou o osso
gente. Peguei um carro de i
me levou pra Central. Lá tir
tamente para as Clínicas. A

A sogra morava na outi
pagasse!

Se eu pagava ela olhava

Eu pagava. Tinha que
tudo para as crianças.

Pois é. Um dia me deu
o Adhemar de Barros, por
meninos e minha força não
nos estudaram e só pagavam

Os dois estudaram aí,
é mecânico, não quis estudi
foi pra mecânica, já sabia t
também trabalhava no escri
outros, um já estava no 2.º
deram mais. De vez em qu

A casa, meus filhos co
prado casa e como é que ia
guel era barato, mas não da
bora e eu ficava sozinha. F
do que eu, mas é homem e

Eu morei até em corti
cubículo que dava até medc
Mas tava contente, tava co

Naquela época eu nen
agora. Hoje não tenho me
quer deputado eu vou; serr

f. 23
su
24
18

z o mesmo estudo. Não sei se
u fica aqui pra fazer exames.
estibular). Acho que sim, não
emos Cr\$ 500,00.

ha sogra. Ela já morava aqui
ada morando lá no 79. Como
do fez depois uma carta pro
público. Viaja cada 15 dias
filhos e um neto com 18 anos.
o com 25 anos. O neto quer
não quer ficar com a mãe.
e e ele veio ficar aqui e não
co. da Rua Belém. Os
vendedor.

porque dos filhos não pego,
e bebe às custas do avô.

viaja; administra aqueles apa-
o aparelho que quando chove
o que choveu. E ele vai me-
ma vez numa fazenda, outra
s. É essa a vida dele.

Eu e os filhos casados com-
lá para passar o fim de se-
o, nem que seja um cômodo
gostamos de praia!

e ninguém; só fico aqui fe-
do da minha, que é pesada.

io vou na casa de ninguém;
de a auxílio e eu puder
essoa. Já me fizeram muita
Só não falo com essa da es-
eraram os meus 6 filhos, as
r... Também depois disso

para lá. Não sou de levar
enho o que fazer... se não

Quando eu trabalhava minha sogra tomava conta dos filhos. De-
pois eu tinha uma menina de 12 anos, a maiorzinha, e ela tomava conta
de todos os irmãos. Uma vez o meu menino enfiou uma taquara nela e
quando cheguei estava cheio de gente. Corri com ela pro pronto-socor-
ro. Outra vez também, ela defendia muito os irmãos, começaram a pro-
vocar e ela tomou um tombo lá no quintal, bateu com o rosto na guia
da escada e afundou o osso. Quando eu cheguei aqui tava cheio de
gente. Peguei um carro de um senhor já falecido, o seu Chico, e ele
me levou pra Central. Lá tiraram uma radiografia e mandaram imedia-
tamente para as Clínicas. Agora ela está com 42 anos.

A sogra morava na outra casa. Mas ajudava o quê? Ajudava se eu
pagasse!

Se eu pagava ela olhava minhas crianças, senão, não!

Eu pagava. Tinha que pagar se eu queria ir trabalhar pra dar es-
tudo para as crianças.

Pois é. Um dia me deu a louca e eu saí daqui e fui conversar com
o Adhemar de Barros, porque precisava de um auxílio pra estudar os
meninos e minha força não dava. Ele me deu uma carta e meus meni-
nos estudaram e só pagavam uma taxa no Colégio Manoel da Nóbrega.

Os dois estudaram aí, se formaram aí e já são casados. O outro
é mecânico, não quis estudar, só estudou dois anos. Quando eu vi ele
foi pra mecânica, já sabia trabalhar e tinha saído do ginásio. A moça
também trabalhava no escritório mas nunca estudou ginásio e agora os
outros, um já estava no 2.º ano do ginásio, mas daí minhas forças não
deram mais. De vez em quando o menor me joga isto na cara...

A casa, meus filhos compraram pelo BNH. Eu nunca tinha com-
prado casa e como é que ia comprar? Não dava nem pra comer. O alu-
guel era barato, mas não dava! O meu marido de vez em quando ia em-
bora e eu ficava sozinha. Por isso perdi meu rim. Ele tem mais saúde
do que eu, mas é homem e quer conhecer o mundo.

Eu morei até em cortiço. Na Rua Major Marcelino morei em cada
cubículo que dava até medo. A cozinha era aqui e o quarto lá no fundo.
Mas tava contente, tava com saúde.

Naquela época eu nem me mexia, não era desenvolvida como sou
agora. Hoje não tenho medo de nada. Se for preciso falar com qual-
quer deputado eu vou; sem saber ler nem escrever eu fiz quanto pude.

f. 24
5/22

Até livro, material, eu pedia pros meus filhos. Eu ia na cidade. Tinha aquele deputado, esqueci o nome, era um nome esquisito. Sei que era na Praça da Sé. A necessidade me obrigava, especulava um e outro, ouvia rádio, ia especulando. Ia pro Hospital das Clínicas para o tratamento dos meus filhos. Ia na Santa Casa. Ia aonde não pagava porque dinheiro não tinha...

Meu marido ficou desempregado porque a fábrica onde ele trabalhava fechou: ele conversou com um deputado no sindicato, encaminharam ele e já não era muito moço, não. Era uma fábrica de cobertor na Rua João Boehmer, ele era chefe de secção. Fechou e até hoje não pagaram ele. Viu que atrapalhão? Tudo por receber, nós com criança doente, escarlatina, doença brava. Eu também fui operada no Servidor Público porque ele agora é funcionário. Paguei uma taxa — metade por metade. Não é de graça não, operação desconta do pagamento do marido (*sic*). As chapas não paguei porque fui com todas aqui do SESI. Agora vou voltar para ver as vistas. Minha mãe ficou cega com 40 anos. Meu pai estava tão bem de vida, de uma hora para outra, para salvar as vistas dela, vendeu a casa que tínhamos na Rua Cachoeira. Vendeu tudo, ficou sem nada, sem nada mesmo.”

Vilas operárias: uma alternativa socialista?

A Vila Maria Zélia tem sido apontada como obra construída por um empresário cuja ideologia não era propriamente voltada à obtenção do lucro, mas que se orientava por idéias socialistas. Esta interpretação já aparece na década de 20 com o viajante socialista italiano Alfredo Cusano.⁽²³⁾ Outros autores, como Jacob Penteadó,⁽²⁴⁾ adotam a mesma interpretação. Evaristo de Moraes analisa o papel de Street como precursor da legislação trabalhista, mostrando o quanto ele influenciou sua elaboração, atuando, porém, como empresário junto a órgãos de classe dos empresários.⁽²⁵⁾

(23) Cusano, Alfredo, 1921.

(24) Penteadó, Jacob, 1962.

(25) Moraes, Evaristo de. “Comentário”, in *LTR 427657. Páginas para reler*. Neste comentário Evaristo de Moraes introduz a republicação de texto de Jorge Street “Inquérito sobre as relações industriais no Brasil: um precursor. O Dr. Jorge Street. O sistema da Fábrica Maria Zélia”.

Contudo, um insuspeito c...
niscências do Padre Bastos, c...
tiam entre Street e seus operá...
formação religiosa tradicional...
igreja da Fábrica Maria Zélia...
pelo bispo de São Paulo para...
aceitar a nomeação, sob o ing...
ver entre operários!”⁽²⁶⁾

Assim, conta o Padre Ba...
ele celebra sua primeira missa...
membros da família Street, “...
6 operários” (p. 97).⁽²⁷⁾

Acusado de ser pago pe...
rios. Tenta por todos os me...
pois, quando intercede junto...
campo de futebol, é que est...

Através do futebol, con...
cleo sólido, composto de ho...
mês para mês, se foi alargan...
Fábrica” (p. 100).⁽²⁸⁾

Desta aproximação rest...
dualmente aumentando e, pe...
me vi em posição delicada p...
criada pelo Dr. Street” (p. 1...

Esta dificuldade que o...
a direção da fábrica resultav...
“Para os operários nada mais...
a ilaquear-lhes a boa fé. Pre...
salário o que era dispendido...
obra assistencial” (p. 100).

Ao nos transmitir, em s...
bre a Vila Maria Zélia, o Pa...
fundador Jorge Street:

(26) Bastos, Mons. Dr. F., 197.

(27) Idem.

(28) Idem.

25
24 23
JB

s meus filhos. Eu ia na cidade. Tinha
e, era um nome esquisito. Sei que era
me obrigava, especulava um e outro,
ro Hospital das Clínicas para o trata-
ta Casa. Ia aonde não pagava porque

gado porque a fábrica onde ele tra-
n um deputado no sindicato, encami-
ço, não. Era uma fábrica de cobertor
efe de secção. Fechou e até hoje não
? Tudo por receber, nós com criança
Eu também fui operada no Servidor
ário. Peguei uma taxa — metade por
eração desconta do pagamento do
guei porque fui com todas aqui do
s vistas. Minha mãe ficou cega com
: vida, de uma hora para outra, para
a que tínhamos na Rua Cachoeira.
nada mesmo.”

ias: uma alternativa socialista?

pontada como obra construída por
a propriamente voltada à obtenção
deias socialistas. Esta interpretação
viajante socialista italiano Alfredo
cob Penteado,⁽²⁴⁾ adotam a mesma
realiza o papel de Street como pre-
rand quanto ele influenciou sua
mpresário junto a órgãos de classe

in LTR 42/657. Páginas para reter.
s introduz a republicação de texto de
ões industriais no Brasil: um precursor,
brica Maria Zélia”.

Contudo, um insuspeito depoimento pode ser encontrado nas remi-
niscências do Padre Bastos, que revela as reais contradições que exist-
tiam entre Street e seus operários da Vila Maria Zélia. Este pároco, de
formação religiosa tradicional, foi nomeado o primeiro Capelão para a
igreja da Fábrica Maria Zélia, pois um outro padre da época, escolhido
pelo bispo de São Paulo para fazê-lo, se recusara “peremptoriamente a
aceitar a nomeação, sob o inglório pretexto de que não nascera para vi-
ver entre operários!”⁽²⁶⁾

Assim, conta o Padre Bastos, no último domingo de abril de 1919,
ele celebra sua primeira missa na capela, a qual foi assistida apenas por
membros da família Street, “altos funcionários da Fábrica e uns 5 ou
6 operários” (p. 97).⁽²⁷⁾

Acusado de ser pago pela fábrica, cai na desconfiança dos operá-
rios. Tenta por todos os meios chegar a eles, mas só algum tempo de-
pois, quando intercede junto à direção da empresa para conseguir um
campo de futebol, é que esta aproximação se dá.

Através do futebol, conta o Padre Bastos, foi nascendo “um nú-
cleo sólido, composto de homens, mulheres, rapazes e moças que de
mês para mês, se foi alargando e chegou a atingir todos os setores da
Fábrica” (p. 100).⁽²⁸⁾

Desta aproximação resultou que “minha responsabilidade ia gra-
dualmente aumentando e, por isso, não foram poucas as vezes em que
me vi em posição delicada perante a organização de caráter assistencial
criada pelo Dr. Street” (p. 100).

Esta dificuldade que o Padre Bastos encontrava no contato com
a direção da fábrica resultava, explica ele, de que:

“Para os operários nada mais era essa organização que um puro engodo
a ilaquear-lhes a boa fé. Preferiam muito mais receber em aumento de
salário o que era dispendido com a manutenção de toda essa vistosa
obra assistencial” (p. 100).

Ao nos transmitir, em suas memórias, a opinião dos operários so-
bre a Vila Maria Zélia, o Padre Bastos também transcreve a posição do
fundador Jorge Street:

(26) Bastos, Mons. Dr. F., 1973.

(27) Idem.

(28) Idem.

26
2024
18

“O Dr. Street, de seu lado, via nessa organização uma espécie de participação indireta nos lucros da empresa” (p. 100).

Estas diferenças de posição face ao trabalho e ao salário, concluiu o Padre Bastos, eram: “Pontos de vista que se não harmonizavam, nascidos de interesses antagônicos, cada qual a exigir de mim uma definição corajosa e positiva” (p. 100).

Ao tentar ajustar as diferenças, Padre Bastos rememora os seguintes diálogos mantidos com Street: “Cheguei, certa vez, a demonstrar ao Dr. Street que a sua obra, apesar de generosa, não só não lograva atingir o ideal por ele colimado — satisfazer os seus operários — senão que também, por ser paternalista, provocava neles sentimentos de revolta”. — Procurei dar a eles, respondeu-me, o que nenhum outro industrial se dispôs a fazer. Por isso, sou tido por meus colegas na conta de poeta.”

Após permanecer cerca de dois anos na capela da Vila Maria Zélia, o Padre Bastos é transferido para a Igreja da Consolação. Nesta ocasião o Arcebispo D. Duarte encaminha a Street uma carta explicativa que é levada pelo próprio Padre Bastos. Ao relatar este encontro diz o Padre: “à medida que ia lendo, notava-lhe eu em seu semblante leves sinais de satisfação, parecendo-me que minha remoção vinha ao encontro de seus mais íntimos desejos” (p. 106).

Para o Padre Bastos estes sinais se explicavam:

“É que, mais de uma vez havia-me chamado a atenção para o que no seu entender, deveria ser a minha função dentro de sua fábrica. — O Sr. me deixaria muito feliz se se limitasse a desempenhar suas funções religiosas, exclusivamente dentro da capela. Os operários não têm preparo suficiente para distinguir as sábias diretrizes de Leão XIII dos postulados do comunismo. Além disso, os gerentes se queixam de suas constantes intervenções a favor deste ou daquele operário, perturbando o bom andamento disciplinar da Fábrica” (p. 106, grifo meu).

A visão do Padre Bastos se completa com os seguintes comentários, sobre Street:

“Abracei comovido aquele homem, marcado por uma forte personalidade que, dentre os capitães da indústria de cinquenta anos atrás, não

só fora o mais evoluído, senão solução para melhorar as condições. E porque foi bom e generoso, interesses feridos que o fecharam para finalmente, levá-lo à Só voltei a vê-lo muitos anos suas filhas, fui às pressas admiti. Morreu pobre!... A serenidade derradeiro olhar...” (p. 107)

Os irreconciliáveis interesses. Embora Street fosse inquebrantável seu tempo, ele era um empresário produto do trabalho por ele humanitário e preocupado com não poderia abrir mão da jornada do menor (como vimos, Don anos na fábrica e não foi a ú parto, sob a alegação de que riado.⁽²⁹⁾

Uma vila operária não poderia ser lada de todo o processo social são do capitalismo industrial e se fazia em todos os níveis e por um empresário poderia antecipar qual os operários conseguissem força de trabalho. Estas condições nunca uma delegação a seus interesses ideológica entre eles. Por mesmo, lutar pela redução da trabalho infantil e pela concessão

Quanto à Vila Maria Zélia Nicolau Scarpa (1923-1928), pagamento a hipotecas vencidas

(29) Há várias publicações de trabalho do menor, da mul Ver Moraes, Evaristo de, s/ reproduz *O Estado de S. Pa*

f. 27
su
AB

essa organização uma espécie de par-
mpresa” (p. 100).

ce ao trabalho e ao salário, concluiu
vista que se não harmonizavam, nas-
fa qual a exigir de mim uma defini-

, Padre Bastos rememora os seguin-
Cheguei, certa vez, a demonstrar ao
generosa, não só não lograva atin-
azer os seus operários — senão que
cava os sentimentos de revolta”.
me, o que nenhum outro industrial
lo por meus colegas na conta de

anos na capela da Vila Maria Zé-
ra a Igreja da Consolação. Nesta
minha a Street uma carta explica-
Bastos. Ao relatar este encontro
, notava-lhe eu em seu semblante
me que minha remoção vinha ao
s” (p. 106).

se explicavam:

amado a atenção para o que no
ção dentro de sua fábrica. — O
isse a desempenhar suas funções
pela. Os operários não têm pre-
as artrizes de Leão XIII dos
os gerentes se queixam de suas
u daquele operário, perturbando
a” (p. 106, grifo meu).

leta com os seguintes comentá-

rcado por uma forte personali-
a de cinquenta anos atrás, não

só fora o mais evoluído, senão também o primeiro que tentara uma
solução para melhorar as condições de vida dos operários.

E porque foi bom e generoso, viu erguer-se contra ele a coalisão de
interesses feridos que o fechara dentro de um cerco sempre mais aper-
tado para finalmente, levá-lo à falência.

Só voltei a vê-lo muitos anos depois, quando, a chamado de uma de
suas filhas, fui às pressas administrar-lhe os últimos sacramentos.

Morreu pobre!... A serenidade de sua fisionomia e a profundez do
derradeiro olhar...” (p. 107).

Os irreconciliáveis interesses de classe ficam claramente espelha-
dos. Embora Street fosse inquestionavelmente um industrial à frente de
seu tempo, ele era um empresário num esquema baseado no lucro, no
produto do trabalho por ele comprado. Daí por que, mesmo sendo
humanitário e preocupado com um certo bem-estar dos operários, ele
não poderia abrir mão da jornada de trabalho de 10 horas, do trabalho
do menor (como vimos, Dona Deolinda começa a trabalhar com 6
anos na fábrica e não foi a única) e do trabalho da mulher após o
parto, sob a alegação de que esta era uma imposição do empresari-
ado.⁽²⁹⁾

Uma vila operária não pode ser pensada como uma entidade iso-
lada de todo o processo social em curso. O momento era o de expan-
são do capitalismo industrial concorrencial. A exploração dos operários
se fazia em todos os níveis e por todos os meios. É utópico pensar que
um empresário poderia antecipar um processo revolucionário através do
qual os operários conseguissem melhores condições de venda de sua
força de trabalho. Estas conquistas são específicas ao operariado e
nunca uma delegação a seus empregadores, por maior que seja a afini-
dade ideológica entre eles. Por isso é que somente operários poderiam,
mesmo, lutar pela redução da jornada de trabalho, pela proibição do
trabalho infantil e pela concessão de licença à gestante.

Quanto à Vila Maria Zélia, depois de ficar 6 anos nas mãos de
Nicolau Scarpa (1923-1928), passa a pertencer ao grupo Guinle, em
pagamento a hipotecas vencidas. Em seguida a propriedade dos imó-

(29) Há várias publicações de discursos de Street defendendo a necessidade do
trabalho do menor, da mulher após o parto e da jornada de 10 horas.
Ver Morais, Evaristo de, s/d, ou Carone, Edgard, 1973, pp. 303-25, que
reproduz *O Estado de S. Paulo*, de 19.9.1917.

1-28
5/11/18
B

veis é transferida ao IAPI e depois ao INPS, devido a dívidas fiscais.⁽³⁰⁾ Em 1939, porém, os imóveis da parte industrial, a creche e o jardim da infância foram vendidos à Good-Year pelo antigo IAPI. Dezoito casas e a creche foram demolidas e incorporadas à fábrica. De 1939 a 1968, os moradores, em grande parte antigos operários ou seus descendentes, como constatamos na pesquisa de campo, ficaram morando nas casas e pagando aluguéis ao IAPI e depois ao INPS. Finalmente, o INPS resolve vender as casas com um prazo de 20 anos ou 240 meses. O INPS deu preferência aos inquilinos e as 10 ou 12 casas desocupadas foram vendidas por concorrência. Os preços variaram um pouco conforme o tamanho, mas o exame de um contrato realizado em 19 de maio de 1969, estipulava que o preço total seria de Cr\$ 6.467,00. Porém, após pagarem 17 prestações, foram refeitos arbitrariamente os contratos e ampliados os valores das prestações, que passaram a ser regidas pelo sistema do BNH. Além dessa arbitrária alteração após o primeiro contrato, se o comprador quiser, hoje em dia, saldar a dívida ele não recebe a escritura. Também nada pode ser feito sem a autorização do INPS. O número de prestações foi ampliado para 244 meses e os compradores sentem-se logrados e inseguros.

Anteriormente, o INPS mantinha funcionários na vila e quando estes foram retirados, os moradores organizaram um escritório que atualmente é dirigido por um antigo morador, o qual deve supervisionar os aspectos internos da vila, tais como limpeza, estacionamento de automóveis, segurança. Os moradores organizam periodicamente uma assembléia e elegem um síndico e uma comissão para resolver problemas locais.

Como se vê, entre o empresário-construtor e os atuais moradores-proprietários, houve um período em que o Estado, na figura do IAPI-INPS, assumiu o papel de proprietário. As arbitrariedades cometidas neste tempo vigoram até hoje, e são amplamente apontadas pelos entrevistados. Pagam mas não têm certeza de terem a propriedade, contratos são reformados após quase dois anos de pagamento, não existem documentos garantindo a propriedade. Enfim, este clima de insegurança criou certa tensão entre os moradores.

(30) Neste meio tempo ela serviu de prisão política, durante o governo de Getúlio Vargas.

Quanto às condições de vida, melham muito à dos bairros da entrada da vila é freqüente lá ficam conversando. Freqüentemente, minó, damas, etc., localizadas no passado, erigido para ser as redondezas, tendo-se fornecido, em sua maioria, são do bairro ou têm atividades fora do bairro constante. No entanto, existem parentes (irmãos, filhos, primos) maior. Ajuda mútua, festas, inteiros no presente, e suspeita das entrevistas que também nelhes é atualmente atribuído. O precário e inseguro, certas circunstâncias por acidentes ou a prestações excepcionais, de fato ocorriam. "eu vivo aqui e ela ali; agora

O nível de formalização é uma espécie de escritório administrativo, limpeza interna, do estacionamento com o INPS. O administrador, figura paralela ao síndico da vila, muito bem e contou toda a história procurou evitar qualquer conflito

As pessoas mais antigas sabem tudo o que se escreve sobre a vila em jornais, livros, revistas, todos os que lhes pertence. Avaliam criticamente voltadas quando alguns "interviewees" têm muita consciência do seu

A. 29
2/11/05

s ao INPS, devido a dívidas fiscais.⁽³⁰⁾
parte industrial, a creche e o jardim
od-Year pelo antigo IAPI. Dezoito ca-
e incorporadas à fábrica. De 1939 a
parte antigos operários ou seus des-
pesquisa de campo, ficaram morando
API e depois ao INPS. Finalmente, o
um prazo de 20 anos ou 240 meses.
inos e as 10 ou 12 casas desocupadas
Os preços variaram um pouco con-
de um contrato realizado em 19 de
eço seria de Cr\$ 6.467,00. Po-
oram refeitos arbitrariamente os con-
prestações, que passaram a ser regi-
essa arbitrária alteração após o pri-
ser, hoje em dia, saldar a dívida ele
da pode ser feito sem a autorização
foi ampliado para 244 meses e os
nseguros.

nha funcionários na vila e quando
es organizaram um escritório que
o morador, o qual deve supervisio-
s como limpeza, estacionamento de
es organizam periodicamente uma
ma comissão para resolver proble-

-construtor e os atuais moradores-
que o Estado, na figura do IAPI-
rio. As arbitrariedades cometidas
implamente apontadas pelos entre-
a de terem a propriedade, contra-
anos de pagamento, não existem
. Enfim, este clima de insegurança

io política, durante o governo de Ge-

Quanto às condições de vida dos moradores desta vila, elas se asse-
melham muito à dos bairros da pequena burguesia. O jardim existente
na entrada da vila é freqüentado por homens de idade avançada que
lá ficam conversando. Freqüentam também um salão para jogo de do-
minó, damas, etc., localizado no alto do bar lá existente e que fora,
no passado, erigido para ser a sede do clube local. À igreja vão pessoas
das redondezas, tendo-se formado recentemente um grupo de jovens
que, em sua maioria, são do bairro e não da vila. As mulheres ficam em
casa ou têm atividades fora da vila e a comunicação entre elas é in-
constante. No entanto, existem várias casas ocupadas por parentes pró-
ximos (irmãos, filhos, primos) e entre eles parece haver um contato
maior. Ajuda mútua, festas, integração não são comportamentos encon-
trados no presente, e suspeitamos, com fortes razões, face aos dados
das entrevistas que também no passado elas não tinham o caráter que
lhes é atualmente atribuído. Quando se vive num nível econômico tão
precário e inseguro, certas circunstâncias de vida como crises provoca-
das por acidentes ou a prestação de alguma ajuda, em momentos ex-
cepcionais, de fato ocorriam. Mas, como bem disse uma entrevistada,
“eu vivo aqui e ela ali; agora fazer uma caridade a gente sempre faz”.

O nível de formalização das relações foi mantido pela criação de
uma espécie de escritório administrativo, dentro da vila, para cuidar da
limpeza interna, do estacionamento dos automóveis e dos problemas
com o INPS. O administrador, pessoa escolhida em assembléia, é uma
figura paralela ao síndico da vila. Enquanto o primeiro nos recebeu
muito bem e contou toda a história da vila que ele conhecia, o segundo
procurou evitar qualquer contato.

As pessoas mais antigas da Vila Maria Zélia são muito ciosas de
tudo o que se escreve sobre a mesma. Várias delas possuem recortes de
jornais, livros, revistas, todos mencionando a vila, a parte da cidade
que lhes pertence. Avaliam criticamente este material e se mostram re-
voltadas quando alguns “intelectuais” fazem considerações inexatas.
Têm muita consciência do sentido histórico do lugar onde moram.



N O T I F I C A Ç Ã O

De acordo com o que dispõe o artigo 142 do Decreto 13.426, de 16/3/79, notificamos os proprietários e demais interessados que o Egrégio Colegiado do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado-CONDEPHAAT em sua sessão do dia 18 do corrente, aprovou a abertura do processo 24.268/85, destinado ao tombamento do CONJUNTO denominado VILA MARIA ZÉLIA, localizado na rua Adilson Farias Claro, no bairro do Belen zinho, nesta Capital.

Nos termos do parágrafo único do já citado artigo 142 e do artigo 146 do mesmo Decreto, a deliberação da abertura do processo de tombamento, assegura, desde lo go, a preservação do bem até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção no Conjunto em termos de modificação, reforma ou destruição que possa vir a descaracterizá-lo sem a prévia autorização do CONDEPHAAT, além de poder ser punido o descumprimento do acima disposto com as sanções penais previstas no arti go 166 do Código Penal e da Lei 7.347, de 27/3/85.

SECRETARIA DA CULTURA, aos 26 de novembro de 1985

JORGE DA CUNHA LIMA
SECRETÁRIO DA CULTURA

318

PUBLICADO NO JORNAL "O ESTADO DE SÃO PAULO"
DIA 06/12/85 pag.27- 6a.feira

NOTIFICAÇÃO

De acordo com o que dispõe o artigo 142 do Decreto 13.426, de 16.03.79, notificamos os proprietários e demais interessados que o Egrégio Colegiado do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado-CONDEPHAAT em sua sessão do dia 18 do corrente, aprovou a abertura do processo 24.268/85, destinado ao tombamento do CONJUNTO denominado VILA MARIA ZÉLIA, localizado na rua Adilson Farias Claro, no bairro do Belenzinho, nesta capital. Nos termos do parágrafo único do já citado artigo 142 e do artigo 146 do mesmo Decreto, a deliberação da abertura do processo de tombamento, assegura, desde logo, a preservação do bem até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção no Conjunto em termos de modificação, reforma ou destruição que possa vir a descaracterizá-lo sem a prévia autorização do CONDEPHAAT, além de poder ser punido e descumprimento do acima disposto com as sanções penais previstas no artigo 166 do Código Penal e da Lei 7.347, de 27.3.85.

SECRETARIA DA CULTURA, aos 26 de novembro de 1985

JORGE DA CUNHA LIMA
SECRETÁRIO DA CULTURA

328

PUBLICADO NO D.O.E.Sec.I, 6a.feira, 6/12/85 pag.39

CULTURA

Notificação

De acordo com o que dispõe o artigo 142 do Decreto 13.426, de 16-3-79, notificamos os proprietários e demais interessados que o Egrégio Colegiado do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado — CONDEPHAAT em sua sessão do dia 18 do corrente, aprovou a abertura do processo 24.268/85, destinado ao tombamento do Conjunto denominado Vila Maria Zélia, localizado na rua Adilson Farias Claro, no bairro do Belenzinho, nesta Capital.

Nos termos do parágrafo único do já citado artigo 142 e do artigo 146 do mesmo Decreto, a deliberação da abertura do processo de tombamento, assegura, desde logo, a preservação do bem até decisão final da autoridade competente, ficando, portanto, proibida qualquer intervenção no Conjunto em termos de modificação, reforma ou destruição que possa vir a descaracterizá-lo sem prévia autorização do CONDEPHAAT, além de poder ser punido o descumprimento do acima disposto com as sanções penais previstas no artigo 166 do Código Penal e da Lei 7.347, de 27-3-85.

(6)



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º

do P. CONDEPHAAT n.º 24266 85 (a)

33

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

Em cumprimento ao item 2 da síntese de fls. 2, ao STCR para a devida instrução do processo.

GP., 06 de dezembro de 1985.


MODESTO SOUZA BARROS CARVALHOSA

Presidente



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 34

do P. CONDEPHAAT n.º 24268/85 (a)

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia Localizado à rua Adilson Farias Claro nesta Capital.

A historiadora
Marie Juchador de
manifestações
16/12/85
Sueli Tel

À Diretoria Técnica

Encaminho resenha histórica sobre a
Vila Maria Zélia, sem comitê cópias "xerox"
de documentação de mencionada vila (impor-
tantes como ilustrações), artigos etc...

29/04/1987

MA Guizzo Decca



| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

RESENHA HISTÓRICA/PROCESSO DE TOMBAMENTO DA VILA MARIA ZÉLIA, localizada à Rua Adilson Farias Claro, Belenzinho, nesta Capital.

Uma Antiga Vila Operária da Cidade de São Paulo:
A vila Maria Zélia

1. Introdução - A Habitação Operária em São Paulo - Vila Maria Zélia, caso único?

Desde os fins do século XIX, mais precisamente a partir de 1890, a cidade de São Paulo passa a apresentar como característica marcante tipos de habitação destinados especificamente à moradia da classe operária, em constituição desde as décadas de 1870-1880, devido ao crescimento das atividades comerciais e industriais. O proletariado industrial e urbano que emergia em São Paulo, centro urbano em expansão acelerada a partir de 1870, se aloja precariamente em habitações geralmente coletivas onde o aluguel é elevado. O padrão municipal de 11/08/86 já discriminava a "habitação operária", prevendo uma periferização compulsória, uma segregação espacial do operariado. (1) Na verdade, o poder público constatava, pelo menos

(1) SEGAWA, Hugo - "Anos 10. Um Concurso de Habitação Operária" in Módulo. Revista de Arte, Cultura, Arquitetura, Meio

36
JLS

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

em parte, o que ocorria, uma vez que o operariado se localizava principalmente nos bairros da várzea que se formavam em volta do centro da cidade.

A constituição dos chamados bairros operários na capital do estado é bastante conhecida.(2) O núcleo urbano de São Paulo se iniciara dentro de um maciço, espigão ou colina cercado por regiões de várzea, ribeirinhas (rios Tietê e Tamandua-teí). Com o desenvolvimento da economia cafeeira e início da atividade industrial, o processo de urbanização tornou-se bastante rápido, principalmente a partir dos anos setenta do século XIX, sendo agregadas novas áreas ao espaço urbano até então existente. Com a construção das estradas de ferro, as regiões de várzea vão sendo incorporadas ao centro, à cidade. Por volta de 1890 já se encontrava na capital uma divisão que é acentuada e definida nas duas primeiras décadas do século XX: na sua parte alta, no maciço, os bairros mais ricos e na parte baixa, na várzea, os bairros operários, pobres e insalubres.

A própria localização espacial da relação capital-trabalho, classes dominantes e dominadas, havia possibilitado este ti-

(2) PRADO, Caio(Jr) - "Contribuição para a Geografia Urbana... in Evolução Política do Brasil e Outros Estudos, São Paulo, Brasiliense, 1951, pp. 117-146

MORSE, Richard - Formação Histórica de São Paulo, São Paulo, DIFEL, 1970

Vários autores - "História dos Bairros de São Paulo", Se

37
All

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

po de configuração, que aliás não é característica específica da cidade de São Paulo. Esses bairros eram, em geral, bairros mistos, de residências operárias e indústrias. Os industriais permutavam terrenos com a Municipalidade ou compravam os terrenos da várzea a baixo preço. A escolha de locais para o estabelecimento das indústrias, fábricas, obedecia à certas invariantes ou "lógica": locais onde o preço do terreno era mais baixo, próximos de estradas de ferro para embarque e desembarque (caso do Brás, notadamente, o maior, mais antigo e importante bairro operário da capital), razoavelmente servido de "transporte" para locomoção da classe trabalhadora etc... Por outro lado, o bairro preço dos terrenos da várzea até meados da década de 1910 (1915 mais ou menos), fazia o loteamento e a construção de residências humildes nestes locais um negócio altamente lucrativo, fixando-se neles o operariado (o "trabalho"). Os industriais ou buscaram situar os operários próximos aos estabelecimentos fabris ou, inversamente, colocaram as indústrias em locais densamente habitados pela população mais pobre em função dos preços mais baixos das habitações dos bairros de várzea ou de bairros altos, mais distantes, sem quaisquer melhoramentos (o bairro da Casa Verde é um dos exemplos).(3)

(3) DECCA, Maria A. Guzzo - A Vida Fora das Fábricas: Cotidiano no Operário em São Paulo-1927/1934, Campinas, tese de mestrado, IFCH/UNICAMP, 1983, mimeo., pp. 4-5.

38
Hoff

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

Os bairros operários mais antigos foram o Brás (4) e Móoca, Belém, Belenzinho, Pari na "Zona" leste da cidade, Barra Funda, Bom Retiro, Bela Vista na área mais central trechos da Lapa, Água Branca, na "zona" oeste, além do Cambuci, Ipiranga (sudeste) etc... configurando-se como bairros industriais e populosos.

Os trabalhadores industriais e urbanos ao longo das primeiras décadas do século XX ainda ocupam massivamente esses bairros antigos e bairros ainda distantes como a Penha que se configura como bairro operário, trechos do bairro de Pinheiros, áreas deterioradas do centro, etc... Mesmo ao longo da década de trinta era detectada a existência de zonas sociais típicas na capital do estado, tendo observadores do período esboçado mesmo uma "geografia" das classes ao refletir sobre a configuração do espaço urbano. (5)

Durante as décadas iniciais do século XX, os bairros que abrigavam o proletariado mantiveram muitas das suas características iniciais a despeito da renovação urbana das áreas mais centrais e crescimento acelerado (início dos anos trinta).

(4) TORRES, Maria C. - O Bairro do Brás - "História dos bairros de São Paulo", São Paulo, Departamento de Cultura, Secretaria da Educação e Cultura, Prefeitura de São Paulo, 1969.

(5) A.E.S.P. - "Ensaio de um método de Investigação do Nível Social de São Paulo pela distribuição da Profissão de Pais dos alunos das Escolas Públicas Primárias" in Revista do Arquivo Municipal, Departamento de Cultura e

39
[Handwritten signature]

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

Os bairros operários e pobres apresentavam aspectos semelhantes: ruas inteiras de casas feitas em série, habitações pobres, habitações coletivas, pequenas oficinas, pequenas ou grandes fábricas, pequeno comércio, sistema deficiente quanto à infraestrutura urbana essencial (água e esgotos) etc...

Congregado nesses bairros o operariado industrial e urbano vivia, em geral, em habitações coletivas: vilas, cortiços e porões.(6)

Na capital do estado de São Paulo, as vilas operárias, geralmente construídas próximas às fábricas e empresas, eram em preendimento de especuladores individuais, companhias construtoras e imobiliárias ou industriais (no caso primordialmente destinadas para locação de mão-de-obra qualificada), constituindo ao lado de cortiços e porões negócio bastante lucrativo. O poder público encorajou tanto companhias públicas como privadas a construírem "vilas operárias higiênicas" em terrenos da periferia, mais baratos, estabelecendo medidas desde 1987. O município de São Paulo passa a legislar mais efetivamente sobre a habitação operária com a Lei nº 498 de 14 de dezembro de 1900. Os poderes públicos municipais e estaduais facilitaram, desde então, um investimento seguro de capital no negócio da habitação popular e operária garantindo um retorno altamente compensador, limitando os juros para o capital invertido na construção de "casas populares". Os "investidores"

(6) DECCA, Maria A. Guzzo - "No Interior da Moradia Operária São Paulo - 1900/1940" in Anais do Museu Paulista, São

40
1985

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

fizeram dos aluguéis um alto negócio já nos inícios do século XX, nas duas primeiras décadas.(7)

Exemplo bastante expressivo é o da Companhia Iniciadora Predial que na década de trinta se dedicava à construção de casas para a classe média, mas que nos anos de 1912, 1913, havia se lançado à construção de moradias operárias. A Companhia adquiria, em boas condições de preço, terrenos em vários bairros da cidade, nos quais construía grupos de habitações de um só pavimento, para operários, e de sobrados de tipo popular também para pequeno aluguel, representando tais operações em prego rendoso de capital.(8)

Companhias "mutualistas" (por exemplo, União Mútua, Companhia Construtora e de Crédito Popular, Companhia Mútua de Crédito Predial, etc...), Cooperativas (por exemplo, a Cooperativa Paulista) investiram também no vantajoso negócio da habitação operária/popular, cobrando às vezes aluguéis elevados

Alguns industriais também construíram junto às suas fábricas ou estabelecimentos vilas operárias, embora na capital do estado esse esquema não fosse tão frequente como se supõe em geral. Segundo Bandeira Junior, por volta de 1900, Antonio

(7) DECCA, Maria A. Guzzo - A Vida Fora das Fábricas..., op. cit., p.p.48-49.

(8) Impressões do Brasil no século vinte - Sua História, Seu Povo, Comércio, Indústria e Recursos, Londres, LLOYD'S Greater Britain Publishing Co. Ltd., 1913, p.669.



| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

Penteado já edificava no Brás, ao lado dos edifícios onde funcionavam suas fábricas, outro destinado à habitação dos seus numerosos operários, mas esse tipo de iniciativa não se generalizou na cidade pelo menos até meados da década de 1930. Primeiramente porque esse tipo de empreendimento demandava inversão relativamente alta de capital, possível somente para os grandes estabelecimentos industriais, os quais não foram maioria até inícios dos anos trinta. Em segundo lugar, porque não houve necessidade premente de fixar os trabalhadores não especializados junto às fábricas ou locais de trabalho. Geralmente as vilas operárias ou conjuntos de habitações operárias de propriedade das indústrias se destinavam, na cidade de São Paulo, aos mestres e contramestres que era necessário reter e controlar junto à produção. A Companhia Antártica, por exemplo, edificou na rua da Móoca uma série de casas, mas apenas para os "cervejeiros", operários mais especializados. Outros exemplos também são bastante ilustrativos. A Companhia de Calçados Clark, cuja fábrica havia sido fundada no bairro da Moóca em 1904 e, que em 1913 contava com cerca de 450 operários, tinha casas edificadas unicamente para os contramestres, que eram ingleses ou italianos, considerados "habilíssimos" em seu ofício. Além das moradias dos contramestres existiam, nas vizinhanças da fábrica, instalações recreativas e educativas oferecidas no intuito de preservá-los junto às suas funções. A Fábrica de Ferro Esmaltado Silex situado no Ipiranga (rua Thabor), que em 1919 ocupava área de 40.000m² empregan-

42
[Handwritten signature]

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

do no período cerca de 500 operários dispunha apenas de cinquenta casas reservadas para residência dos operários mais antigos. (9)

Vilas operárias de propriedade de estabelecimento industriais, que ofereciam algumas "vantagens" maiores aos operários ali residentes (maior número de habitações com aluguéis mais baixos, melhores condições materiais de vida em geral) eram mais frequentes no interior do estado de São Paulo que na capital, ao menos até meados da década de trinta deste século. No interior do estado várias indústrias haviam se constituído longe de povoações ou municípios necessitando por isso erguer vilas operárias para moradia dos seus trabalhadores. Com o fito de fixar o operariado junto à fábrica, os industriais (em geral grandes industriais) ofereciam algumas facilidades aos trabalhadores para que estes se dispusessem a permanecer junto aos locais de trabalho. Constitui exemplo bastante expressivo nesse sentido a Fábrica Votorantin. Suas primeiras instalações para máquinas foram erguidas no início do século, mais ou menos em 1904. Localizada nas proximidades de Sorocaba (6Km de Sorocaba e 115Km de São Paulo) a indústria teve, no entanto, que construir na época uma linha férrea para comunicar-se com Sorocaba e praticamente construir uma cidade operária para moradia dos seus trabalhadores.

(9) DECCA, Maria A. Gouzzo - A Vida Fora das Fábricas..., op. cit., p.p., 50-51

43
[Handwritten signature]

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

Na capital do estado algumas fábricas construíram vilas operárias devido à sua localização nos inícios do século. A cooperativa das Fábricas de Chapéu (Cia. Manufatora Paulista, Manufatora de Chapéus Italo-Brasileira, Souza Pereira e Cia. etc...) mantinha em 1913 uma vila operária de sua propriedade junto à fábrica de Vila Prudente, lugarejo na época considerado "próximo da capital". A Falchi é o exemplo mais conhecido nesse sentido, pois deu origem ao bairro de Vila Guilherme.

Alguns estabelecimentos industriais de certo porte também investiram na construção de casas populares na capital alugando-as a preços relativamente elevados para seus operários (Vidraria Santa Marina, Cotonifício Rodolfo Crespi, Cigarros Sudan, Chapéus Ramenzoni, a Cia. Lacta). O operariado pagava os aluguéis exigidos atraído pela facilidade de se situar próximo aos locais de trabalho.

No contexto definido até aqui, a vila operária "Maria Zélia" surge quase como exceção, como caso incomum de iniciativa entre os industriais na cidade de São Paulo. Jorge Street, grande industrial textil, dos inícios do século, proprietário da Fábrica de tecidos "Maria Zélia" situada no Belenzinho, decide edificar nas proximidades da mesma uma "pequena cidade" para moradia de seus operários na década de 1910. Não se tratava apenas de construir casas para o operariado, mas de erigir edifícios "onde se localizavam os equipamentos de assistência social e recreação, como a creche;

40
1001

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

Jardim de infância; dois grupos escolares - Escola de Meninos e Escola de Meninas - com dez classes de aula cada uma, com capacidade para acolher 400 alunos em três períodos, sendo que à noite havia ensino para adultos; um prédio para Farmácia e Gabinete Médico, um prédio de dois pavimentos onde funcionava o restaurante dos operários e oficina de calçados no pavimento térreo e salão de festas, cassino de biblioteca no superior; outro prédio de dois pavimentos com armazém, quitanda e loja de tecidos no térreo e salão de recepções no superior; um gabinete dentário; uma igreja; um açougue; um coreto onde tocava a banda de música constituída somente por operários da fábrica; um teatro; uma casa de máquinas e um campo de esportes da sociedade recreativa."(10) A vila operária constituía, portanto, um pequeno mundo auto-suficiente, prolongamento da fábrica e extensão do universo fabril.

Do ponto de vista do capital significava investir no "bem estar" do operariado visando um retorno na "forma de produção" como bem salienta Eva Blay.(11) A leitura da imprensa operária do período, por outro lado, dá também a dimensão da intenção de controle e dominação social embutida nesse tipo de obra de "benemerência" em relação ao proletariado industrial e urbano de São Paulo; cumpria disciplinar a vi-

(10) MAGNANI, Luis Antonio C.- Vila Maria Zélia-São Paulo, Curso de especialização em Restauração e Conservação de Monumentos e Conjuntos Históricos., p.2

(11) BLAY. Eva A. - Eu não tenho onde morar - Vilas operárias

45
100

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

da operária fora das fábricas para garantir a ordem, obediência e produtividade no interior do espaço de trabalho, o espaço fabril. Alguns estudiosos da vida e atuação de Jorge Street enfatizaram o seu caráter de industrial progressista, homem preocupado com seus trabalhadores, um paternalista de acordo com sua época, um benfeitor...

Estas últimas apreciações sobre Jorge Street, bastante discutíveis de um ponto de vista analítico e crítico, foram endossadas por vários observadores do período, que ressaltaram sobretudo a excepcionalidade de seus empreendimentos, paradigma a ser seguido pelos demais industriais, omissos em relação aos problemas sociais.

Em meados da década de vinte quando a vila Maria Zélia já era de propriedade dos Scarpa, industriais textéis importantes em São Paulo, depoimentos do período reafirmavam a singularidade desse tipo de vila operária na cidade.

Assim, em 1926, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo constatava:

"A Sociedade de Medicina poderia fazer um apelo aos industriais, no sentido de construir casas para seus operários, não só no sentido de lhes oferecer vida melhor, como para estabilizá-los, no que lucrará a própria indústria.



| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

Seria uma preciosa colaboração ao problema que pela sua extensão, necessita da cooperação de todos. Apelo aliás perfeitamente justo e realizável, pois a Fábrica Maria Zélia, oferece aos seus operários, além de outros benefícios, casas perfeitamente higiênicas e confortáveis"(12)

A creche da Vila Maria Zélia, denominada Vila Scarpa na década de vinte, foi ao longo desse período enaltecida como iniciativa única em relação aos filhos de operários e pobres por parte do patronato industrial de São Paulo. Comentando a respeito da assistência à infância pobre na Europa e, mais particularmente, na França, um médico concluía que em São Paulo a situação era bastante precária nessa questão, constituindo a creche da "Maria Zélia" honrosa exceção:

"Devemos confessar que a esse respeito quase nada foi feito entre nós a não ser a iniciativa, toda particular da Fábrica Maria Zélia, como veremos nos capítulo II" (...)

"... existe em São Paulo, outra creche particular, pois é mantida pela Fábrica de tecidos "Scarpa".

Estabelecimento modelar, onde as mães en quanto trabalham, deixam os seus filhos, entregues à solicitude das "Irmãzinhas da Imaculada Conceição".

(12) MELLO, F.Figueira - "Habitações Coletivas em São Paulo", em Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia

47
LAA

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

É irrepreensível a limpeza mantida pelos cuidados da direção, naturalmente favorecida pela boa disposição arquitetônica que obedeceu a traçado inteligente.(...)

Esta creche está luxuosamente instalada e, condição ideal, se encontra próximo ao local onde as mães dos "bebês" trabalham, o que facilita muito, a alimentação ideal do lactante, isto é, o aleitamento materno".(13)

Outro depoimento da década de vinte reafirmava o caráter quase único, a excepcionalidade da Vila Maria Zélia, principalmente quanto às atividades desenvolvidas em relação às crianças, filhas dos operários da fábrica.

"Pertencem ao último grupo, os industriais que mantêm um serviço de proteção à infância regularmente organizado.

Entre os inúmeros estabelecimentos fabris da Capital, um só se encontra nestas condições: a Fábrica Maria Zélia, situada no Belenzinho." (14)

Qualquer seja o sentido que se queira atribuir a vila Maria Zélia, empreendimento de um industrial progressista dos inícios de nosso século, meio de controlar a força de trabalho junto à fábrica barateando e investindo na produ

(13) PASCARELLI, Vicente. Da "Proteção à Primeira Infância em São Paulo", São Paulo, Irmãos Ferraz, 1926-p.9 e pp. 41-45

(14) AMERICANO, Jaime. Condições de Trabalho e Salário



| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

ção, instrumento de disciplinarização e dominação sobre o operariado, o que cumpre salientar é o caráter singular dessa vila operária no contexto da industrialização na cidade de São Paulo.

2. A Vila Maria Zélia: de sua criação em 1916 aos dias de hoje.

Jorge Street foi o "proprietário-idealizador" da Vila Maria Zélia. Nasceu em 22 de setembro de 1863 no Rio de Janeiro e faleceu em fevereiro de 1938. Filho de pai austriaco e mãe francesa, Jorge Street fez seus estudos na Europa e no Brasil. Transfere-se para São Paulo nos inícios do século comprando a Fábrica Santana, de propriedade de Antonio Penteado, em 1904; pouco mais tarde, em 1912, fez um grande empréstimo junto a bancos ingleses para instalar na cidade de São Paulo outra fábrica de algodão. No Belenzinho encontrou terreno adequado para o empreendimento: suficientemente grande (o terreno ia do rio Tietê até a Avenida Celso Garcia), com "abundância de mão-de-obra" (o Belenzinho era bairro operário) e "água em quantidade necessária a todas as etapas da produção textil". (15)

A construção da fábrica importou em gastos vultosos, mas a despeito das dificuldades financeiras, Jorge Street decide erigir a vila operária junto à mesma, planejando qua-

49
SAA

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

se uma "pequena cidade" para os operários. Contrata o arquiteto Pedarrieu~~x~~, que já havia "desenhado sua residência no Rio de Janeiro", para elaborar o projeto, pronto em 1911. O "término das obras de construção se dá em 1916". Sendo o arquiteto Pedarrieu~~x~~ francês, a vila segue os modelos comumente usados nas vilas industriais européias: "traçado em malha ortogonal, com os edifícios de serviços comunitários dispostos nos espaços mais nobres, próximos aos jardins e acessos principais, desenvolvendo-se, a partir daí, o conjunto das habitações!" (16)

Segundo apreciação arquitetônica, o tratamento dos edifícios pode ser visto em três grupos:

1. Os edifícios "comunitários" com sua vestimenta eclética aos moldes ingleses.
 2. Os quarteirões residenciais com elementos decorativos "Art Decô".
 3. Os chalés que ocupam a extensão de uma das ruas".
- (17)

Ainda de acordo com a mesma avaliação: os chalés são unidades independentes justapostas, no que se distinguem dos

(16) MAGNANI, Luis Antonio C. - op. cit., p.2

(17) MAGNANI, Luis Antonio C. - op. cit., p.3

50
[Handwritten signature]

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

demais quarteirões, os quais são tratados como um todo; "a "unidade" é o quarteirão, não as casas isoladamente". O agenciamento "é feito de forma racional, em xadrês, distribuindo as ruas num sentido e as "travessas" no outro". As fachadas principais das residências e demais edifícios se voltam para as ruas, com exceção daqueles que estão localizados nos limites das praças e avenidas. Nos quarteirões residenciais, somente as janelas laterais das casas de esquina se abrem para as travessas; nenhuma porta se abre para as mesmas travessas (18).

A vila foi construída de uma só vez, sendo o conjunto de alvenaria de tijolo revestida com cimento e pó de pedra, recebendo pintura em tons claros. As estruturas dos telhados e pisos são em sua maior parte de madeira aparecendo nos edifícios maiores elementos de ferro fundido como pilares (escola, armazém, restaurante) ou arcos (na igreja). A arborização foi organizada nos jardins e em pequenos cantos em frente à algumas casas. Comentando a "harmonia do conjunto", e o "agenciamento racional do espaço e a volumetria", responsáveis pela coesão entre as diversas unidades, afirma o arquiteto:

"Com essas características de implantação e uso, em São Paulo, Vila Maria Zélia é a única que ainda permanece, segundo que se tem notícia". (19)

(18) MAGNANI, Luis Antonio C. - op. cit.. p.3



| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

De 1916 até 1931 a vila Maria Zélia permanece como propriedade particular, primeiramente dos Street e depois dos Scarpa, atrelada à fábrica de tecidos Jorge Street vende para Nicolau Scarpa, grande industrial textil em São Paulo, a fábrica e a vila operária em 1925. Como todo o conjunto é adquirido pela Sociedade Anônima Scarpa em janeiro de 1925, o nome da fábrica passa a ser Cotonifício Scarpa e a vila operária passa^a a denominar Vila Scarpa. Os estudiosos da antiga vila Maria Zélia costumam considerar o período de 1916/1931 como um só, pois embora tenha havido mudança de proprietários, os usos e funções do conjunto fábrica/vila permaneceram os mesmos. O álbum "Lembrança do Cotonifício Scarpa e da sua Organização Social", cuja cópia está anexada à essa informação, revela, de maneira clara, como o conjunto em questão preservou as mesmas características, não havendo qualquer alteração até 1931. A mesma organização social, inclusive, foi mantida, o que é claramente evidenciado no álbum sobre a Vila Scarpa.

(20)

Em 1931 os Irmãos Guinle e o Banco do Brasil adquiriram, por adjudicação, a fábrica e a vila operária como se pode notar nos autos da ação hipotecária que moveram contra a Sociedade Anônima Scarpa. Os Guinle Irmãos, comerciantes,

(20) Lembrança do Cotonifício Scarpa e da sua Organização Social, Arquivo do D.P.H.



| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

adquiriram posteriormente a parte (4/25 avos) que o Banco do Brasil detinha da propriedade em questão tornando-se os únicos proprietários. Como a fábrica foi desativada por volta de 1930-1931, a vila, enquanto dos Guinle, constituiu propriedade destinada a aluguel, perdendo seu vínculo direto com a indústria, existente anteriormente. Como a propriedade passava a ser utilizada para fins de renda/especulação, uma parte da mesma foi vendida à Goodyear do Brasil em 1938. A "Goodyear" comprou algum terreno e a fábrica e, para ampliá-la, desmanchou toda uma rua, a "Um" a creche e o jardim de infância(21). Durante o período em que os Guinle foram donos do conjunto, 1931-1940, a fábrica desativada chegou, inclusive, a ser usada como prisão antes de sua compra pela Goodyear, o que demonstra o caráter de "cidadela fechada" da Vila Maria Zélia.(22)

Em 1940 os Irmãos Guinle vendem a área do conjunto já reduzida para o I.A.P.I.: "Que tem justo e contratado vender ao outorgado comprador uma parte desmembrada do imóvel acima mencionado, parte esta em que se acha localizada a "Vila Maria Zélia", à rua dos Prazeres, nº 362, antigo nº2, fazendo frente, também, para a rua dos Amores e rua Jequitinhonha, até as margens do rio Tietê, com a área total de

(21) ESCRITURA de Compra e Venda (Certidão) - Lavrada em 5/12/1940, L.164, fls.24 a 30 no 15º Ofício da Capital Federal Outorgante Guinle Irmãos-Outorgado I.A.P. dos Industriários.

(22) MAGNANI, Luis A.C. - op. cit., p.8

53
[Handwritten signature]

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

noventa e cinco mil e trezentos metros quadrados (95.300,00m²) ..."(23). Quando a escritura sintetiza os limites da propriedade pode-se perceber que, além da parte vendida à Goodyear do Brasil, outra área, em data não definida, havia sido vendida aos Irmãos Bruderer: "As confrontações, já mencionadas, são em resumo as seguintes: ao norte confronta com a rua Jequitinhonha, ao sul com a propriedade da Companhia Goodyear do Brasil, a leste com o rio Tietê e a oeste com a rua dos Amores, com a propriedade dos Irmãos Bruderer e com a dos outorgantes vendedores e com a rua dos Prazeres". (24) A escritura de compra e venda da antiga Vila Maria Zélia dos Guinle para o I.A.P.I., 1940, cuja cópia está anexada à esta resenha, revela que, a despeito das modificações e demolições ocorridas no conjunto, sua maior parte permanecia preservada no período. No final da folha 3 e às folhas 4 e 5 encontra-se minuciosa descrição dos edifícios coletivos e dos vários tipos de residências existentes na vila operária nos inícios da década de 1940.

O I.A.P.I. iniciou um processo de venda dos imóveis aos até então inquilinos e o INPS, proprietário posterior, continuou, não sem problemas, com o mesmo procedimento.

"O INPS deu preferência aos inquilinos e as 10 ou 12 casas desocupadas foram vendidas por concorrência. Os preços variaram um pou

(24) Escritura de Compra e Venda (Certidão) Guinle/IAPI, 1940, op. cit., fls. 3.



| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

co conforme o tamanho, mas o exame de um contrato realizado em 19 de maio de 1969, estipulava que o preço total seria de Cr\$6.467,00. Porém, após pagarem 17 prestações, foram refeitos arbitrariamente os contratos e ampliados os valores das prestações que passaram a ser regidas pelo sistema do B.N.H. Além dessa arbitrária alteração após o primeiro contrato, se o comprador quiser, hoje em dia, saldar a dívida ele não recebe a escritura. Também nada pode ser feito sem a autorização do INPS. O número de prestações foi ampliado para 244 meses e os compradores sentem-se logrados e inseguros" (25)

Ficaram como propriedades do INPS os prédios do antigo armazém, igreja e restaurante. O INPS demoliu em 1976 o clube esportivo e social "Maria Zélia" para construir no local um hospital. A imprensa lamentou o episódio por ser o clube um dos mais antigos e tradicionais na cidade de São Paulo (A Folha de São Paulo - 27/09/76).

Estudo minucioso sobre a vila em questão, já citado, mostra como os serviços prestados aos moradores foram sendo interrompidos: O "Armazém", os consultórios médico e dentário, a farmácia fecharam, ficando as escolas desocupadas por muito tempo. No local do restaurante passou a funcionar um bar e no pavimento superior a "sociedade recreativa", meio sem função devido à perda de sua área esportiva. (26)

(25) BLAY, Eva A. - op. cit., p.242



| | | | |
|---------------|--------|-----|---------|
| Do | Número | Ano | Rubrica |
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

Na medida em que os "equipamentos de uso social" deixaram de existir acentuou-se a ligação da população da vila com o bairro e com a própria cidade, perdendo a antiga "Maria Zélia" seu caráter de espaço fechado.

Nos fins da década de 1970 o estado das residências da vila Maria Zélia foi observado e avaliado quanto aos seus aspectos físicos externos: 67 residências, 42,14% do total existente, não apresentavam quaisquer descaracterizações; 52 residências, equivalentes a 32,66% do total, mostravam apenas intervenções primárias (mudança de caixilho com permanência da sua distribuição na fachada, casos de supressão de elementos decorativos, modificações nas grades, muros e portões, acréscimos de pequenas cornijas sobre as janelas e portas, colocação de novos elementos decorativos e/ou revestimento nas fachadas, como azulejos, ladrilhos, pedras, pastilhas, chapiscos, etc., substituição do calçamento original de cimento por qualquer outro tipo de piso); 21 residências, 13,2% do total, apresentavam alterações de "terceiro nível" (seriam acompanhadas das intervenções primárias consistindo de acréscimos de lajes de garagem, marquises, mudanças na distribuição dos vãos); finalmente, 16 residências, apenas 10% do total, estavam seriamente descaracterizadas (neste caso, o "quarto nível", as interferências seriam de maior vulto, representando acréscimos de cômodos no espaço antes ocupado pela área fronteira. eliminação do norão para subdivisão de



5621

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

do espaço original em dois pavimentos, construção de um segundo pavimento rompendo com a volumetria tanto na altura como lateralmente. (27)

No mesmo período, embora não se tenha feito um levantamento tão detalhado no interior das residências, constatou-se que, as intervenções/adaptações mais comuns foram a de "trazer o banheiro para dentro da casa" e a ampliação das cozinhas, o que ocasionou a redução ou desaparecimento dos quintais, sempre muito pequenos, como era de praxe em casas operárias. (28)

Como se pode depreender dos dados mencionados acima, a maior parte das residências, 74,80%, apresentava poucas modificações encontrando-se bem preservada no final da década de 1970.

Já passaram alguns anos após o levantamento arquitetônico cuidadoso realizado pelo Arquiteto Magnani. Assim, hoje, em 1987, torna-se imprescindível nova avaliação e/ou novo levantamento por parte de outro profissional arquiteto.

(27) MAGNANI, Luís A.C. - op. cit., pp. 12/13.

(28) MAGNANI, Luís A.C. - op. cit., pp. 13/14



57/2007

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

3. O Significado Histórico da Vila Maria Zélia e a importância de sua preservação

A Vila "Maria Zélia", antiga e singular vila operária na cidade de São Paulo, constitui patrimônio cultural importante por várias razões. Permite, por um lado, que se avalie as condições de existência do operariado nas primeiras décadas da industrialização em um dos centros industriais mais importantes do país, abrindo possibilidades para que se dimensione as condições de reprodução da força de trabalho fabril na capital do estado naquele período. Por outro lado, a vila "Maria Zélia" como modalidade de habitação operária remete também à questão do desenvolvimento urbano e é um marco de um tipo de ocupação de espaço em um centro urbano que cresceu aceleradamente nas primeiras décadas do século XX em função da industrialização. Como outras vilas congêneres, existentes sobretudo no interior do estado de São Paulo, a "Maria Zélia" configura um tipo de moradia popular/operária, com concepção e instalação bastante particulares. Ainda que obedecendo os moldes europeus, tal tipo de moradia proletária adquiriu traços específicos em São Paulo. Esses pequenos núcleos operários como a "Maria Zélia" visavam assegurar a permanência dos trabalhadores junto à produção mediante algumas "vantagens" de ordem social. O trabalhador



| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

beneficiado em alguns aspectos, tinha sua vida circunscrita ao mundo fabril e o seu cotidiano imbuído da disciplina e da moral do trabalho. Não foi gratuito o fato da vila ter servido como prisão política durante o Estado Novo: seu espaço se prestava à essa função.

Embora existam vilas operárias semelhantes quanto ao projeto e implantação em regiões e cidades do estado de São Paulo, na capital, a vila "Maria Zélia" parece ser única. Como se demonstrou anteriormente, as indústrias buscavam oferecer um esquema parecido de habitação apenas para os operários especializados, considerados "habilíssimos" em seu ofício, pois na cidade de São Paulo havia oferta abundante de força de trabalho. Não se tem notícia de outra vila operária como a "Maria Zélia", pequena "cidade" erigida na década de dez, com um total de 200 residências e outros edifícios de uso coletivo.

A vila operária em questão tem uma dimensão toda particular no âmbito da cidade merecendo ser preservada por seu valor histórico-cultural.

Como afirmou Eva Blay, seus habitantes atuais, descendentes de antigos moradores operários, não apenas tem vínculo afetivo com a "sua" vila. Reconhecem sua originalidade e sua importância histórica: "As pessoas mais antigas da vila Maria Zélia são muito ciosas de tudo o que se escreve sobre a mesma. Várias delas possuem recortes de

59
10/11

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

parte da cidade que lhes pertence. Avaliam criticamente este material e se mostram revoltadas quando alguns "intelectuais" fazem considerações inexatas. Tem muita consciência do sentido histórico do lugar onde moram." (29)

Alguns recortes de jornais, cujas copias "xerox" encontram-se em anexo, revelam o interesse que a Vila "Maria Zélia" despertou e desperta pelo que simboliza no contexto urbano paulistano.

A ambiência da vila foi valorizada em estudos de fins da década de setenta e a preservação da mesma foi recomendada em 1977 em conjunto com a de outros bens culturais existentes no Belenzinho e no Brás. ("ZML-1"-trabalhos desenvolvidos na zona leste de São Paulo pela COGEP, Secretaria Municipal de Cultura-Departamento de Patrimônio Histórico-Divisão de Preservação) (30)

A antiga vila operária "Maria Zélia" deve ser considerada significativa face às várias análises, de abordagens diferentes, realizadas por profissionais de formação diversa. Sociólogos, arquitetos e historiadores enfatizam sua representatividade em termos ambientais, arquitetônicos e históricos e tem acentuado a validade de sua preservação do ponto de vista da formação histórica de São Paulo.

W. Aguiar de Souza
historiadora - STCR

60
201

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|---------------|--------|-----|---------|
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

BIBLIOGRAFIA

1. Álbum - "Lembrança do Cotonifício Scarpa e da Rua Ornização Social" - Arquivo do D.P.H.
2. AMERICANO, J. Cardoso - Da Proteção ao Lactante em nosso Meio Operário, São Paulo, Tipografia Martini, 1924.
3. BLAY, Eva A. - Eu não tenho onde morar. Vilas Operárias na cidade de São Paulo, São Paulo, Ed. Nobel, 1985.
4. Coleção - História dos Bairros de São Paulo, vários volumes, S.P., Secretaria Municipal de Cultura, D.P.H.
5. DECCA, Maria A. Guzzo - A Vida fora das Fábricas: Cotidiano Operário em São Paulo - 1927/1934, Campinas, tese de mestrado, IFCH-UNICAMP, 1983.

- "No Interior da Moradia Operária-São Paulo 1890/1940" in Anais do Museu Paulista, SP., Tomo XXXIII, 1984, pp. 97.109 .
6. Escritura de Compra e Venda (Certidão) - Lavrada em 5/12/1940. L.164, fls. 24v a 30 no 15º Ofício da Capital Federal, Outorgante Guinle Irmãos-Outorgado I.A.P. dos Industriários.



6/10/77

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------------|--------|-----|---------|
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

7. Folha de São Paulo - 29/12/1974; 08/09/1976; 07/07/77
8. FOOT, F/Leonardi, V. - História da Indústria e do Trabalho no Brasil, São Paulo, Global, 1982.
9. Impressões do Brasil no Século XX - Sua História, Seu Povo, Comércio, Indústria e Recursos, Londres, Lloyd's Greater Britain Publishing Co. Ltd., 1913
10. MAGNANI, Luis A.C. - Vila Maria Zélia - São Paulo, Curso de Especialização em Restauração e Conservação de Monumentos e Conjuntos Históricos.
11. MELLO, F.Figueira- "Habitações Coletivas em São Paulo" in Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 1926, v. IX, 3ª série, nº 4.
12. MORSE, Richard - Formação Histórica de São Paulo, S.P., Difel, 1970.
13. PASCARELLI, Vicente - Da Proteção à Primeira Infância em São Paulo, S.P., Irmãos Ferraz, 1926.
14. PRADO, Caio - "Contribuição para a Geografia Urbana da Cidade de São Paulo" in Evolução Política do Brasil e outros Estudos, S.P., Brasiliense, 1961.



| | | | |
|---------------|--------|-----|---------|
| Do | Número | Ano | Rubrica |
| P. CONDEPHAAT | 24268 | 85 | |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

- 15. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, Departamento de Cultura e Recreação, 1935, nº 23, pp.189-206
- 16. SEGAWA, Hugo - "Anos 10. Um concurso de Habitação Operária" in Módulo, Revista de Arte, Cultura, Arquitetura, Maio/Junho, 1981.
- 17. TORRES, Maria C. O Bairro do Brás - "História dos Bairros de São Paulo", S.P., Departamento de Cultura, Secretaria de Educação e Cultura, Prefeitura de São Paulo, 1969.

Luiz Augusto Decio
29/04/87

A
Diretoria Técnica
... da manifestação deste
S.T.C.R. nº 35 a 62 ... encaminhamos
para as providências cabíveis. (E. Conselho)
S.T.C.R. 30/4/87.

[Handwritten signature]
ANA DE GOUVEA
Diretora
CONDEPHAAT



| | | | |
|---------------|--------|-----|---------|
| Do | Número | Ano | Rubrica |
| P. CONDEPHAAT | 24208 | 85 | |

INT.: CONDEPHAAT

ASS.: Tombamento da Vila Maria Zélia, localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

Retornem os autos ao STCR para avaliação final, tendo em vista o caráter arquitetônico do imóvel.

DT/CONDEPHAAT, 19 de Maio de 1987.

JUDITH MOWARI

Diretora Técnica Substª

JM/lbg.



69
02

| | | | |
|--------------|--------|-----|--------------------------|
| Do | Número | Ano | Rubrica |
| P.CONDEPHAAT | 24268 | 85 | decisa 25.05.87 02 |

Interessado: CONDEPHAAT

Assunto: Tombamento da Vila Maria Zélia localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

Ao arquiteto Luiz Lima
para manifestação
S.T.C.R., 26. 5. 87

Rapresentante
pp - Dir. Serv. Téc.



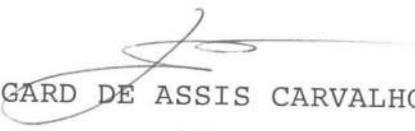
| | | | |
|-------|--------|-----|---------|
| Do | Número | Ano | Rubrica |
| CARTA | | | |

INT.: MARIA FERNANDA D. A. MARQUES

ASS.: Ref. ao P.CONDEPHAAT - 24.268/85

1. À SA para juntar ao respectivo processo;
2. Ao GP para verificar a possibilidade de atendimento.

GP/CONDEPHAAT, 10 de julho de 1989.


EDGARD DE ASSIS CARVALHO
Presidente

DS/ahm.

Processo 24268/85

66/12

SÃO PAULO, 04 DE JULHO DE 1989.

AO EXMO. SR. EDGAR DE ASSIS CARVALHO, PRESIDENTE DO CONDEPHAAT

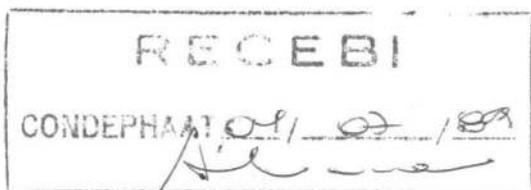
ASSUNTO: REQUERIMENTO DE ACESSO AO PROCESSO DE TOMBAMENTO DA VILA MARIA ZÉLIA.

NÓS, ESTUDANTES DO 2º ANO DE ARQUITETURA DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE MACKENZIE, ESTAMOS DESENVOLVENDO UM TRABALHO DE MAQUETE PARA APERFEIÇOAR OS ESTUDOS NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA ARQUITETURA I, MINISTRADO PELA PROFA MÁRCIA CRISTINA G. OLIVEIRA, A FIM DE RECONSTITUIR O ESPAÇO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DA VILA EM QUESTÃO DURANTE SEUS PRIMEIROS ANOS DE FUNDAÇÃO.

SOLICITAMOS, POR MEIO DESTA, VISTAS AO PROCESSO BEM COMO CÓPIAS DE PLANTAS E OUTROS MATERIAIS GRÁFICOS, IDENTIFICANDO AS QUADRAS ORIGINAIS E SUAS EDIFICAÇÕES.

ANTECIPADAMENTE AGRADECEMOS A SUA ATENÇÃO,

CECÍLIA INÉS JÓ
ESTHER TOMIYAMA
MARIA FERNANDA D.A. MARQUES
MIRIAN MIDORI CHICAOKA
VIVIANE MARIA ALVES FARONE
YOLANDA ATSUKO MORIKAWA.



Dutrizado

EDGAR DE ASSIS CARVALHO
Presidente

Esther Tomiyama

Maria Fernanda D.A. Marques



IAPAS/Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social

IAPAS - Ofício 421-009.0/18

São Paulo, 13 de julho de 1989

Prezado Senhor,

Pelo presente reiteramos os termos do nosso ofício 421-009.0/07, de 02/05/89.

Para melhores esclarecimentos, anexamos a este cópia xerográfica do mesmo.

Atenciosamente,



Valter Giugno Abruzzi

SECRETÁRIO REGIONAL DE ENGENHARIA
E ADMINISTRAÇÃO DO PATRIMÔNIO

Il. m^o Sr.

Dr. Paulo de Mtllo Bastos

DD. Presidente do CONDEPHAAT

Rua da Consolação, n^o 2.333

CAPITAL

LNB/vl.

Anexo: cópia do ofício 421-009.3/07/89

REMETENTE: IAPAS - 421-009.0



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ofício 421-009.0/07

Em, 02 de maio de 1989

Do Sr. Secretário Regional de Engenharia e Administração do Patrimônio - IAPAS
Endereço Viaduto Santa Ifigênia, 266 - 5º andar sala 502 - CEP:01207
Ao Ilmo Sr. Dr. Paulo de Mello Bastos - DD Presidente do CONDEPHAAT
RRA da Consolação nº2.333.

Assunto:

Prezado Senhor,

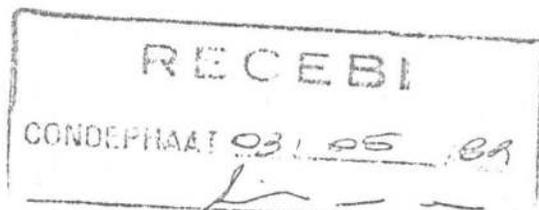
O IAPAS é proprietário de um prédio localizado na rua Adilson Farias Claro, 88, antigo Grupo Escolar, Conjunto Residencial Vila Maria Zélia.

Referido imóvel, em ruínas, é objeto de constantes reclamações por parte dos moradores do referido conjunto, que pelo seu estado apresenta ameaça de desabamento e também é abrigo para desocupados, pondo duplamente em risco a segurança dos transeuntes.

Em vistoria realizada pela Coordenadoria Regional de Engenharia e Obras deste Instituto foram constatadas as perigosas condições de estabilidade, com o aparecimento de trincas nas alvenarias, indicando uma movimentação para o lado da rua.

Além disso, há o deslocamento do revestimento de argamassa nas paredes externas, com a queda de detritos ocorrendo na calçada.

Nossa Coordenadoria sugeriu a sua demolição visto que, não há condições, pelo seu altíssimo custo, do IAPAS promover a sua recuperação, e pelo avançado estado de deterioração.





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ofício 421-009.0/07

Em, 02 de maio de 1989

Do

Endereço

Ao

Assunto: Continuação

Sabedores das responsabilidades do CONDEPHAAT solicitamos parecer liberando o presente prédio para demolição.

Encaminhamos, em anexo, 8 (oito) fotos do imóvel que atestam o seu estado.

No aguardo de confirmação, no menor tempo possível, firmamo-nos.

Atenciosamente

Valter Giugno Abruzzi
Secretário Regional de Engenharia
e Administração do Patrimônio



09/12

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|--------|-----------|-----|---------|
| OFÍCIO | 421.009.0 | 18 | |

INT.: IAPAS

ASS.: Reiteração do ofício 421.009.0/07, de 02.05.89.

1. À SA para juntar ao respectivo processo;
2. Ao STCR para manifestação.

GP/CONDEPHAAT, 24 de julho de 1989.


EDGARD DE ASSIS CARVALHO
Presidente

DS/ahm.

INT.: IAPAS

ASS.: Reiteração do ofício 421.009.0/07, de 02.05.89.

1. À SA para juntar ao respectivo processo;
2. Ao STCR para manifestação.

GP/CONDEPHAAT, 24 de julho de 1989.


 EDGARD DE ASSIS CARVALHO
 Presidente

DS/ahm.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ofício 421-009.0/07

Em, 02 de maio de 1989

Do Sr. Secretário Regional de Engenharia e Administração do Patrimônio - IAPAS
Endereço Viaduto Santa Ifigênia, 266 - 5º andar sala 502 - CEP:01207
Ao Ilmo Sr. Dr. Paulo de Mello Bastos - DD Presidente do CONDEPHAAT
RBA da Consolação nº2.333.

Assunto:

Prezado Senhor,

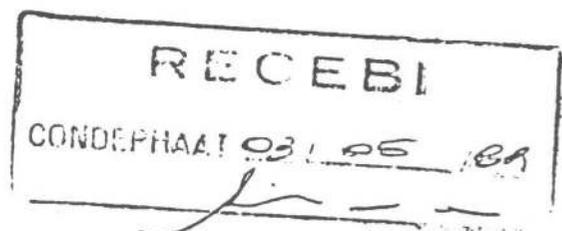
O IAPAS é proprietário de um prédio localizado na rua Adilson Farias Claro, 88, antigo Grupo Escolar, Conjunto Residencial Vila Maria Zélia. 24268/-

Referido imóvel, em ruínas, é objeto de constantes reclamações por parte dos moradores do referido conjunto, que pelo seu estado apresenta ameaça de desabamento e também é abrigo para desocupados, pondo duplamente em risco a segurança dos transeuntes.

Em vistoria realizada pela Coordenadoria Regional de Engenharia e Obras deste Instituto foram constatadas as perigosas condições de estabilidade, com o aparecimento de trincas nas alvenarias, indicando uma movimentação para o lado da rua.

Além disso, há o deslocamento do revestimento de argamassa nas paredes externas, com a queda de detritos ocorrendo na calçada.

Nossa Coordenadoria sugeriu a sua demolição visto que, não há condições, pelo seu altíssimo custo, do IAPAS promover a sua recuperação, e pelo avançado estado de deterioração.

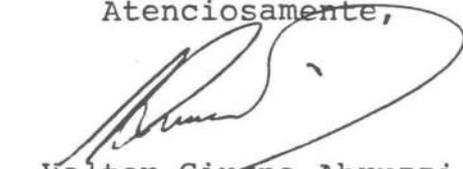


Prezado Senhor,

Pelo presente reiteramos os termos do nosso ofício 421-009.0/07, de 02/05/89.

Para melhores esclarecimentos, anexamos a este cópia xerográfica do mesmo.

Atenciosamente,


Valter Giugno Abruzzi
SECRETÁRIO REGIONAL DE ENGENHARIA
E ADMINISTRAÇÃO DO PATRIMÔNIO

Il. m^o Sr.
Dr. Paulo de Mtillo Bastos
DD. Presidente do CONDEPHAAT
Rua da Consolação, nº 2.333
CAPITAL
LNB/vl.
Anexo: cópia do ofício 421-009.3/07/89

REMETENTE: IAPAS - 421-009.0

ENDEREÇO: Viaduto Santa Ifigênia, 266-5º andar-sala 501

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 0 | 1 | 2 | 0 | 7 |
|---|---|---|---|---|

CAPITAL

SAD-07

43
22/

Do

Número

Ano

Rubrica

Ao STCR para manifestação, com a máxima urgência, tendo em vista que os interessados estão solicitando uma audiência com esta Presidência.

GP/CONDEPHAAT, 11 de agosto de 1989.

EDGARD DE ASSIS CARVALHO

Presidente

/ds

PS - O original deste ofício já está anexado ao respectivo processo.

Sr Presidente

A arquiteta Luilena Bastos está encarregada, além deste estudo, de um grande número de processos cujo atendimento se configura como de emergência motivo pelo qual ainda não pôde se dedicar à conclusão deste trabalho.

11/08/89

Isabela de Katinsky



IAPAS/Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social
421-009.0/24 São Paulo, 09 de agosto de 1989

74
cab

Prezado Senhor,

Visando a abertura de processo de demolição do prédio sito à Rua Adilson Farias Claro nº 88 - Conjunto Residencial Vila Maria Zelia - no bairro de Belenzinho, nesta capital, enviamos a esse órgão o ofício 421-009.0/07, de 02/05/89.

2- Tendo esta entidade recebido do Clube dos Oficiais da Reserva da Polícia Militar, petição relatando o estado precário do imóvel, bem como solicitando providências já requeridas por nós, remetemos anexo xerocópia do documento em questão.

Aproveitando o ensejo, apresentamos a V.S.^a os protestos de elevada consideração



Valter Giugno Abruzzi
SECRETÁRIO REGIONAL DE ENGENHARIA
E ADMINISTRAÇÃO DO PATRIMÔNIO

Il.^m Sr.
Dr. Paulo de Mello Bastos
DD. Presidente do CONDEPHAAT
Rua da Consolação nº 2333
CAPITAL
LNB/v1.

REMETENTE: IAPAS-421-009.0



CLUBE DOS OFICIAIS DA RESERVA DA POLÍCIA MILITAR

FUNDADO EM 25 DE JANEIRO DE 1935

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA P/ LEI N.º 97/1948

RUA TABATINGUERA, 278 - CAIXAS POSTAIS 5047 e 6179 - CEP 01020 - SÃO PAULO
Telefones: PBX: 37-1141 - Secretaria Geral: 36-6000 - Tesouraria Geral: 35-1633

ILMº SENHOR SUPERINTENDENTE DO I.A.P.A.S. DE SÃO PAULO

VISTORIA

IAPAS
16827 87
04/08/89/421.009-3

Na qualidade de Coronel PM.Res. - Ex-Comandante Geral do Corpo de Bombeiros da P.M.E.S.P., levo ao conhecimento de V. Sa. que constatei estar o Grupo Escolar "Maria Zélia", sito na Vila Zélia, na Rua Mores Miguel s/nº, antiga Rua 2 - Belenzinho, abandonado há mais de 20 anos, nas mais precárias condições, totalmente apodrecido nos seus escombros e oferecendo grande risco de vida às pessoas que transitam pela sua frente, visto ameaçar ruir em todo ou em parte, a qualquer momento.

Em consequência, solicito a V.Sa. providências no sentido de sua demolição total, deixando-se o terreno limpo, o que dará mais segurança ao bairro.

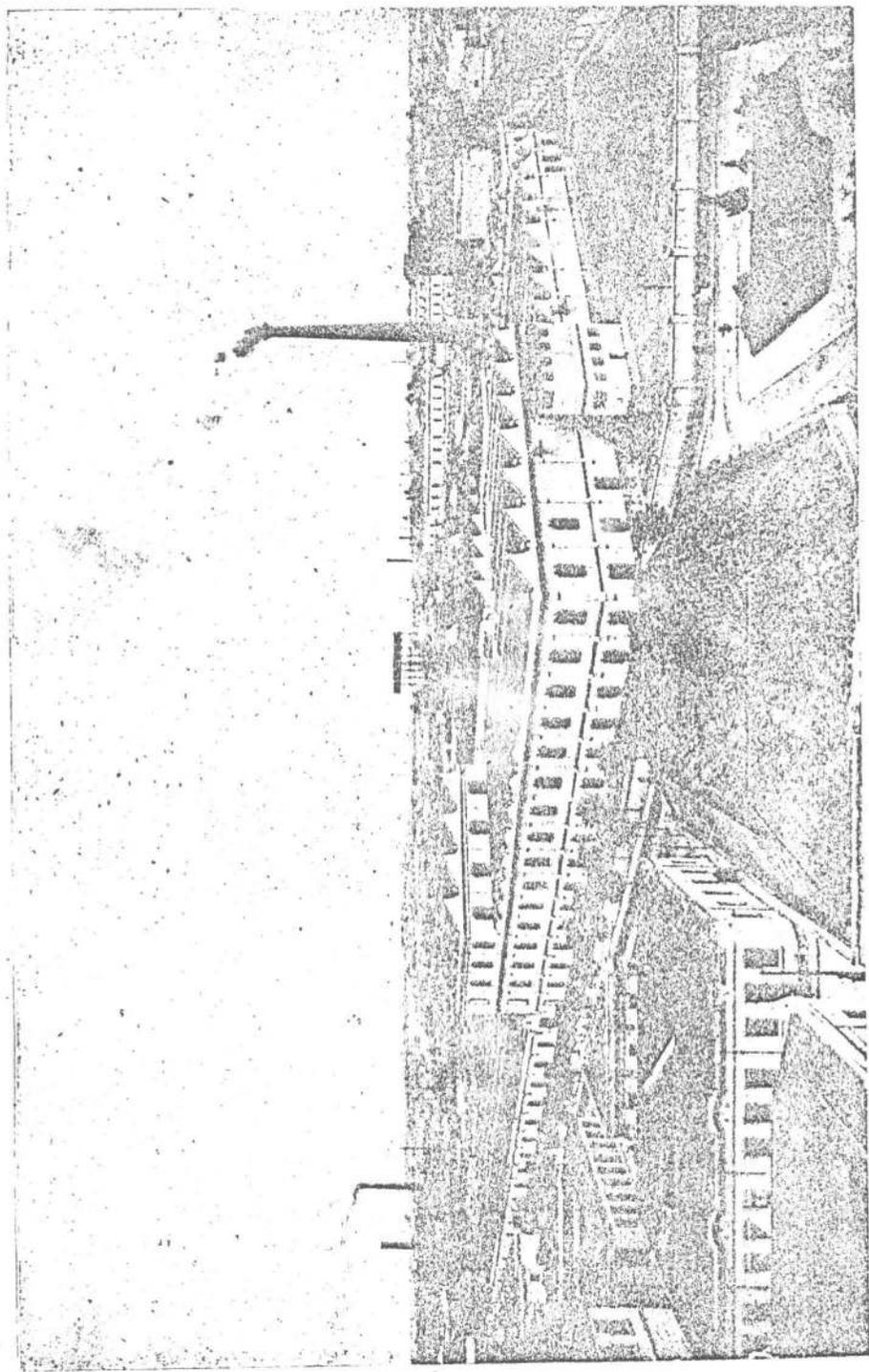
Apresento a V.Sa. os protestos de consideração e estima.

Em 1º de agosto de 1989.

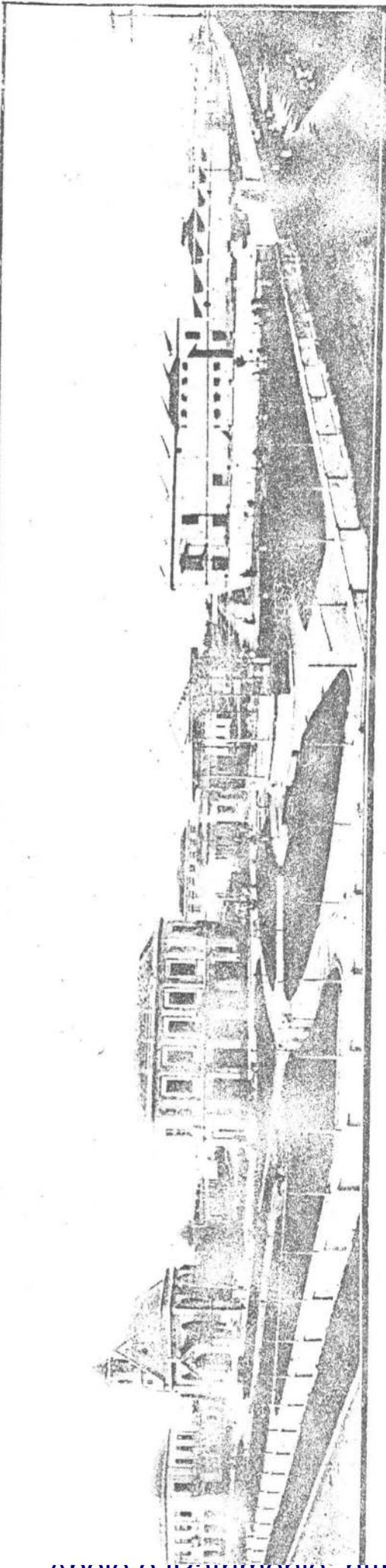
Alcione Pinheiro de Castro
(ALCIONE PINHEIRO DE CASTRO, CEL PM RES)

PRESIDENTE DO CONSELHO DO CLUBE
DOS OFICIAIS DA RESERVA

F6
cap



VISTA GERAL DA FABRICA "COTONIFICIO SCARPA"



PANORAMA DA VILLA SCARPA. AVISTANDO-SE A DIREITA UMA PARTE DA FABRICA

anos recebem instrução segundo o desenvolvimento de cada uma. Para isso ha no "Jardim" todo o material preciso. Ahi cantam, brincam e se distraem as creanças em aulas interessantes de desenhos e trabalhos.

Recebem, de'starte, educação proveitosissima, que será seu patrimonio material e moral no futuro. Como o predio da crèche, o do Jardim obedece a um plano intelligente.

Ocupa uma quadra inteira onde se encontram:

sala de recepção das creanças, sala em que se distribuem aventaes que fazem as vezes de uniforme, 5 salões de aulas, tendo cada um mobiliario para 24 creanças. Nestas aulas está collocado, em armarios, o material para instrução.

As aulas não passam de 15 e 20 minutos, dadas por meio de quadros com figuras coloridas que impressionam agradavelmente as creanças.

Quem assiste as aulas logo poderá ter idéa desta

organisação encantadora que realisa em tudo com as melhores do paiz. Existe ainda a sala de trabalhos com uma exposição permanente de trabalhos proprios creanças. Em continuação, grande área de recreio com um piano e um bello palco, para as representações infantis.

O predio é dotado ainda de tres dormitórios com 20 leitos cada um, refeitório, copa, cozinha, aparelhos sanitarios com rigorosa hygiene e, por fim,

lavereria electrica para a quotidiana limpeza de 360 peças de roupa.

As creanças começam a chegar ás 6 1/2 horas e permanecem até ás 17 horas, conforme o respectivo tempo de trabalho dos pacs nas fabricas. Recebidas que são, lavam o rosto, recebem o uniforme, e são levadas ao refeitório para tomar o café com leite.

Em seguida vão ao salão de piano onde, após a chimmada, tomam parte nos ensaios de canto.

77
M

media das crianças na creche, em cada mês, é o que se verifica do seguinte quadro:

Media mensal da matrícula:
 Masculino 31
 Feminino 25 56

Excluídos:

Masculino 3
 Feminino 7

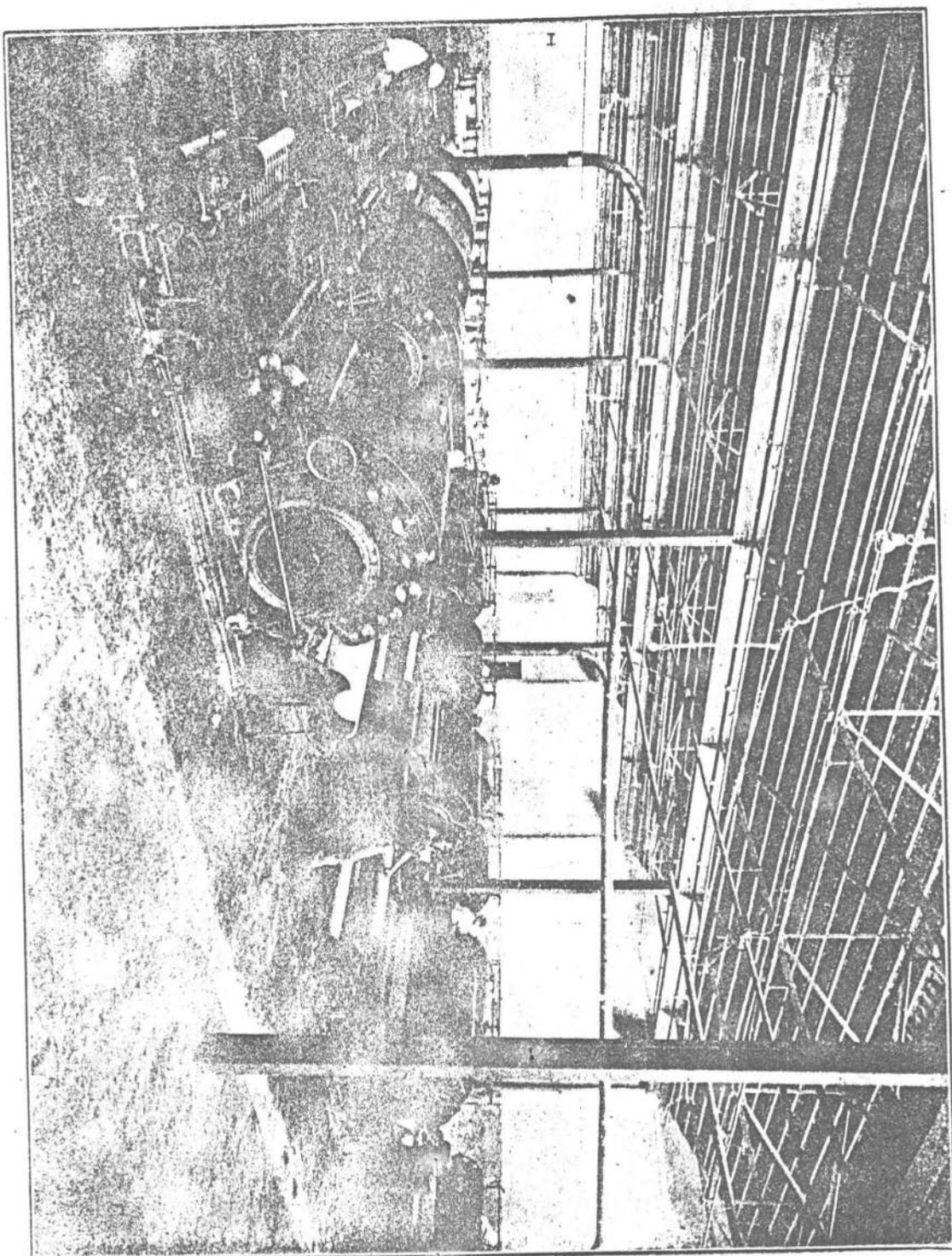
Existentes no fim do mês:

Masculino 28
 Feminino 21 49

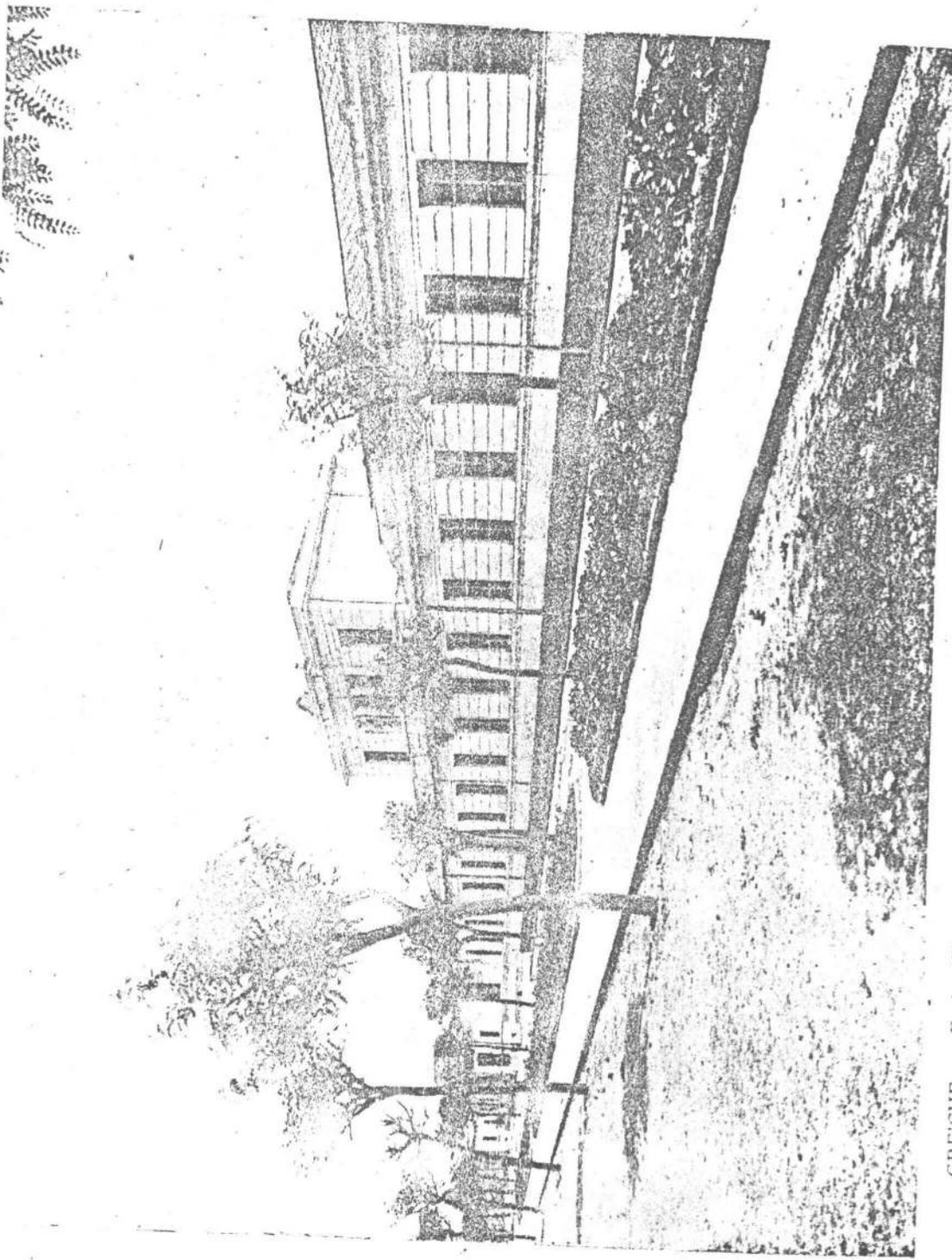
Dias lectivos 25
 Frequência media .. 45

Da creche a criança após a idade de 4 annos passa para o

JARDIM DA INFANCIA onde as crianças de 4 a 7



SECÇÃO DE CARDAS E CASCAME



CRECHE. — Esplendido prédio fronteiro á fabrica, onde as mães operarias, de 3 em 3 horas, veem amamentar os seus filhinhos.

Numero de alumnos menores de 12 annos:

| | |
|-----------|---------|
| Masculino | 140 |
| Feminino | 189 320 |

Numero de alumnos maiores de 12 annos:

| | |
|------------------|-------|
| Masculino | 6 |
| Feminino | 14 20 |
| Frequencia media | 312 |

PERIODO NOCTURNO

Matricula geral:

| | |
|-----------|-------|
| Masculino | 44 |
| Feminino | 35 79 |

Frequencia media... 65

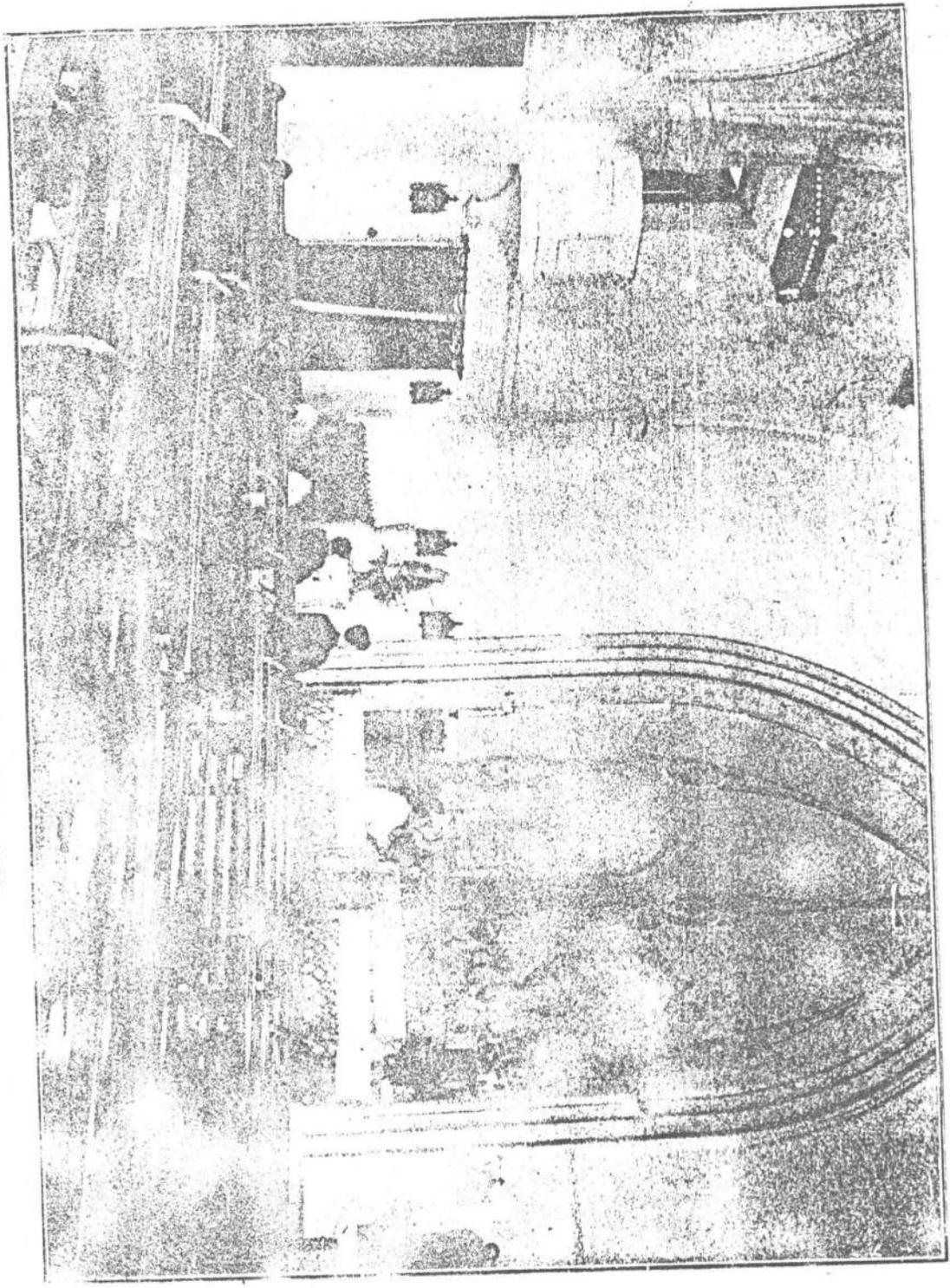
O total dos alumnos que frequentam os periodos nocturnos e diurnos do Grupo é de 419, que ad-

Faz-se uma exposição dos trabalhos escolares. As festas nacionais são celebradas no proprio gymna- sio com a assistencia das recem-dadas imãs profes- sores e a presença dos paes sob a presidencia, quando possível, de um dos directores da Compa- nhia. Além da festa da arvore effectua-se a fes- ta da Bandeira. Seguem- se os que os estatutos de matrícula frequentia- dos cursos diurnos e noc- turnos do anno de 1925:

PERÍODO DIURNO

Matricula geral:

| | | |
|-----------|-----|-----|
| Masculino | ... | 146 |
| Feminino | ... | 192 |
| | | 340 |

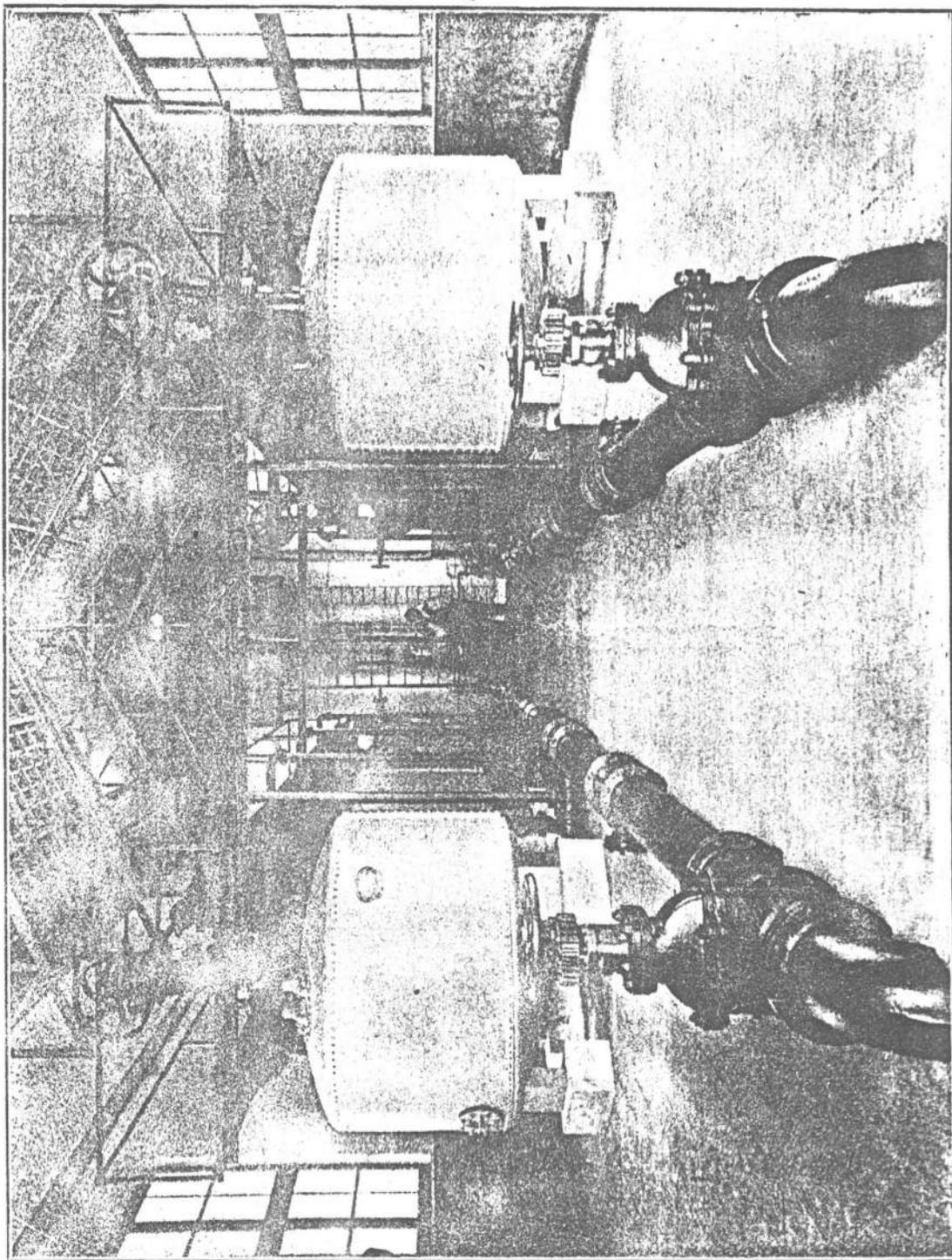


INTERIOR DA LINHA CAPELLA DE S. JOSE'

com um parapeito à frente para o tempo secco, em prolongamento estão mais dois dormitórios com o mesmo mobiliario; vestindo ainda salas para crianças de isolamento - de creanças atacadas de moléstias contagiosas; área central, que tinha de luz todos os salões; sala de copa, refeitório, estufa, sacristia, capela e residência das "Irmãs da Immaculada Conceição".

É irreprehenível a limpeza mantida pelos embaixadores da direcção, naturalmente favorecida pela boa disposição architectónica, que obedeceu a traçado inteligente.

A media do numero de matriculas e frequencia



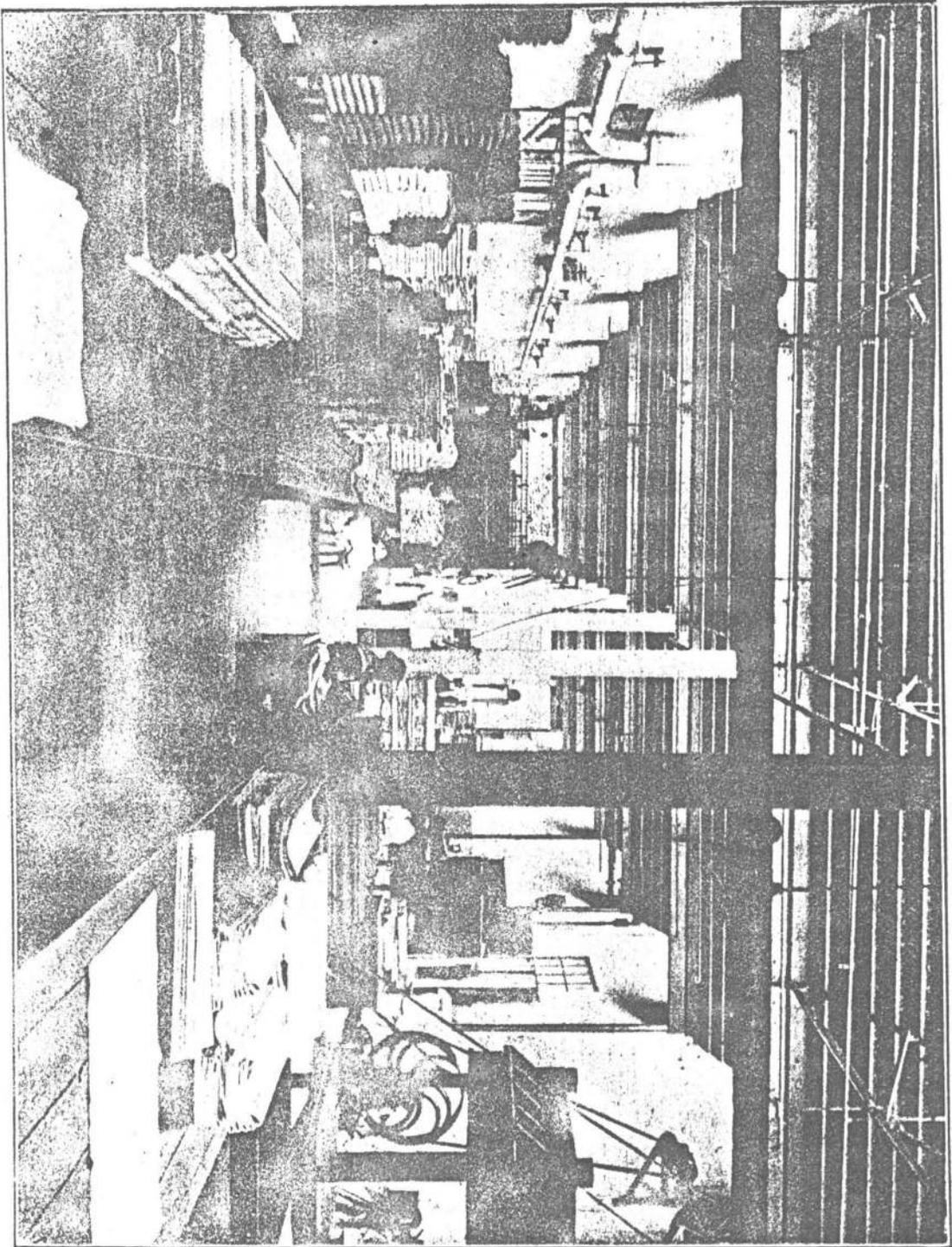
SECÇÃO DE FILTROS D'AGUA

4 annos, é feita a "FICHA ANTROPOLÓGICA", seguindo o modelo pelo qual se acompanhava a evolução da criança no seu amadurecimento ou na perda que acaso venha a sofrer devido á alimentação ou a outra circunstancia.

Para isso, a criança é pesada todos os mezes.

O preço compõe-se de uma sala de recepção para as crianças, onde estas são pesadas e medidas para a matrícula e formação da "FICHA ANTROPOLÓGICA"; sala de amamentação e dois dormitórios, cada qual com 20 berços, armario e banheiro.

Segue-se um salão de recreio para o tempo livre e uma área aberta.



SALA DE DOBRAMENTO E CONFECÇÃO DE PANNO

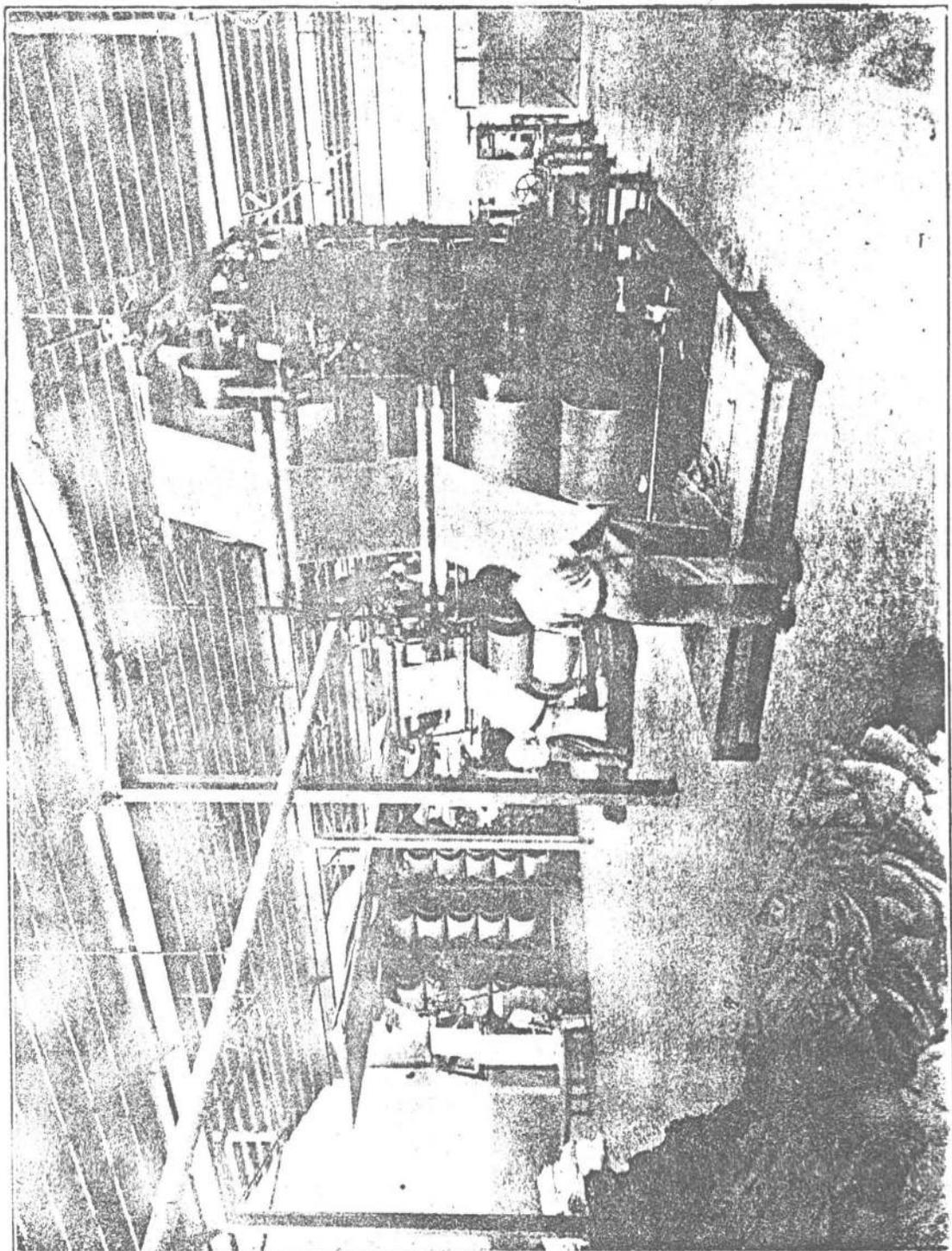
seu encontro e ainda lhes dão para os seus filhos.

CRÉCHE

Estabelecimento modular, onde as mães, enquanto trabalham, deixam os seus filhos, entregues à solicitude das "Irmãs da Immaculada Conceição".

As creancinhas são cuidadosamente cuidadas, tendo todo o conforto possível. E tudo isto sem perda ainda de um real no salário das mães durante a meia hora em que deixam o trabalho para vir três ou quatro vezes ao dia, alimentar os seus filhos, segundo a prescrição médica.

Na creche, onde as crianças permanecem até

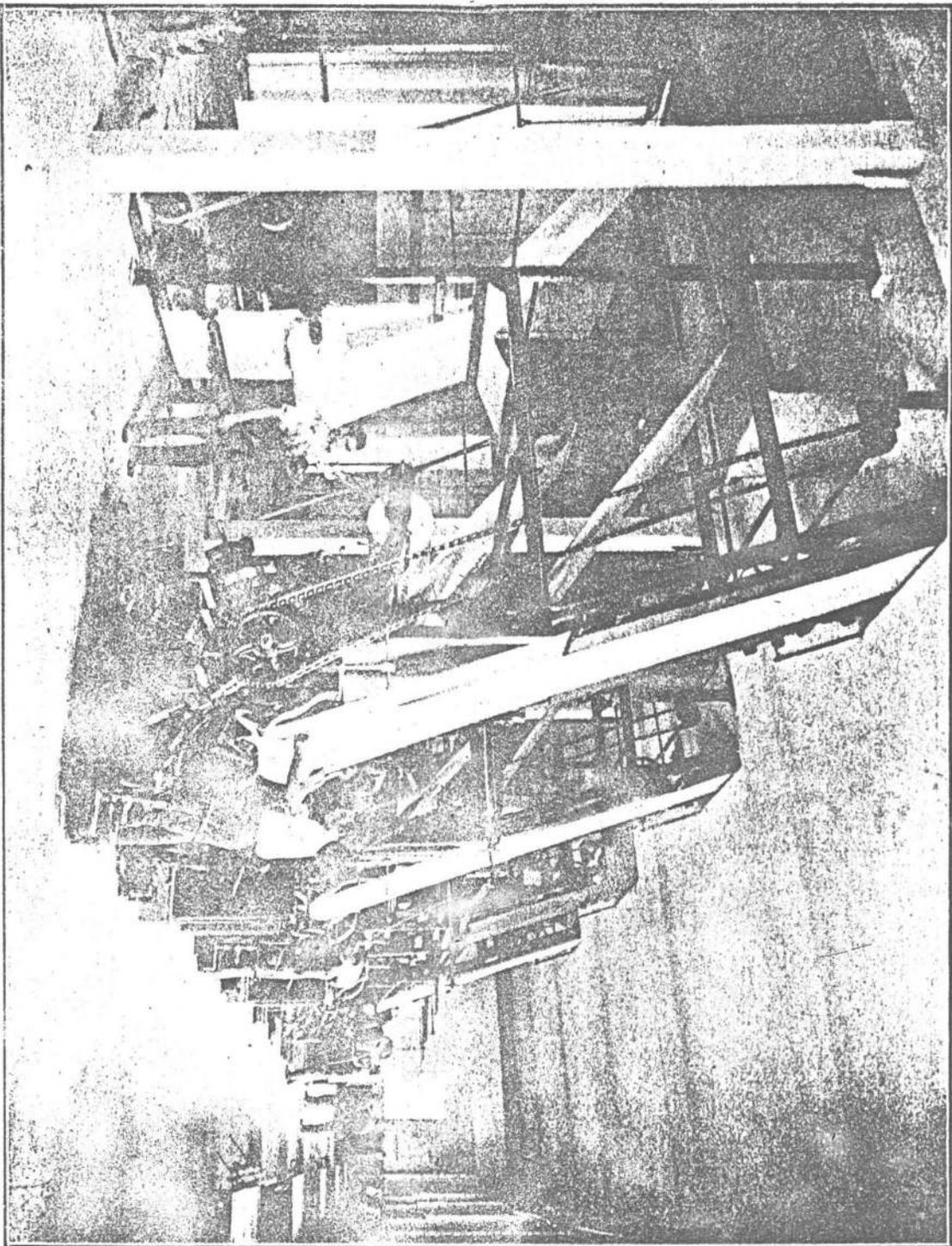


SALA DE ACABAMENTO N. 2

80
at

casas, edificadas com todas as prescrições hygienicas e cedidas aos operarios ao preço modico de 45\$000 a 50\$000 mensaes, aluguel que seria concedido, no minimo, em qualquer parte de S. Paulo em 150\$000 e 200\$000. E assim a Companhia tor-na desde já os seus operarios cooperaticantes dos seus lucros.

A Sociedade Anonyma Scarpa pretende ainda aumentar os seus predios dotando-os de todas as necessarias prescrições hygienicas de conforto e salubridade que possuem os presentes. Assim os operarios são amparados pela providencia dos patrões que correm prejuizos ao



SALA DE MACHINAS DE ESTAMPARIA

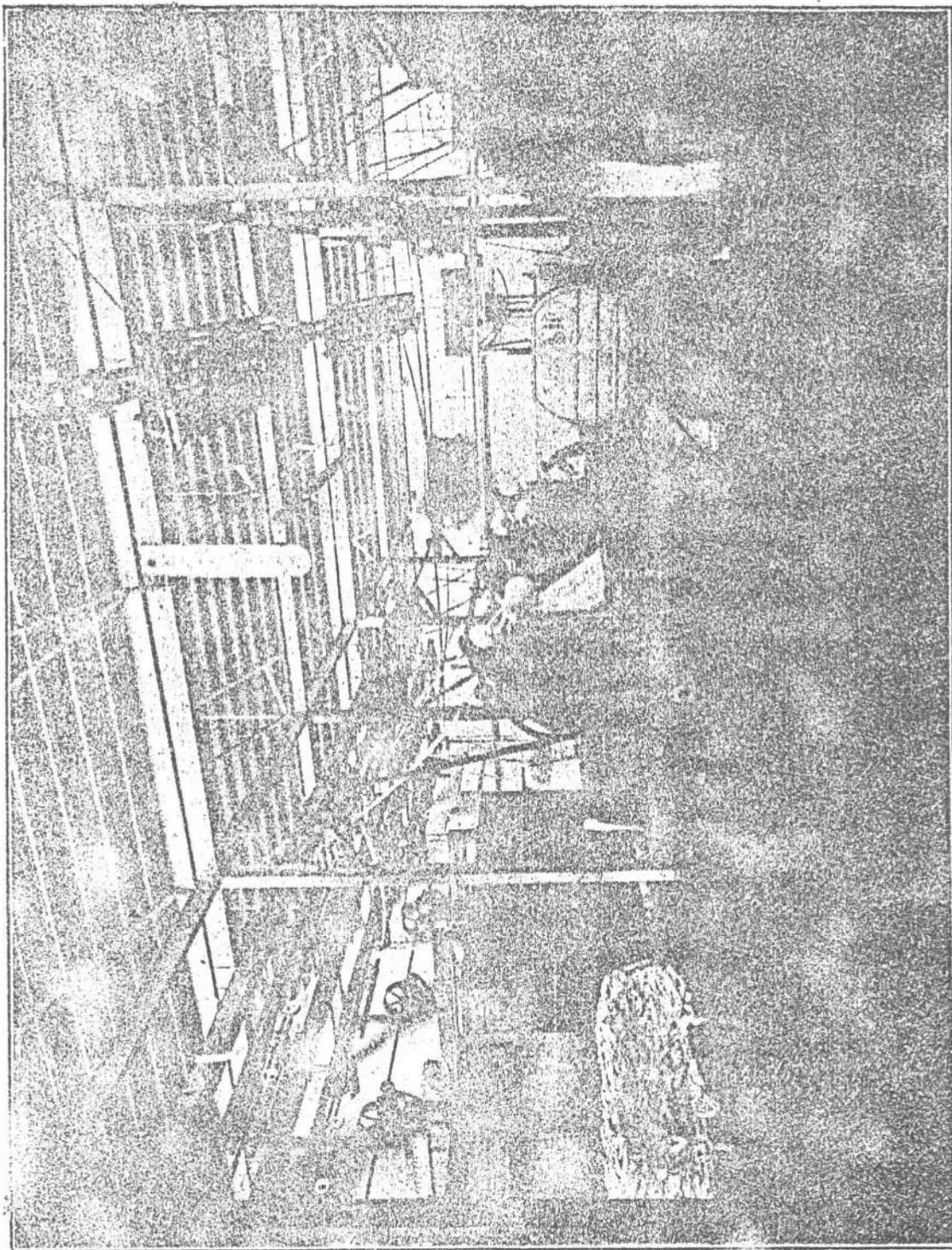
que desperta a admiração de todos os technicos que a têm visto.

ORGANISAÇÃO SOCIAL CATHOLICA

A Sociedade Anonyma Scarpa mantém uma Organização Social, por meio da qual os operarios recebem um bom didendo, que é intelligentemente applicado em vasta obra de assistencia: CRÊCHE, JARDIM DA INFANCIA e GRUPO ESCOLAR (para educar, gratuitamente, as crianças) e construção de casas.

VILLA OPERARIA

Esta, é composta, por enquanto, de quasi 200

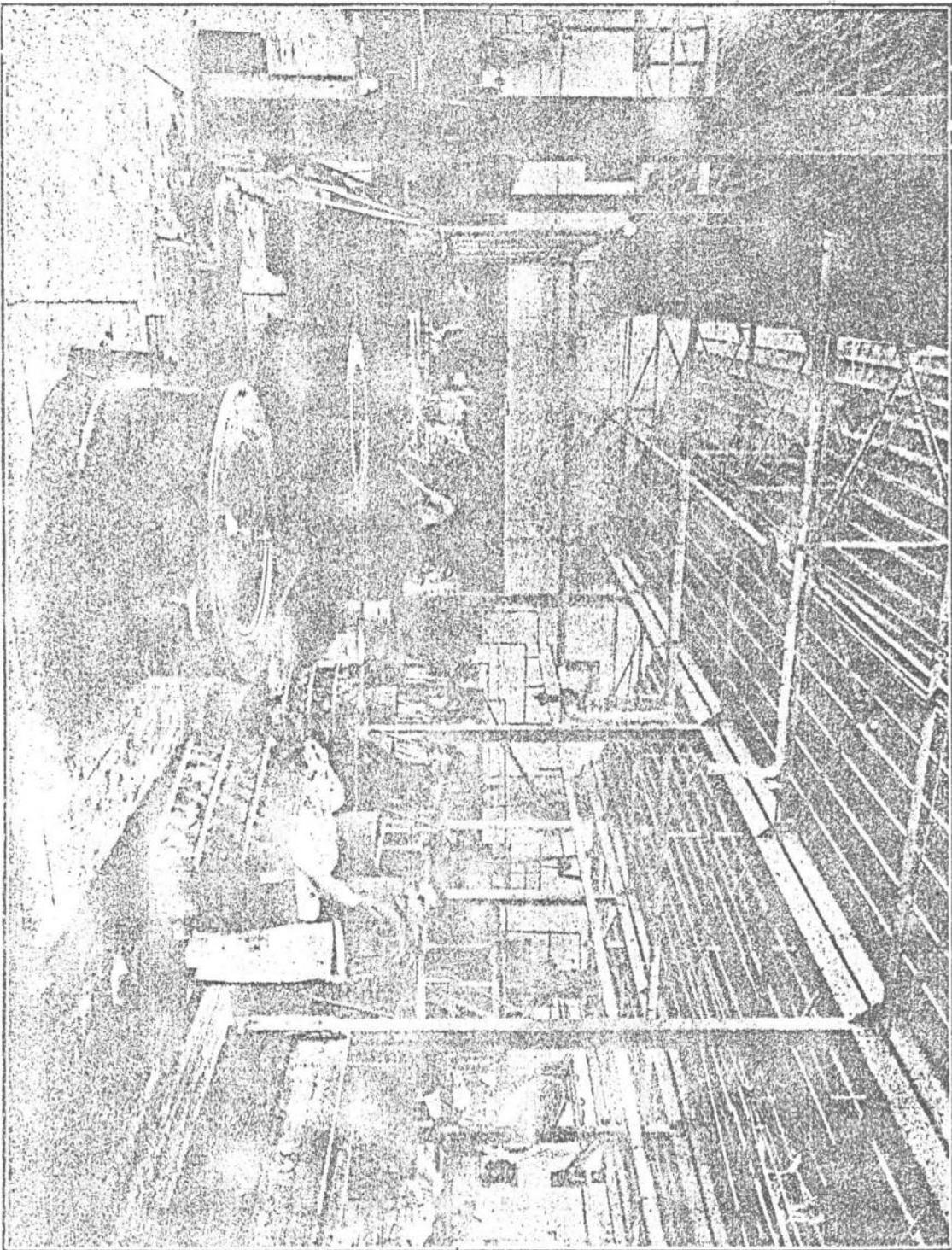


ALVEJAMENTO DE PANNO

centro transformador a corrente que dahi, é distribuida aos milhares de motores que moem as machinas das diversas secções, inclusive suas poderosas bombas que fornecem agua necessaria ao abastecimento industrial da fabrica e domestica da Villa Operaria.

Esta agua é antes de ser canalizada para a rede de distribuição, filtrada e depurada, de forma que, a sua analyse classifica: AGUA POTAVEL DE SUPERIOR QUALIDADE, garantindo destarte, um factor tecnico de primeira ordem para aquelles que, fazem uso della.

De facto, a installação das bombas e dos filtros é de uma importancia te-



AVELAMENTO, MERCERISACÃO E TINTURARIA D. FIO

diratos, sendo 77.236 metros quadrados ocupados pela fábrica e, em parte da área restante, acha-se edificado a Villa Operaria.

As principais seções dessa importante fábrica são actualmente: fiação com 36.912 fusos, dando serviço a 600 operarios, tecelagem com 1.041 teares, ocupando 800 operarios e alem desses existem 700 operarios distribuidos pelas seções de alvejamento, mercerisação, tinturaria, estamparia, acabamento e nas diversas officinas, etc.

Dois possantes motores do typo "Diesel", aos quaes se acham ligados dois grandes geradores de electricidade, supprem no



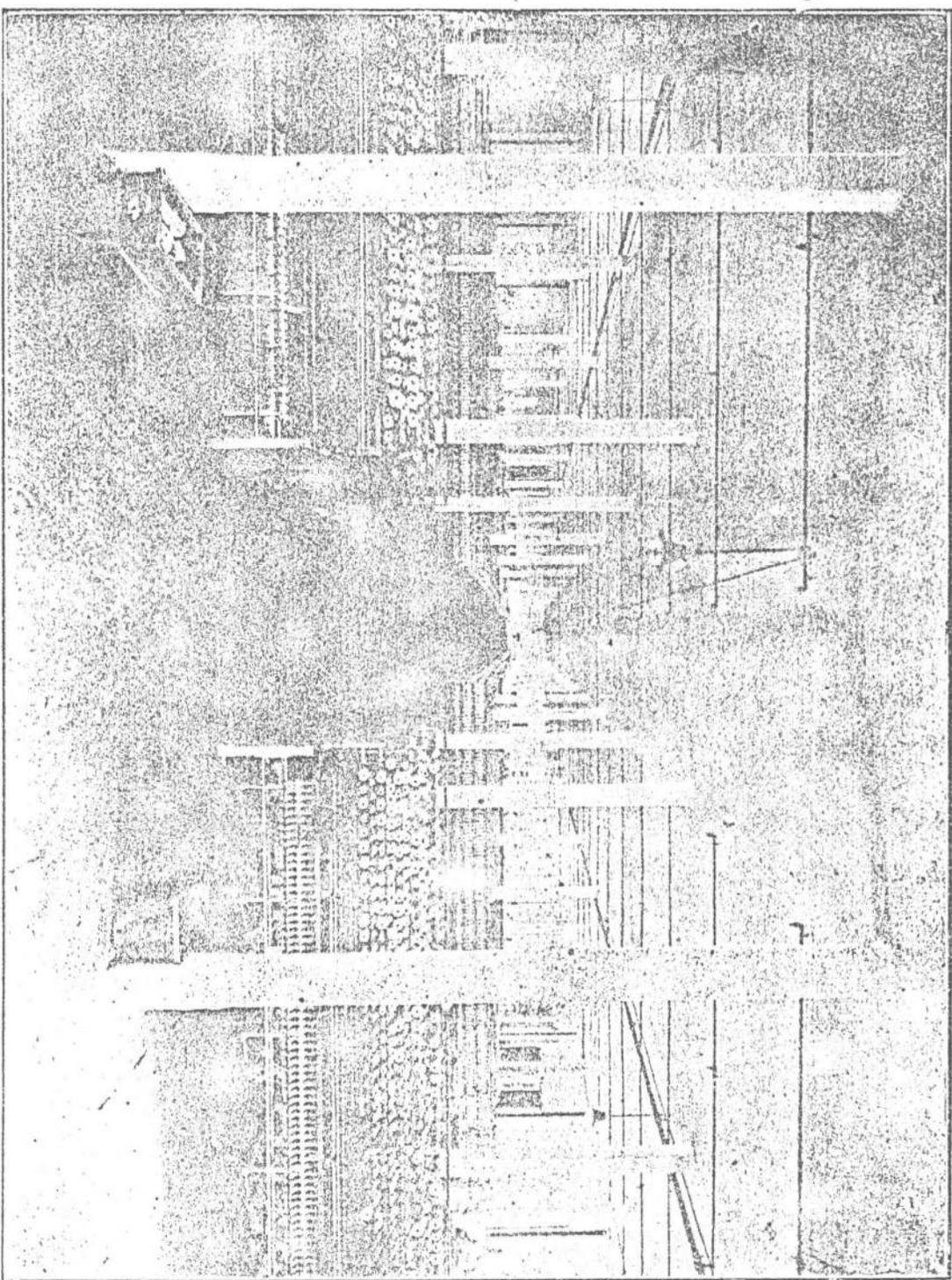
SALA DE TECELAGEM N. 2

Os operarios estão jun-
to a estas mais garanti-
dos, pois tendo cada tear,
cada machina de fição
o seu motor desaparece
o perigo das correias
quasi sempre fataes.

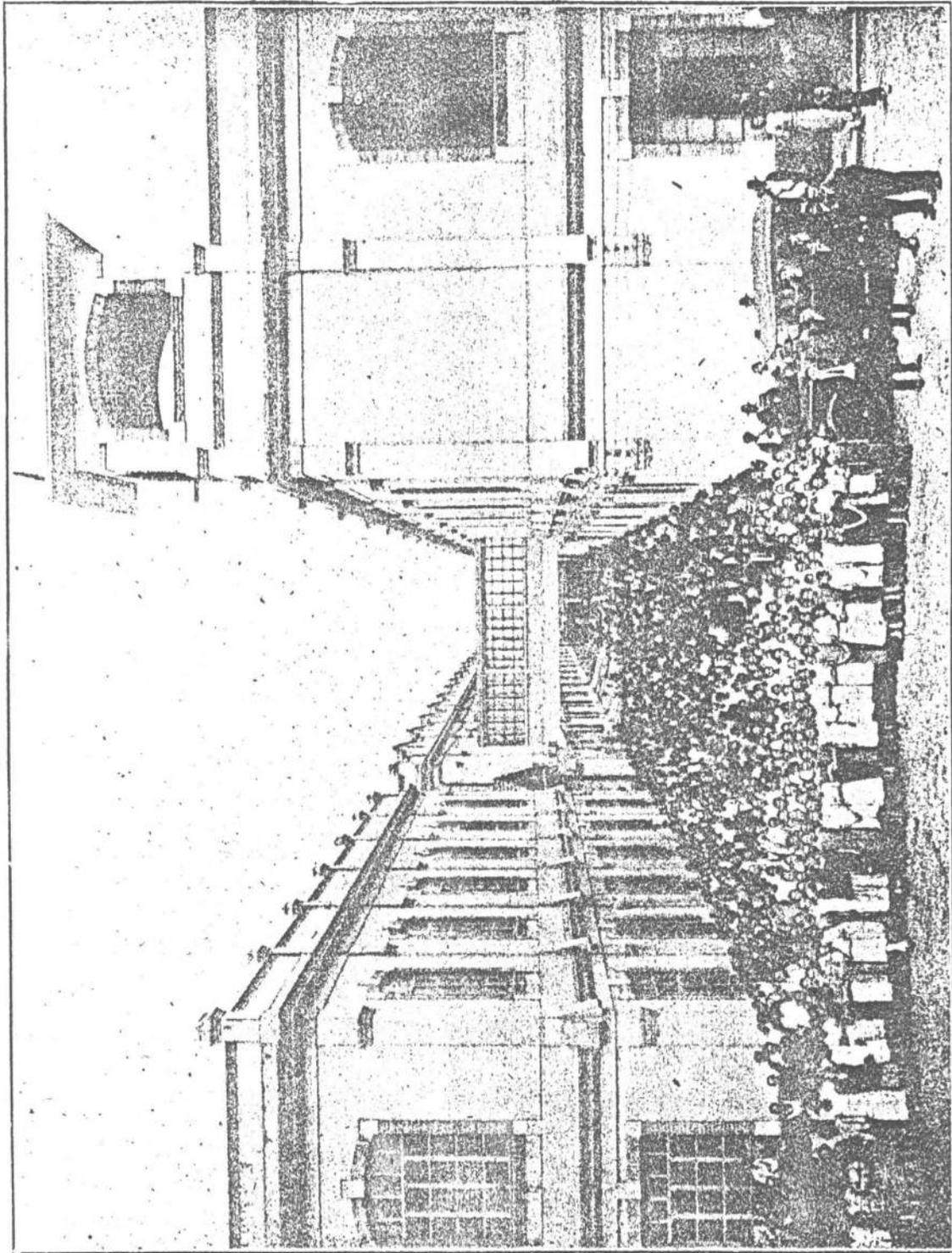
A fabrica, actualmen-
te, dá occupação a 2.100
operarios.

Com o augmento pro-
fectado, se elevará este
numero ao dobro, o que,
em pouco tempo, será
uma realidade, consequen-
cia do espirito incanarel
e comprehendedor do Sr.
Nicola Scarpa que, para
esse fim, já tem promptas
todas as edificações e pre-
parados todos os espaços,
onde devem ser montadas
as machinas novas.

A area total de terreno
é de 214.110 metros qua-



SALA DE FIAÇÃO N. 1



SAHIDA DOS OPERARIOS DA FABRICA

feita e moderna que na America do Sul existe no genero.

Os predios que constituem os seus extensos, largos e hygienicos pátios, com um magnifico servico sanitario e providencial machinismo contra incendio, de um e dois andares, com elevadores electricos, trazem todo o conforto possibile aos operarios que, destemprados, contentes, trabalham produzindo bem e ganhando mais.

A fabrica quanto ao machinario é a ultima palavra, pois é modernissima.

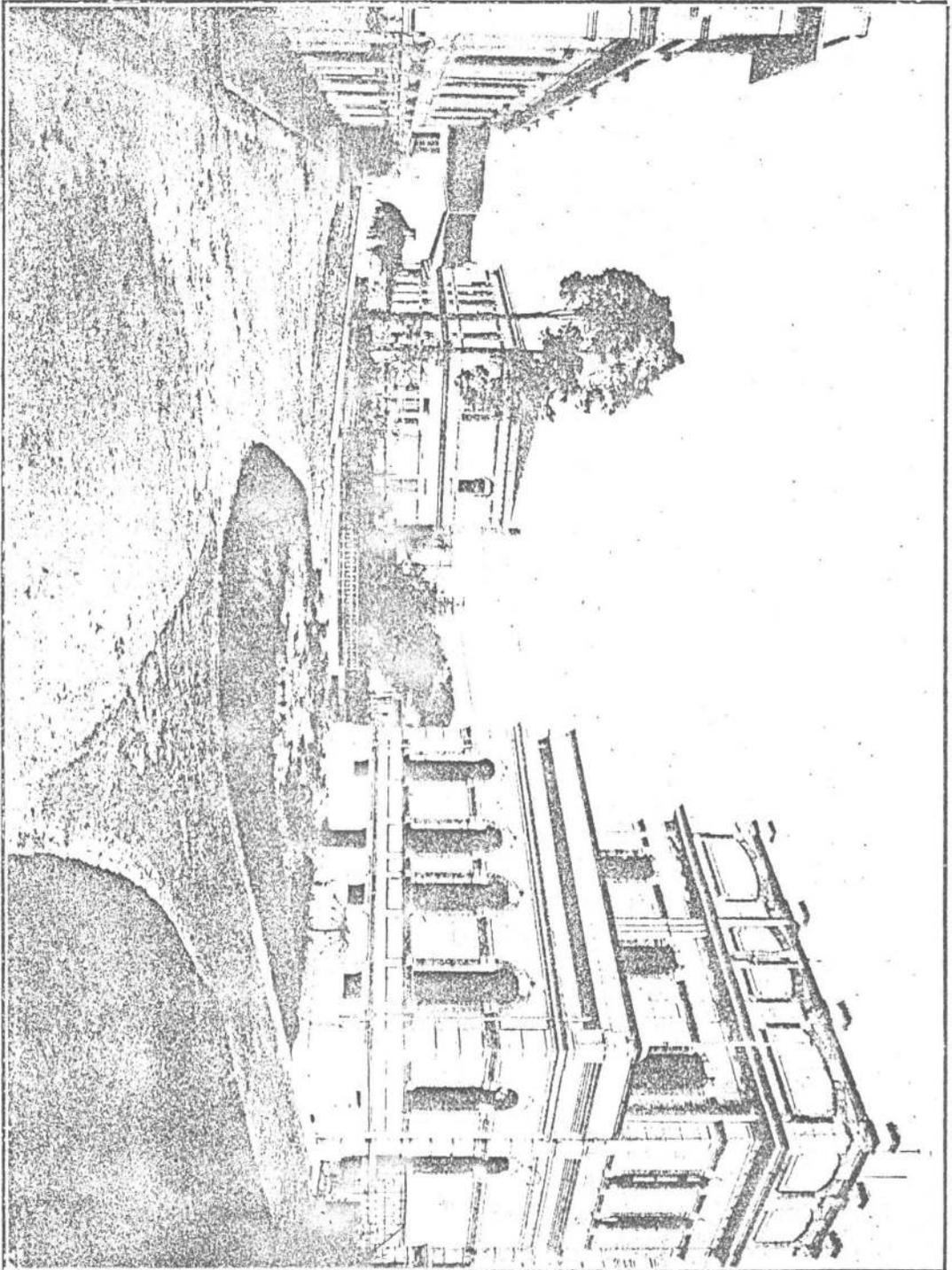
Perfeita as machinas, produzem extraordinariamente bem.



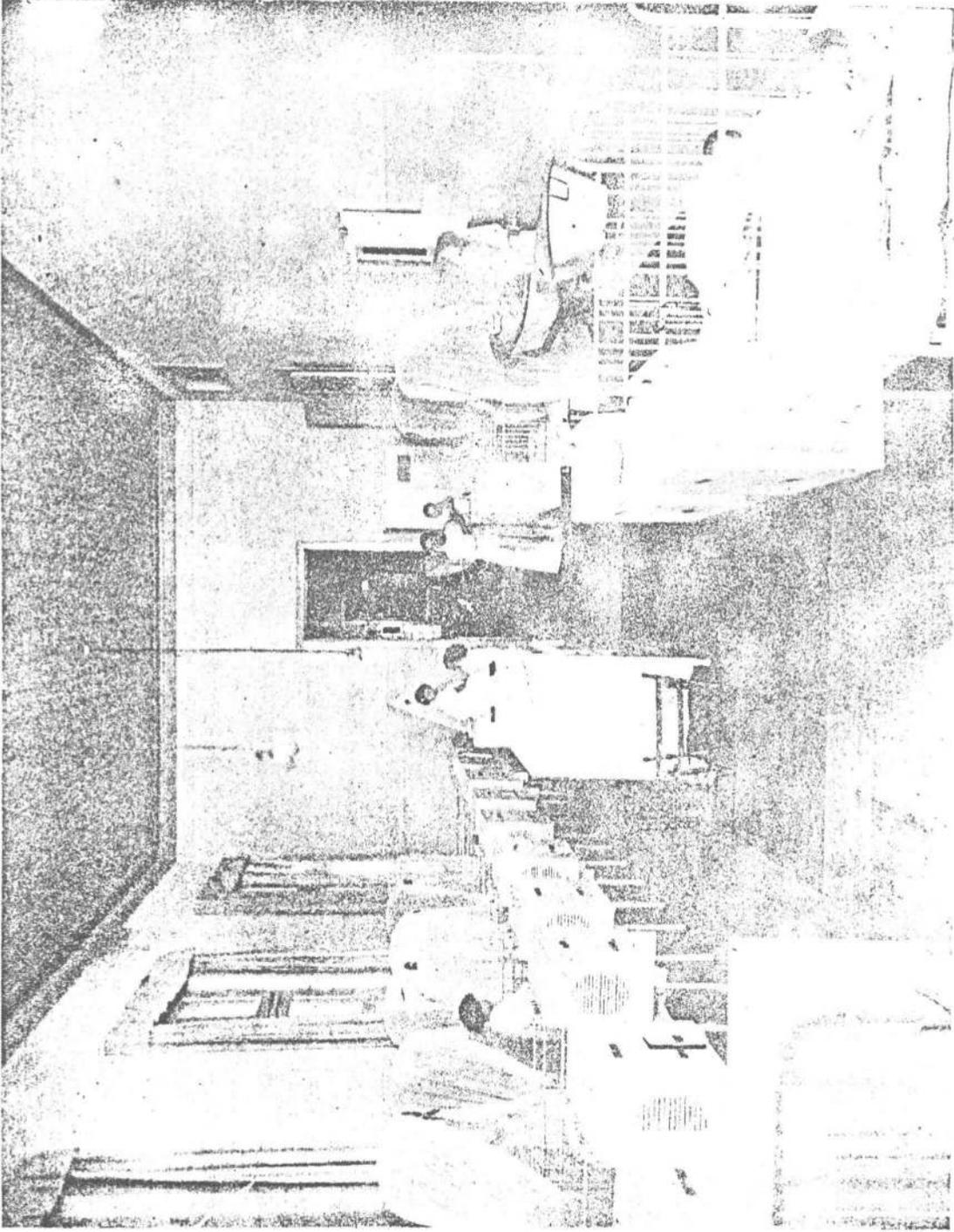
EMBRANCA DO
COTONIFICIO
SCARPA E SUA
ORGANISA-
ÇÃO SOCIAL

A Sociedade Anonyma Scarpa, cujo Director-Presidente, é o senhor Nicolau Scarpa, industrial activo e de visão larga, que, ha 28 annos, cria com os seus esforços a industria do algodão, adquire, em janeiro de 1925, a Cotonificio Scarpa, então fabrica Maria Zéia da Companhia Nacional de Tecidos de Juta.

O Cotonificio Scarpa é uma das fabricas, não somente a mais importante que possui a Sociedade Anonyma Scarpa, como tambem a mais per-

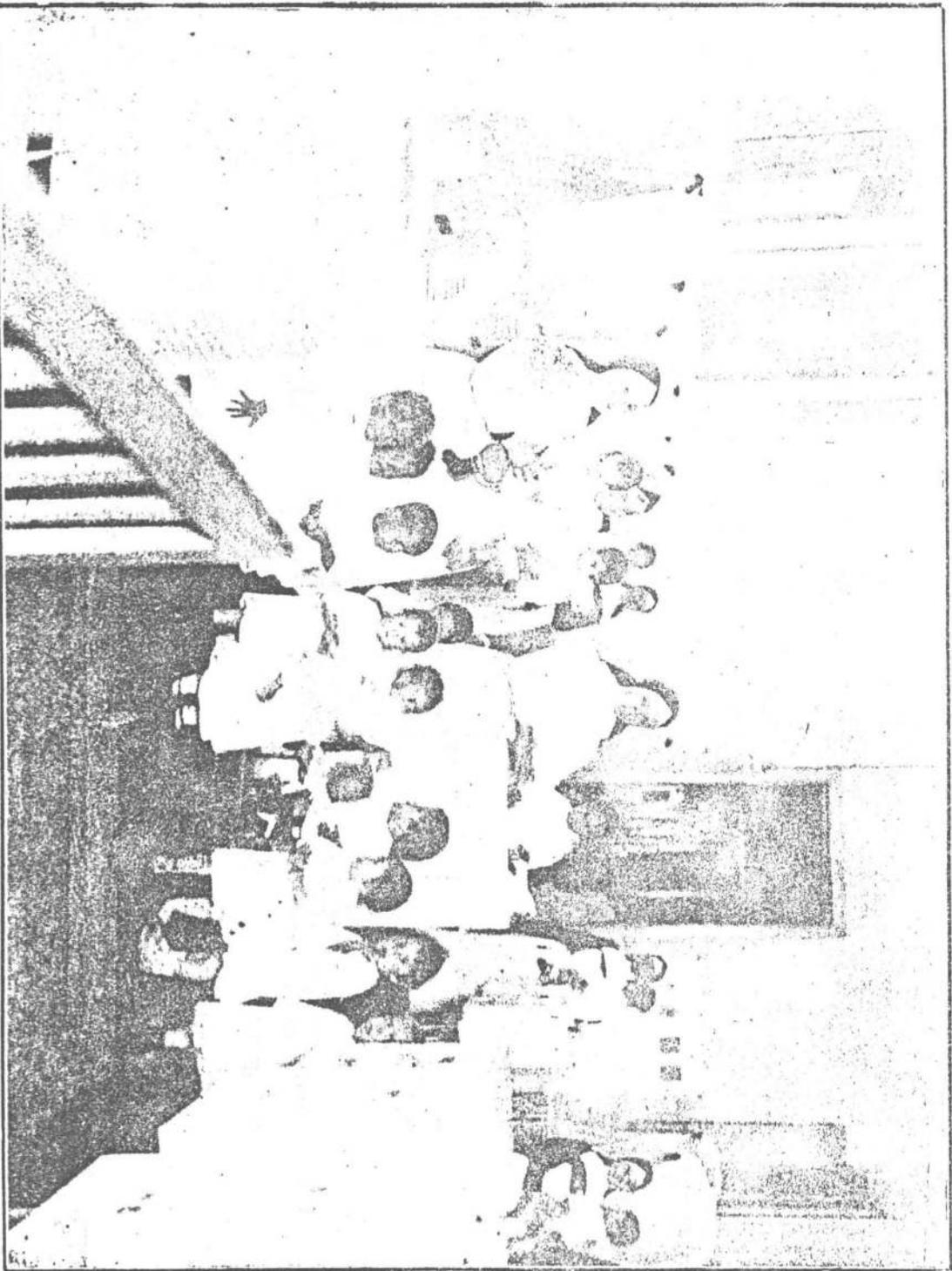


ESCRITÓRIO DE ADMINISTRAÇÃO E DIRECÇÃO TECHNICA



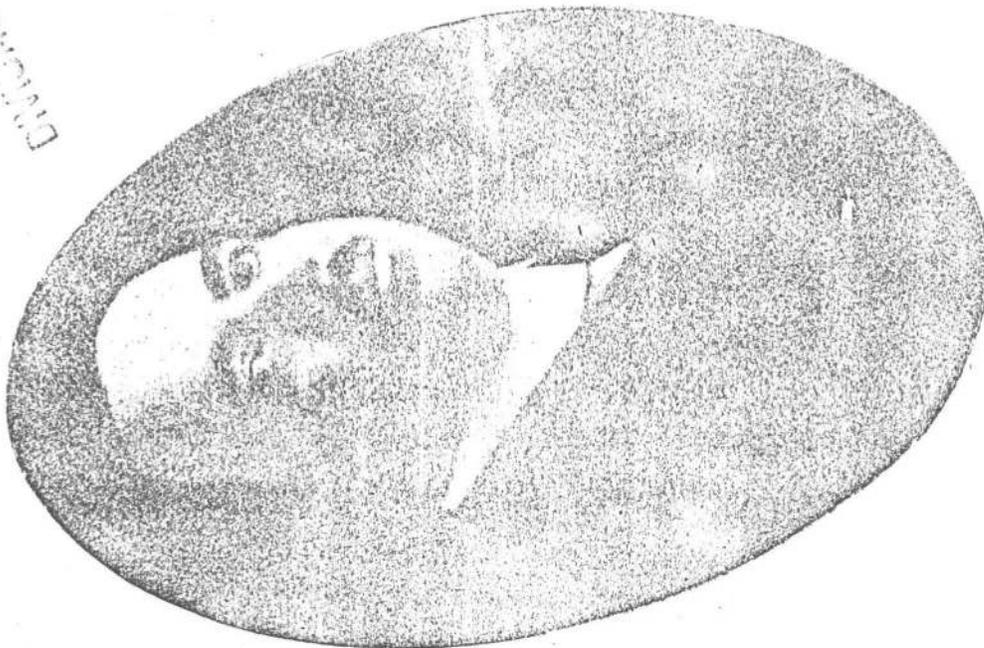
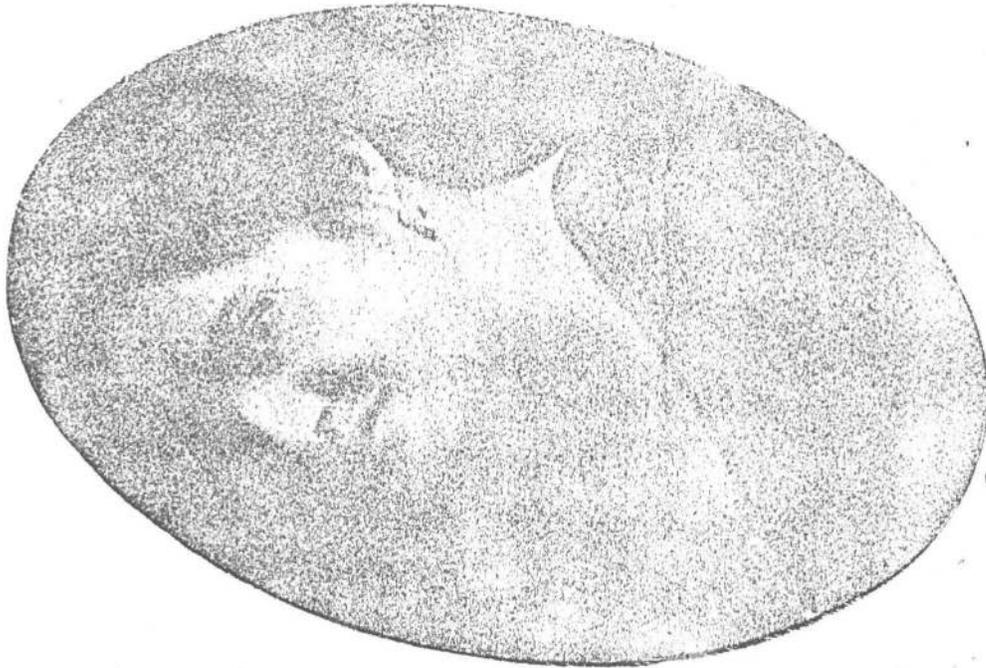
Sala n. 1 da Crèche onde se vêem os vários berços das mães trabalhadoras enquanto as suas mães.

As 56 crianças da Crèche e as 103 da Infância, somando os filhos de operários, são educados gratuitamente pela Sociedade Scarpa. Magnífica biblioteca e lucros, inteligentemente aplicados! A Companhia mantém um consultório médico, farmácia, laboratório, gabinete de banda de música, commercios, com mercearias, bebidas e outros. Já em poucos dias, já em poucos dias e campo de trabalho há requisições para os operários que recebem gêneros de qualidade a peso de grãos caros.



Sala n. 2 onde se veem as Irmãs-inhas da Immaculada Conceição, que affectuosamente cuidam das creanças na Crèche e no Jardim da Infancia, e tambem dirigem o Grupo Escolar.

CAMP
O serviço de direcção da
dini da Infancia, e do
Escolar, e do
cional, e do
Director da
Social que a
pelto.
Este é
Ex.^{mo} Re
bispo. Me
mantido pe
O director
nas casas d
uma eiec-d
sempre um
da Immac
ção", esoll
bre Superio
tio affectos
ção e os cui
dos estabel



SR. NICOLAU SCARPA, DIRECTOR-PRESIDENTE
DA S. A. SCARPA E SUA EXMA. ESPOSA D. JOAQUINA SCARPA

DIREÇÃO DE PATRIMÔNIO

SOCIEDADE ANÔNIMA
"SCARPA"

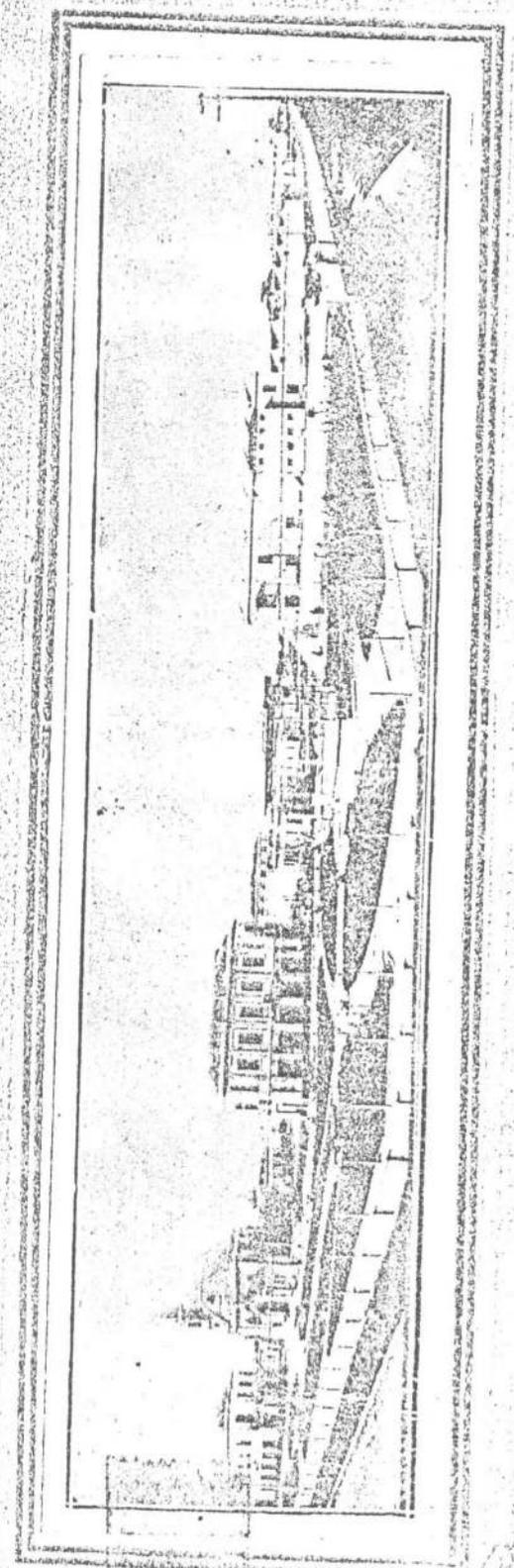
Lembrança

DO COTONIFÍCIO "SCARPA"
E DA SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL

VILLA SCARPA

W. Augusto de C. 86
1961

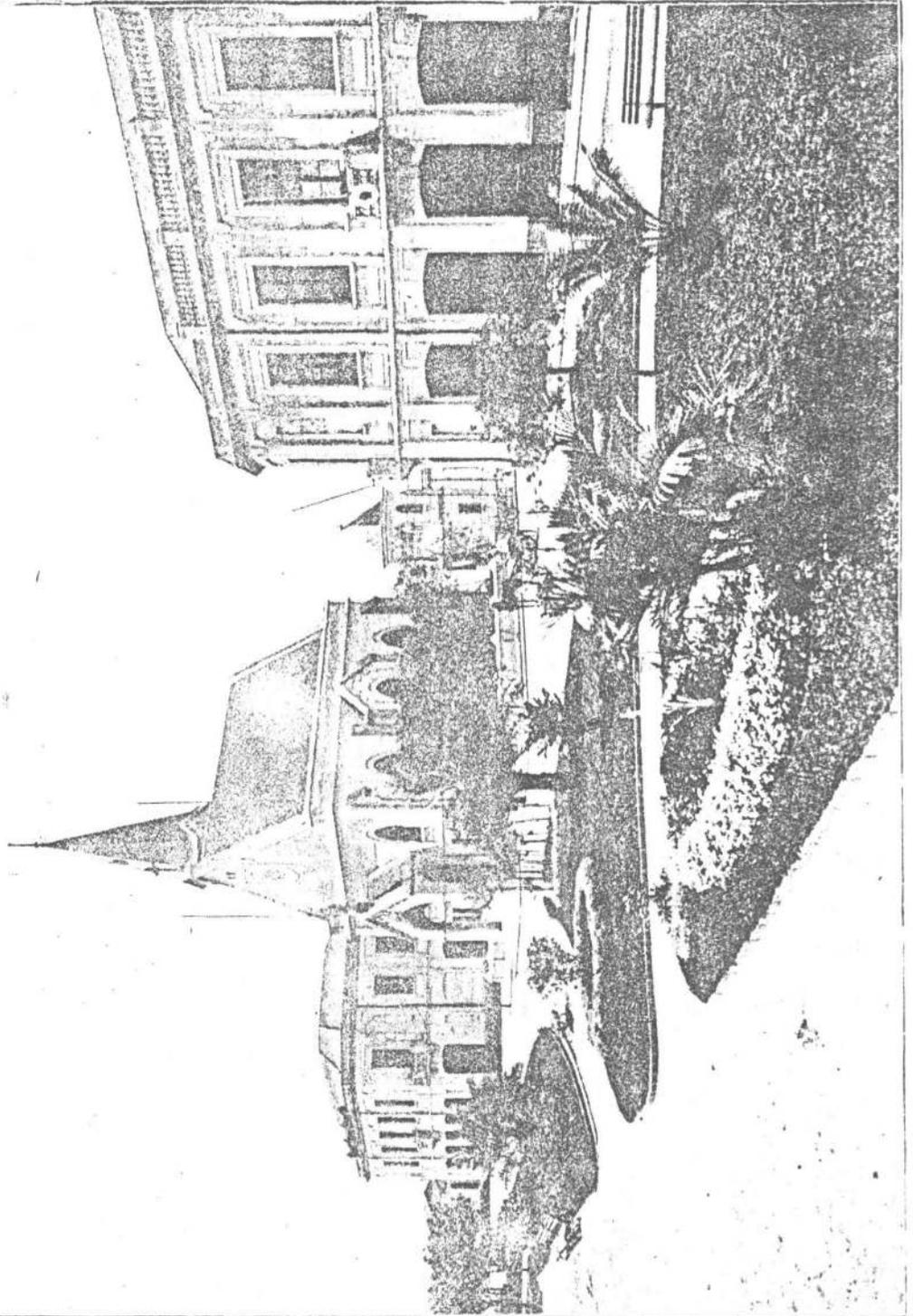
ANEXO II



esplendidos recreios, aparelhos sanitarios, agua filtrada, mobiliario de curatelas isoladas, seguindo todos os methodos da pedagogia moderna. As creancas aprendem a ler, contar e escrever.

Os resultados podem ser verificados pelas provas escriptas de cada semana dadas no archivo da escola. Functioenam 4 classes no periodo da manha para meninos, e 4 no periodo da tarde para meninas, e 2 classes no periodo da noite para rapazes e moças operarias.

As creancas que são aproucuradas recebem no dia da festa terminal do anno lectivo premios que lhe dão direito á classe superior.



Trecho do jardim da Villa embellezando a mimos a Capella, ladeada dos estheticos predios do Club e do armazem.

87/08

As aulas entrecruzadas de recreios e canticos, entrecruzam as creanças esbaldosas o cansaco. Ha uma hora de trabalho para os maiores de 5 a 7 annos, trabalhos que na exposiçao final do anno lectivo tem merecido a admiracão dos visitantes, demonstrando deste modo a capacidade das creanças desenvolvida pela acciãõ discretã e paciente das suas dedicadas mestras.

O "Jardim da Infancia" foi instituido somente para as creanças, filhas dos operarios que trabalhãna na fabrica, quando estes não tẽm em casa quem tomã conta das mesmas.

E como os operarios trabalhãna de Janeiro a Dezembro, o Jardim e a Crèche, estão permanentemente com as suas portas abertas.

As mães educadoras merecem por isso mesmo maior gratidãõ dos operarios e da Directoria, pois, que, muitas vezes, dada a necessidade da fabrica funcioãnem em dias feriados, as religiosas sacrificam o descanso para atender as creanças.

No fim do anno escolar, com o intuito de dar fe-rias as creanças externas, organisa-se um programma festivo em cujo desempenho a petizada algre e expeditã tem arrancado calorosos applausos da assistencia.

QUADRO ESTADÍSTICO DO JARDIM DA INFANCIA

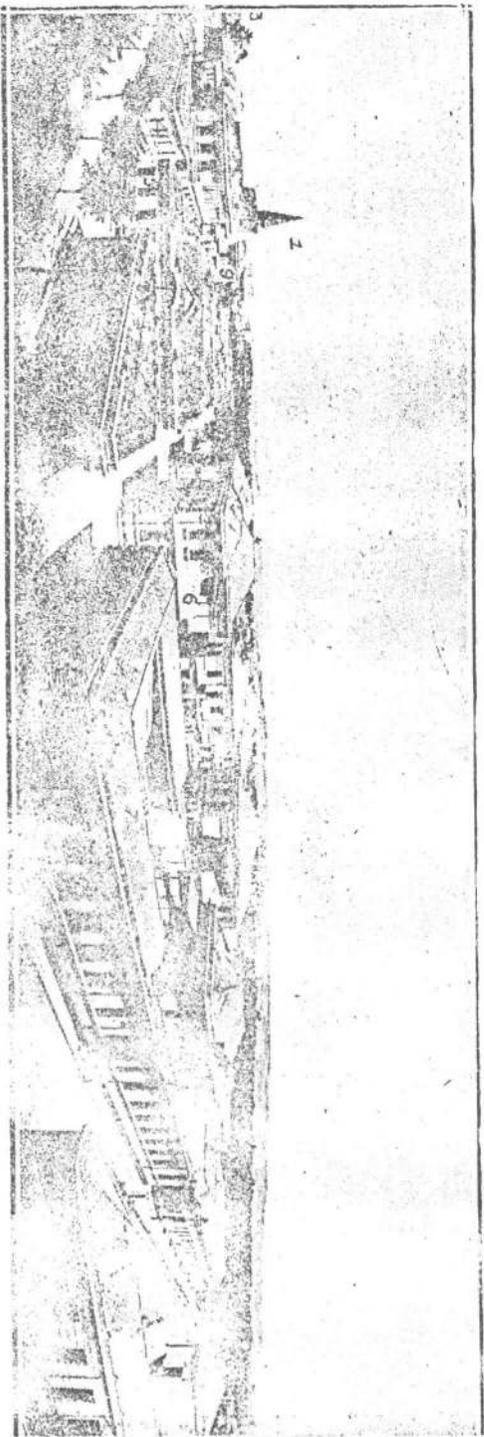
| | |
|------------------|-----|
| Mariçula mensal: | |
| Masculino | 47 |
| Feminino | 56 |
| | 103 |

Excluidos:

| | |
|------------------|----|
| Masculino | 1 |
| Feminino | 2 |
| Existentes: | |
| Masculino | 46 |
| Feminino | 55 |
| Dias lectivos | 25 |
| Frequencia media | 90 |

Chegada a creança a cidade de 7 annos passadã para o

GRUPO ESCOLAR *
 installado num predio com 10 salões bem illuminados.

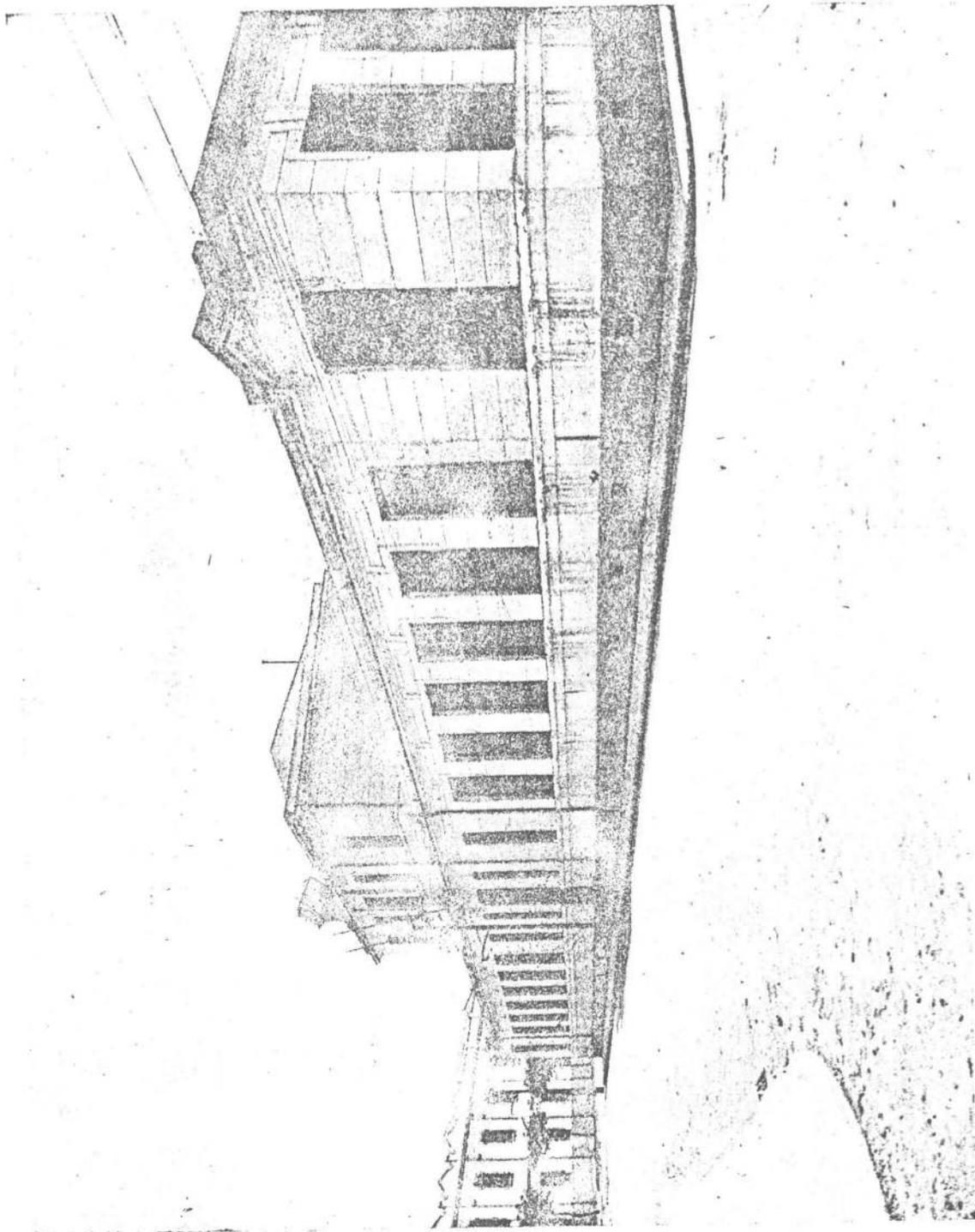


Vista geral onde se destacam os principaes predios da Villa Scarpa: 1 — Fãbrica; 2 — Club e restaurant; 3 — Theatro e casa de machinas; 4 — Gabinete medico e pharmacia; 5 — rua n. 1; 6 — Grupo Escolar; 7 — Jardim da Infancia; 8 — Crèche; 9 — Emporio Commercial.

A Capella, consagrada a S. Jos. simples e piedosa; foyza pelo assêto.

Construida em estylo gothico, possui bom mobiliario e está preta de alfaias condizendo com a sublimitate do culto catholico. em o necessario para as grandes solemnidades, como a Semana Santa, que se vem fazendo com esplendor e piedade, todos os annos.

O altar principal è de marmore; existe mais um altar consagrado a Virgem Santissima. A capella possui confessionario, pia baptismal, privilegio concedido pelo Metropolitã ás creanças que nascem ou moram na Villa e optimo harmonium. O



Magnifico predio do Jardim da Infancia, onde as creanças de 4 a 7 annos, filhas dos operarios, permanecem durante as horas em que estes trabalham na fabrica.

Modelo 3 da "Ficha da Crèche"

CRÉCHE VILLA SCARPA

Modelo da Ficha da Crèche

MODELO PARA AS CRIANÇAS

de (0 a 4 Anos) da Crèche

" (4 a 7 ") do Jardim da Infancia

" (7 a 12 ") do Grupo Escolar

Amygdalas

Pharynge

Voz

Aboboca palatina

Dentes

Gengivas

Adenoides

Uvula

Phonação

Lingua

Maxiliares

Apparelho respiratorio

App. cardio-vascular

Systema nervoso

Regimen alimentar

Exames biologicos

Observações

Muco nasal

Traseo pharyngeano

Fezes

Urinas

Cuti reacção

MODELO PARA AS CRIANÇAS

de (0 a 4 Anos) da Crèche

" (4 a 7 ") do Jardim da Infancia

" (7 a 12 ") do Grupo Escolar

Nome

Idade

Filiação

Vaccinado

Antecedentes e occurencias morbidas passaeas e de familia

Apparencia geral

Tez

Desenvolvimento physico

Cabellos

Physionomia

Nutrição

Altura e Peso

Janeiro

Março

Maio

Ju

Fevereiro

Abril

Junho

Agosto

Setembro

Outubro

Novembro

Dezembro

Perimetro thoraxico

Pelle

Força muscular

Couro cabelludo

Esqueleto

Cabeça

Thorax

C. vertebral

Omp. iatas

Estremidades

Pescoco

Thyroides

Ganglios

Abdomen

Conformação

Orgãos internos

Olhos

Direcção

Palpebras

Cornea

Agudeza visual

Conjunctivas

Globo ocular

Ouvidos

Agudeza auditiva

Conducto auditivo

Ore

Nariz

Aspecto externo

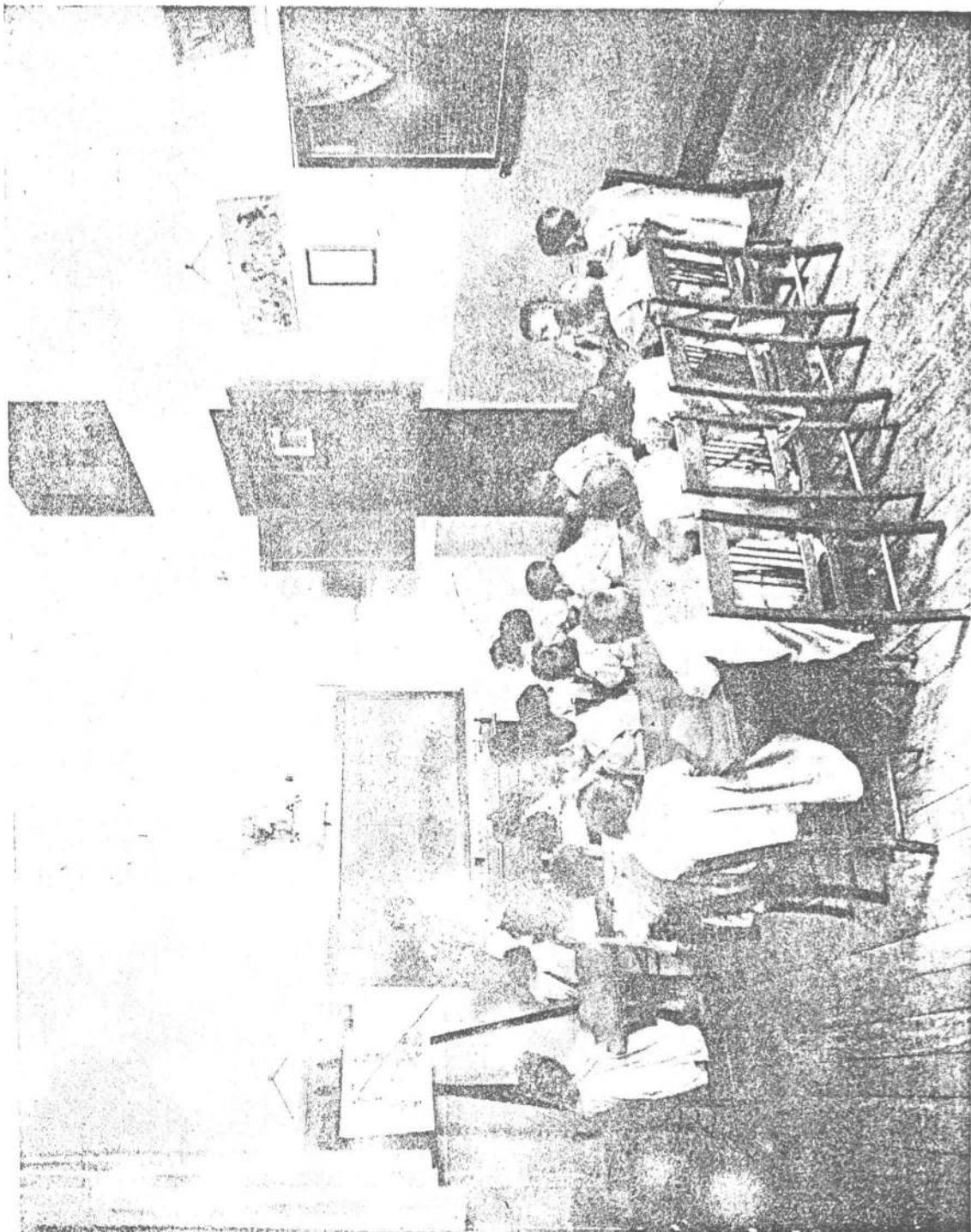
Fossas nasaaes

total das comunidades recebidas pelos operários 24.000 por anno, com a media mensal de 2.000, atendendo sempre a augmentar.

CREANÇAS

As creanças do Jardim da Infancia uma vez por semana, com a capella rezar e ali entoam hymnos sacros a Maria Santissima e a S. José.

Em seguida o capellão dirige-lhes a palavra, ensinando a doutrina christã por meio de quadros e historias. Estas creanças de idade de 4 a 7 annos recebem lições de catechismo, dadas pelas irmãs nas classes. Ha uma vez por anno a consagração das



Sala n. 1 do Jardim da Infancia, onde funciona a classe das creanças de 6 a 7 annos.

29/6/61

Modelo 2 das Fichas do Jardim e do Grupo Escolar

App. Geral { Tez..... Cabellos.....
 Physiognomia..... Desenvol. physico.....
 Nutrição.....

Altura e 1.º semestre { 2.º semestre {
 Peso.....

Força muscular.....
 Inspiração maxima.....

Perimetro thoracico { Expiração .. Índice.....

Pelle.....

Couro cabelhado.....

Esqueleto { Cabeça.....
 Thorax.....
 Col. vertebral.....
 Omoplatas.....
 Escapulaes.....
 Glandula thyroide.....
 Ganglios.....

Pescoco { Conformação.....
 Orgãos internos.....

Abdomen {
 Orgãos internos.....

Olhos { Acuidade visual.....
 Palpebras..... Conjunctivas.....
 Cornea..... Globo ocular.....

Ouvidos {
 Cond. auditiva.....

Modelo 3 das Fichas do Jardim e do Grupo Escolar

Nariz { Aspecto externo..... Fossas nasales.....

Garganta { Uvula..... Amígdalas.....
 Adenoides..... Pharyngee.....
 Voz..... Phonação.....

Bocca { Aboboda palatina..... Lingua.....
 Dentes.....

App. respiratorio.....

App. cardio vascular.....

Sistema nervoso.....

Observações pedagógicas { Attenção.....
 Memoria.....
 Intelligencia.....
 Comportamento.....

Exames biologicos { Muc. nasal.....
 Feces..... nase pharyngiana.....
 Urina.....

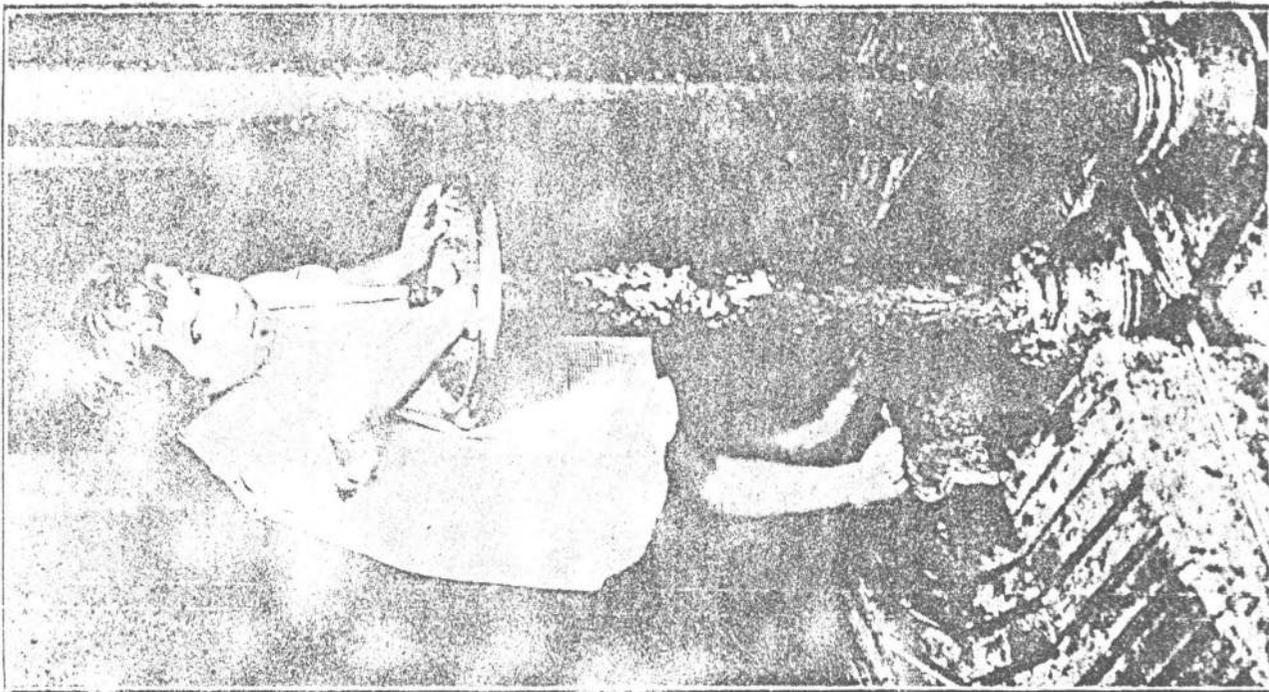
Observações.....

UNIÃO DE MOÇOS CATHOLICOS

Em boa hora, fundou-se aqui a União. São os moços em número de 70, tem pequena biblioteca com 200 e poucos volumes de leituras amenas, sala de jogos lictos; bilhar, ping-pong, xadrez, etc e uma sala de conferências, corfo scenico; foi a 1.ª fundada no Estado de S. Paulo.

A União festeja as datas patrias: 13 de Maio, 7 de Setembro, 12 de Outubro e 15 de Novembro, havendo conferencias e uma parte recreativa. Fundaram estes jovens a associação de escoleiros catholicos e concorrem com uma esportula mensal para a conferencia de S. Vicente de Paula e mantem uma aula primaria, bem frequentada.

Organisaram uma liga a favor da moralidade e defendem, desassombrada-



Instantaneo de uma criança bebendo durante o recreio no Jardim da Infancia

ficio catolico e occorre uma pratica de 10 minutos no maximo. Duas vezes por anno ha a 1.ª communhão com uma media de 40 crianças cada vez. Essas crianças aprenderam a missa de ANGELES que foi celebrada duas vezes. Faz-se a festa das crianças, com muito brilho, no mes de Maio.

CATECISMO

D. DUARTE

Ha aulas em catecismo dedicado as crianças alleias as escolas da Companhia, e bem frequentado. Está confiado a solidude das Irmãs.

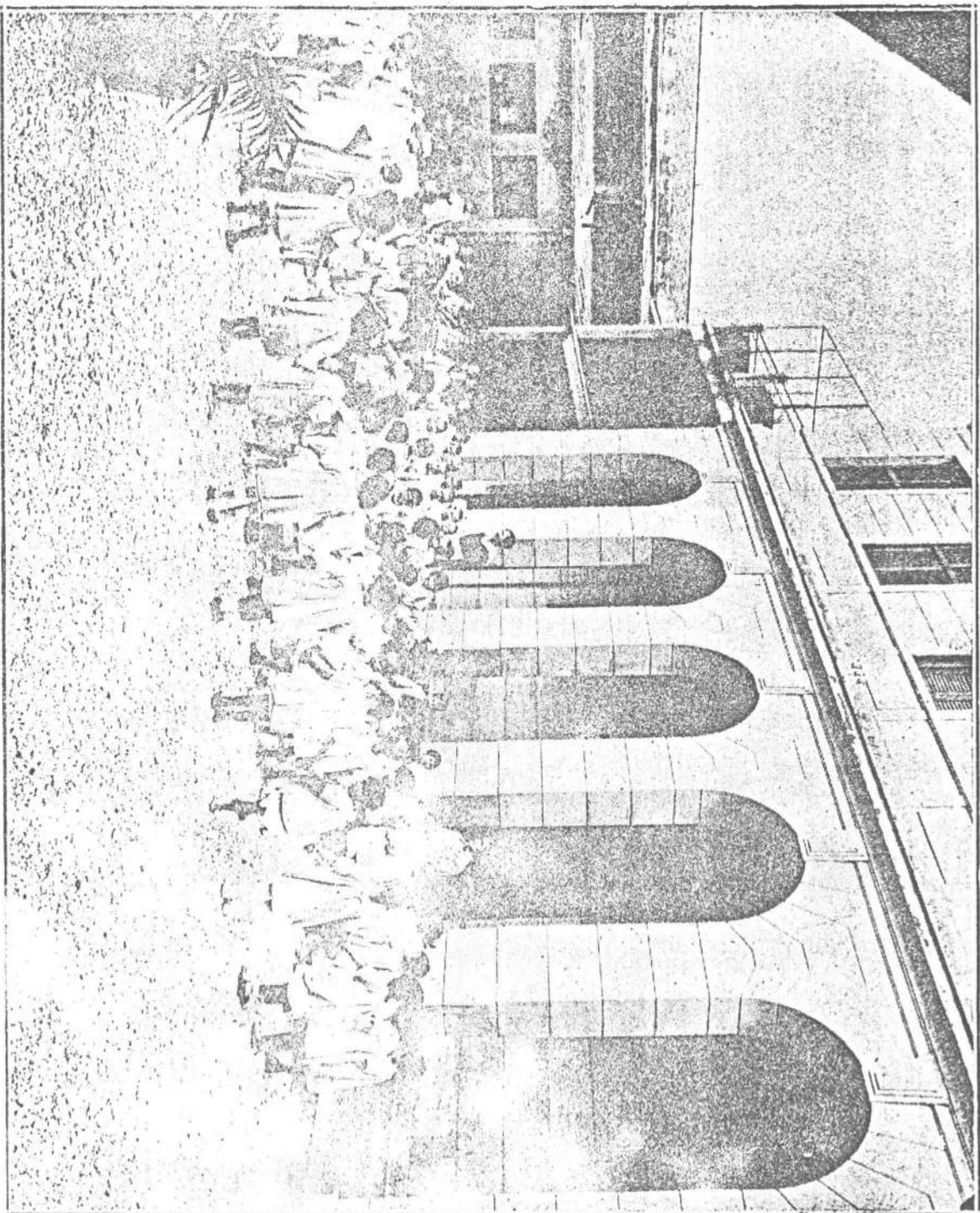
VICENTINOS

Existe nesta instituição a conferencia dos vicentinos, dedicados, verdadeiros apóstolos, tomam conta cada um de 2 familias.

creanças a Virgem Santíssima, o que sempre constituive cerimonia tocante.

CREANÇAS DO GRUPO ESCOLAR

Sobre todas as creanças do grupo, a acção do capellão, é directa. Recebem as creanças a instrucção religiosa, a uma vez por semana nas classes que são em numero de 10 incluindo as duas classes nocturnas para operarios dos doze sexos. Estas aulas são durantes o mez em numero de 12. Nas festas liturgicas ha communhão geral e aos domingos de 60 a 70 creanças. Para estas celebra-se o santo sacrificio a 2 domingos e dias santificados diante o of-



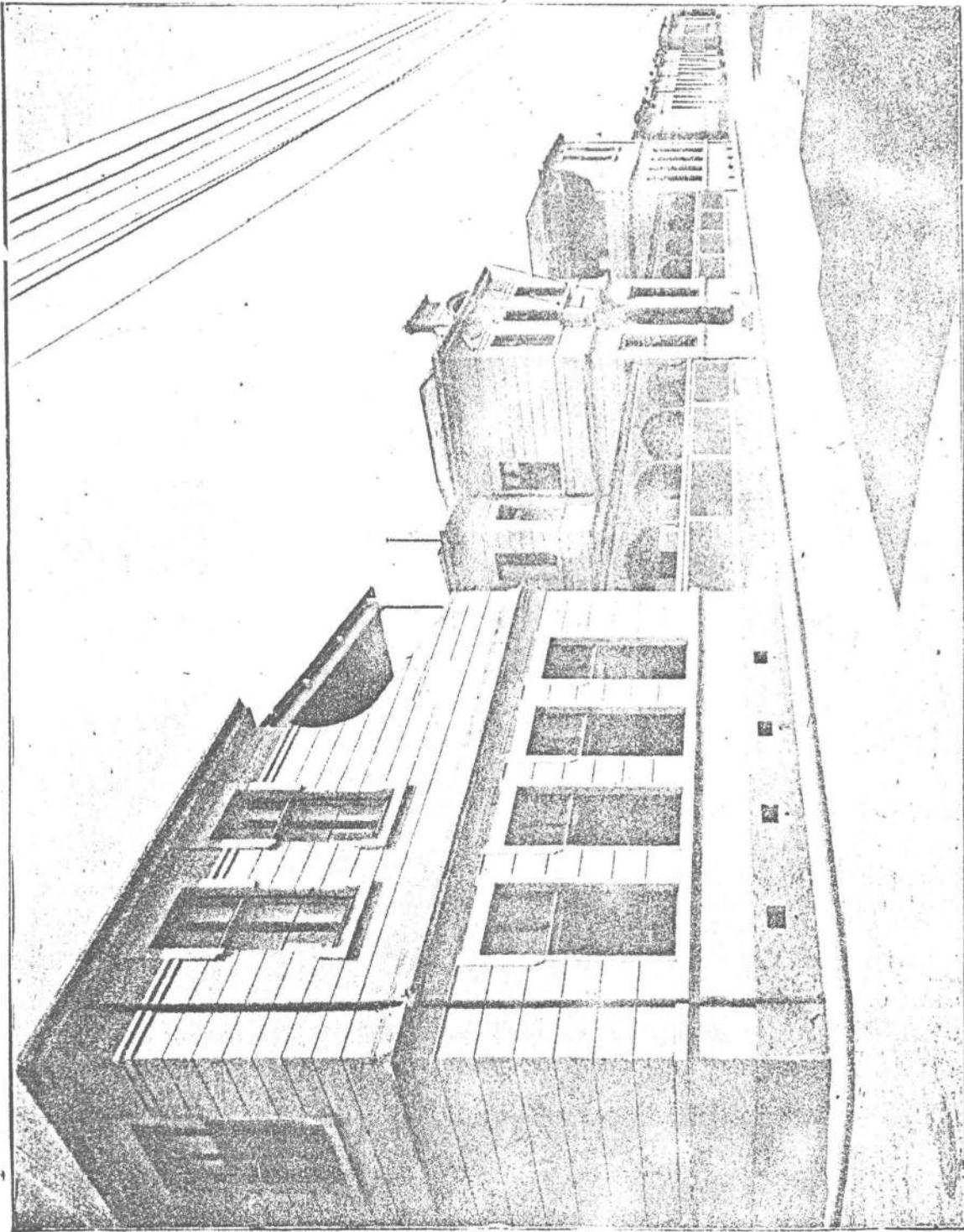
As berçadeiras mininosas saltam no pateo interno do Jardim da Infancia.

fé, quando ludi-
Por ocasião do
monumento a
Redemptor, de-
o dia, um dia, e
e meio de tra-
a a sua construc-

OLADO DA GRAÇÃO

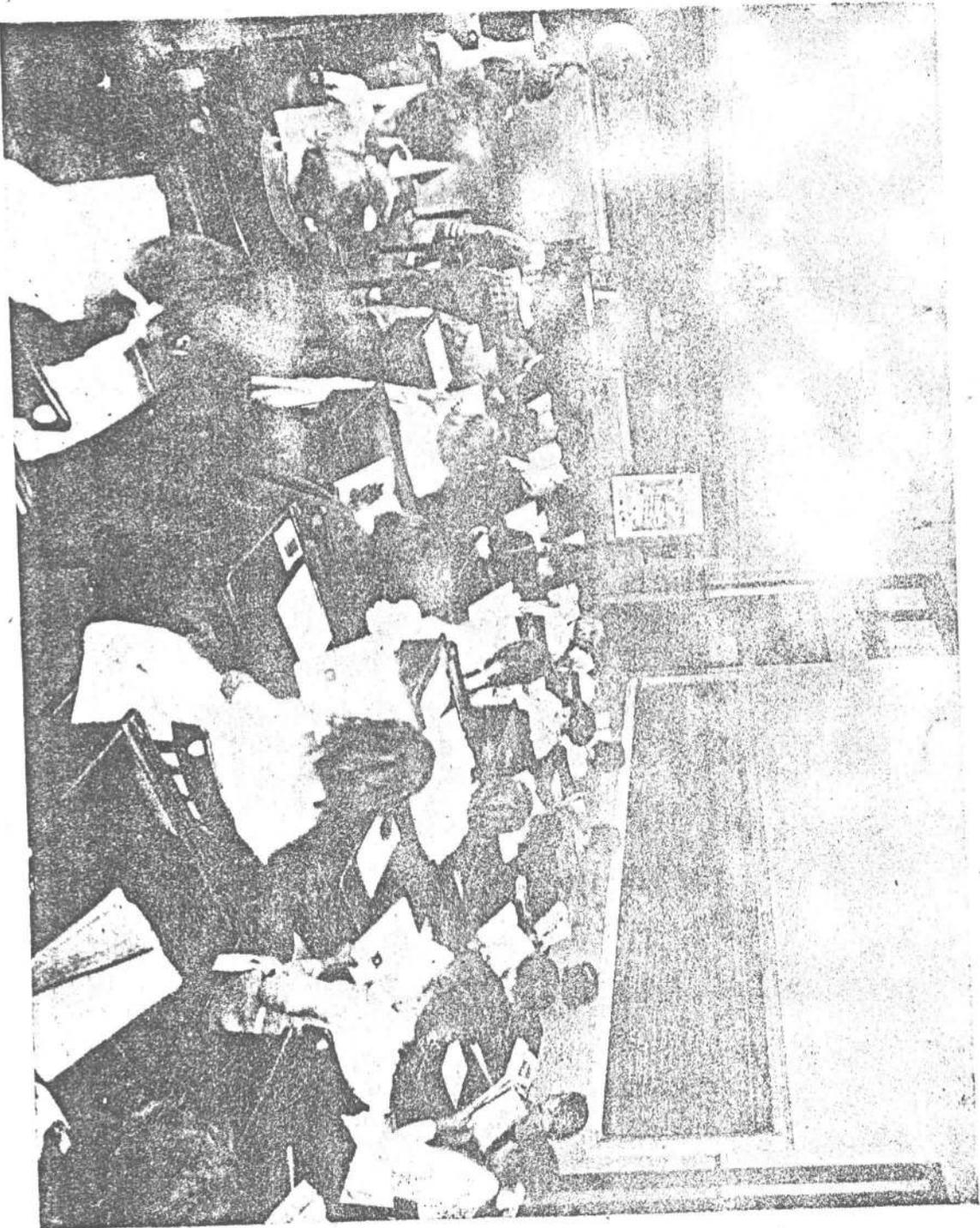
volte-se cada dia,
no primeiro do-
mes, dia em que
ca, posição. São
seccionadoras e 5 se-

a festa do S. Co-
cedida de reiro.
S. S. Sacramen-
te cerimonia da
anta".



Hygênico e elegante prédio, onde funcionam 10 classes escolares, em tres períodos: manhã, tarde e nocturno.

Uma das aulas do 4.º ano do período da tarde.



CRUZADA

EUCLHA

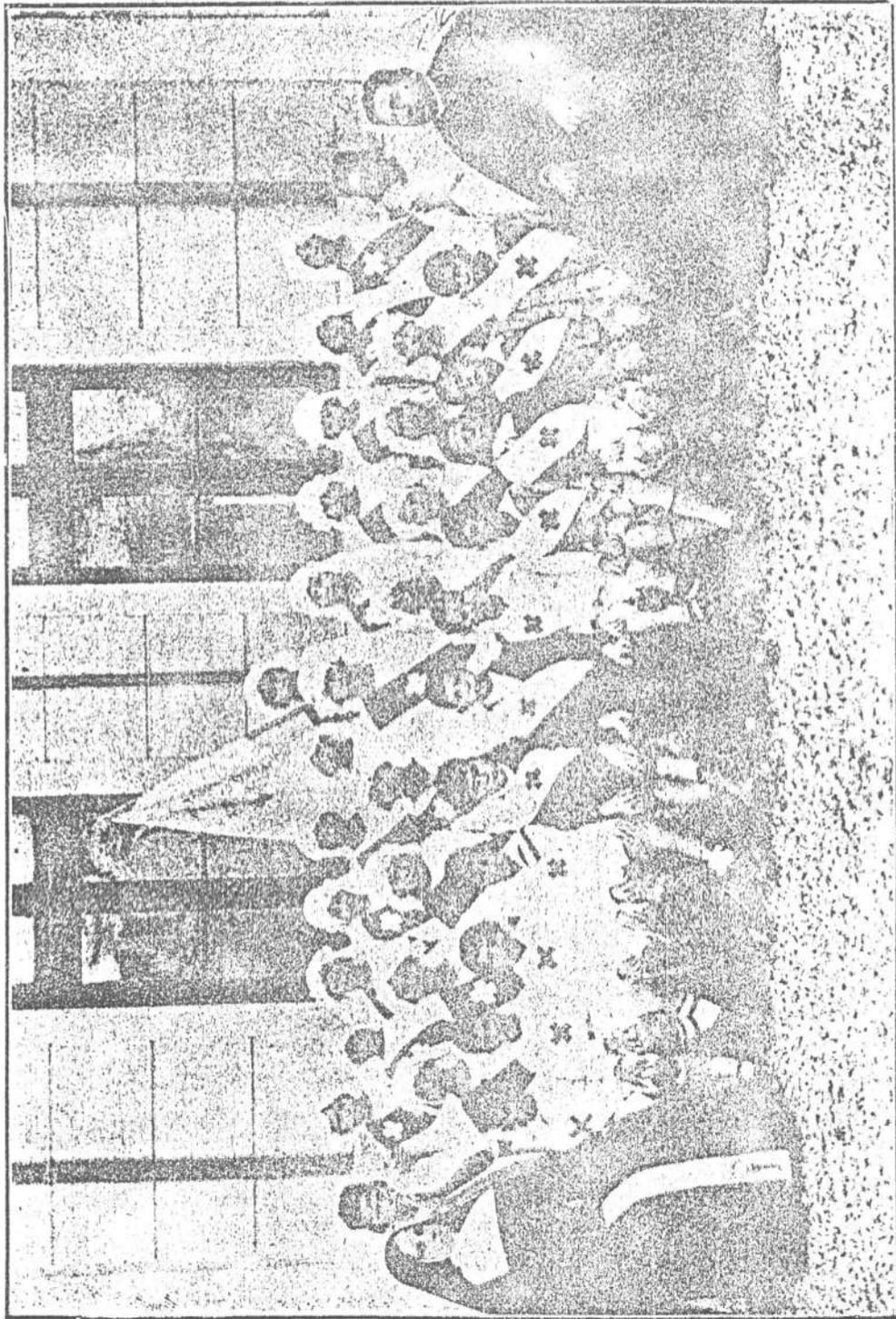
O Kee, mo. S
como meio de p
das creanças q
Primeira commu
dou a "Cruzada
tica" com opt
tudo.

E' um meio
conservar as
pureza, da obe
docilidade, etc
ções das crean
so Senhor h
Crescendo do
ambiente, os
hoje, serão
operarios de a
Os cruzada
bello estandar
communhão fr
te e, diversos
mente, se apli
meza eucharis

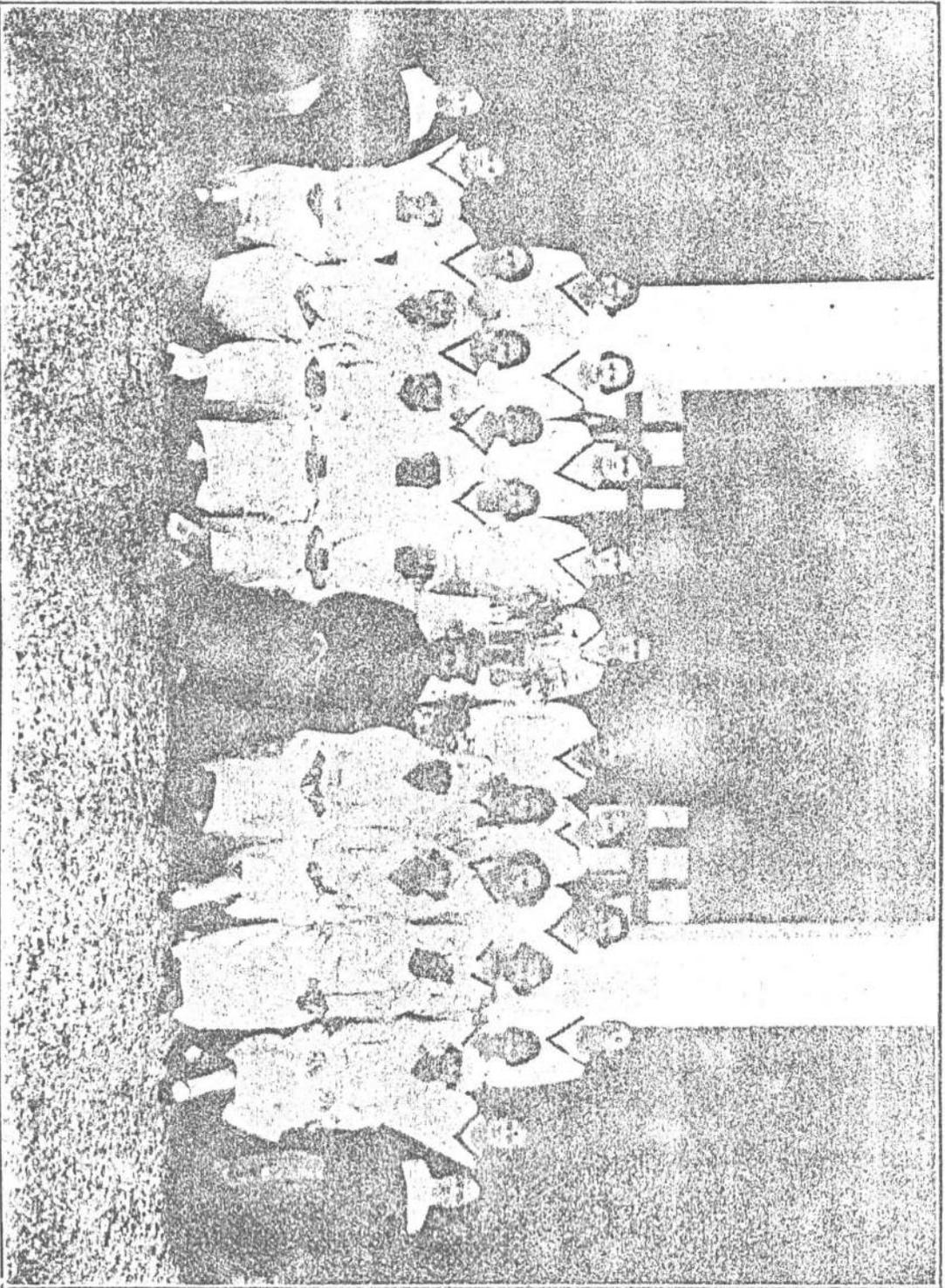
LIGA CATHOLICA
JESUS, MARIA, JOSE'
operario, principal-
mente, o lar obrreiro, pre-
de um exemplo effi-
de virtude e de traba-
Nenhum mais apro-
do do que o offercido
"Sagrada Familia —
us, Maria, Iesé".

Operarios que foram el-
sempre resignados dão
grande classe trabalha-
a, magnifico exemplo
conformação com a
cidade da Presidencia,
dôr e na cãgrã. Esta
pirada idéa atrahiu a
upathia de 80 homens
bã vontade que for-
m o batalhão da Liga
hólica.

Ahi, encontram pas pa-
seus coreãos, muitas
es, angustiações.



2.º Grupo da Cruzada Eucharística, composta de crianças do Grupo Escolar.

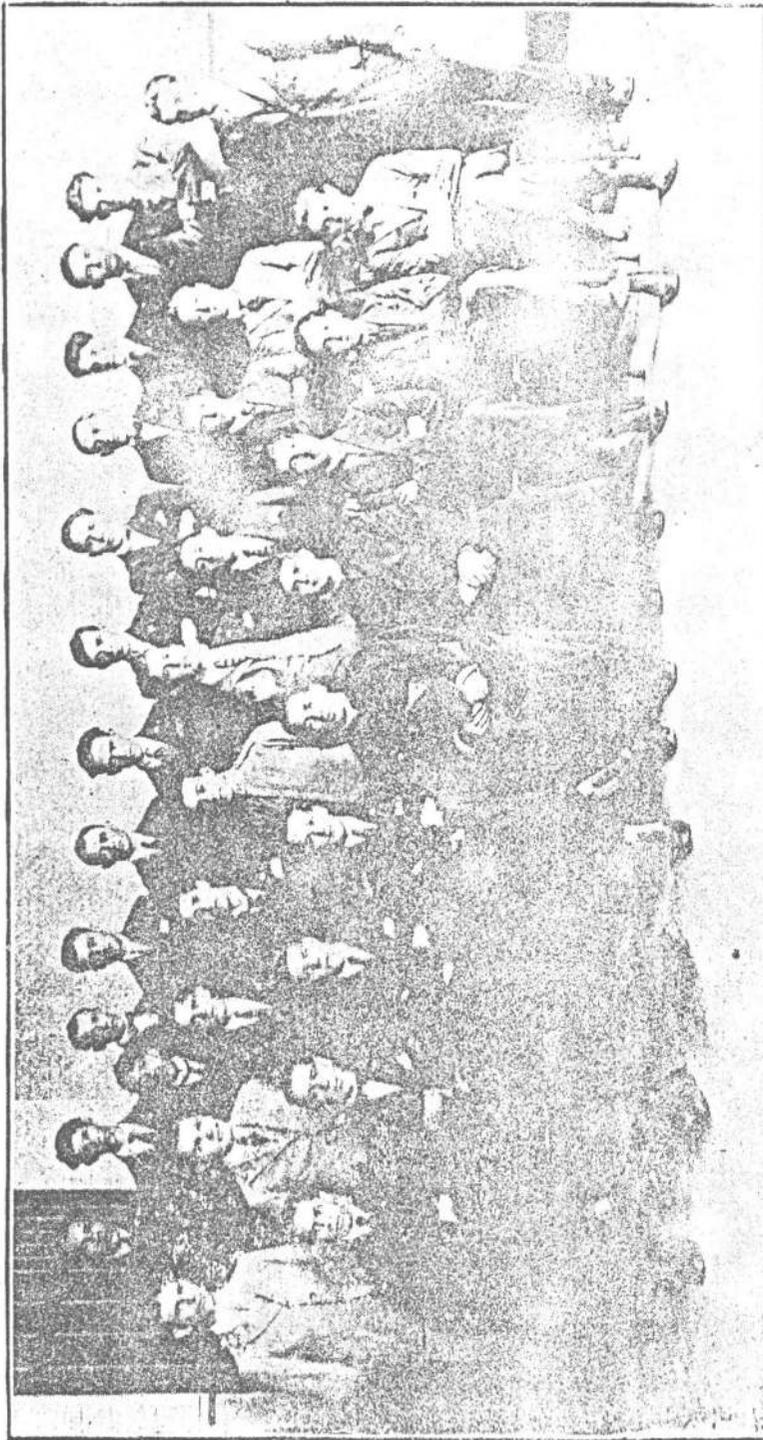


Filhas de Maria no dia em que se fundou a Pia União

É um sa
a religião, se
a classe soffi
sente feliz j
rarios de Né
sus, Maria,

FILHAS

Corresp
abençôado d
las joceus
Recimo. Ca
Padre Joda
Uchôa, fun
momento, a
Trinta e
formaram l
ge branca d
maculada.
Nim secc
dale como e
mitar que tr
cens, esp
preferiam o s

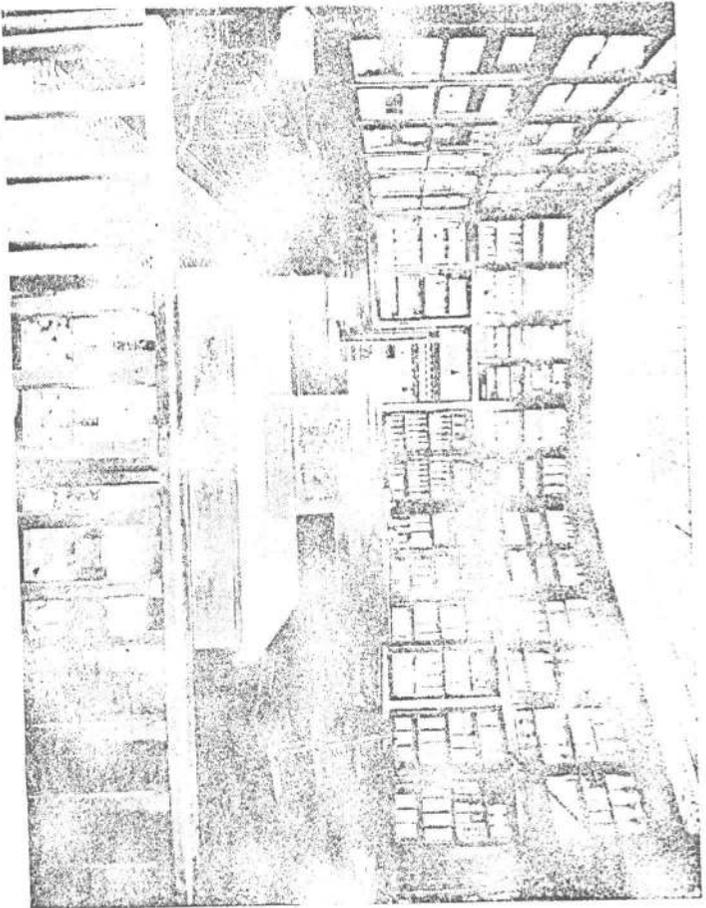


A primeira União de Moços Católicos, fundada no Estado de S. Paulo, em 23 de Agosto de 1922

lla, aos capri-
lões de bailes,
tenta, sem fu-
da exaggeraçã
á la garçonni-
os decotados e
s. Este pugillo
trabalha, estit-
ica a obras so-
o ensino de
ás creanças
s, a propaga-
mprensa e tra-
uaes, etc. Es-
operarias obr-
seropulosas no
bre o qual fal-
de Deus.

SSOES

os. Padres Re-
s pregaram,
fructo, as san-
s durante 12



Os remédios para as creanças da Creche e do Jardim da Infância são dados gratuitamente. Para se averiguar as receitas para os operarios examinados pelo medico da Companhia, consultar a Farmacia.

dos haecndos 2.000 com-
muniões.

MEDICO

A Companhia, a par do bem espirital, que deseja aos operarios e seus filhos, quer, tambem, para elles o bem corporal. Mantem um consultorio e gabinete medico para os casos de emergencia. Ha nesta Villa Scarpa um clinico que está prompto para attender methodica e escriptulosamente os operarios necessitados em qualquer hora do dia ou da noite. A's ordens deste medico está um enfermeiro pratico.

PHARMACIA

Ao lado do gabinete está a pharmacia, com a sua pharmaceutica e auxiliares. Ahi se aviam as receitas dos operarios a preço minimo, sendo que os remedios applicados pelo medico da casa das creanças da creche e jardim, são distribuidos gratuitamente.

HOSPITAL

Não possuindo a Companhia um hospital proprio, mantem contracto com um dos principaes da Capital, onde as suas expensas mantem o enfermo que, ainda, recebe a meua diaria, quando a doença é

DIVISÃO DE PREVENÇÃO DE ACCIDENTES

causada por accidente do trabalho.

GABINETE DENTARIO

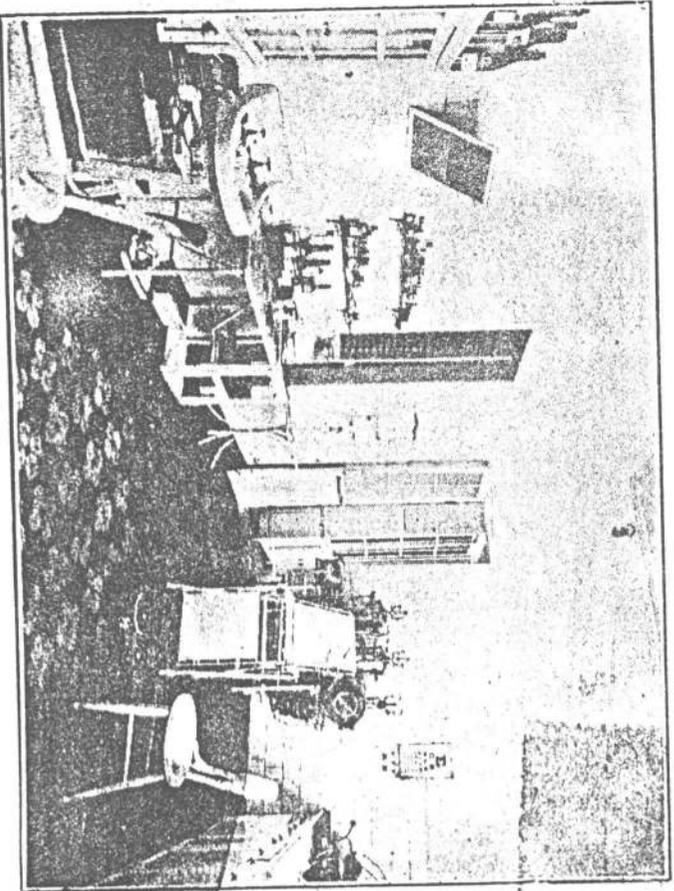
Existe um gabinete dentario que sob a responsabilidade de habil cirurgião, serve aos operarios, satisfactoriamente, e a rebella de preço commodo. O dentista é obrigado, pelo contracto, a tratar, gratuitamente nos casos urgentes, das creanças do Jardim e do Grupo Escolar, bem como attender as religiosas, cobrando-lhes só o correspondente ao material empregado.

LABORATORIO

Para que melhormente sejam servidos os operarios da Companhia, esta mantem um laboratorio chimico onde se fabricam ampólas que são vendidas, com grande redução de preço.

MUSICA

Após o trabalho é preciso recrear o espirito. Eis porque a Companhia organizou uma boa farrinha com terríveis figuras, instrumental de primeira ordem, fardamento, etc.



Gabinete medico destinado aos curativos e pequenas intervenções cirurgicas.

Esta musica é obrigada, quizenalmente, a dar uma retreta no pavilhão que enfeitou o lindo jardim, bem como tocar nas festas religiosas e ciências que se realizam na Villa.

THEATRO

Este não está concluido, funciona em um salão improvisado. Dentro em breve, porém, se terá um elegante e confortavel.

JUTA BELEM FOOT-BALL CLUB

Patrocinado pela Sociedade, que gratuitamente dá sede, zelador, agua e luz, ha uma sociedade de foot-ball, a qual faz parte da divisão municipal, tendo o seu campo proprio. Organizam-se festas attractivas sob rigorosa fiscalização de seus criteriosos directores.

ESCOTEIROS

Sob os cuidados da União de Moços Catho-

licos, e auxiliada pela Sociedade Anonyma Scarpa, como premio aos bons meninos do Grupo Escolar e rapazes operarios de optimo procedimento, que, no futuro, não só serão homens fortes, como também, e sobretudo, optimos patriotas, verdadeiros catholicos, intelligentes e honestos operarios.

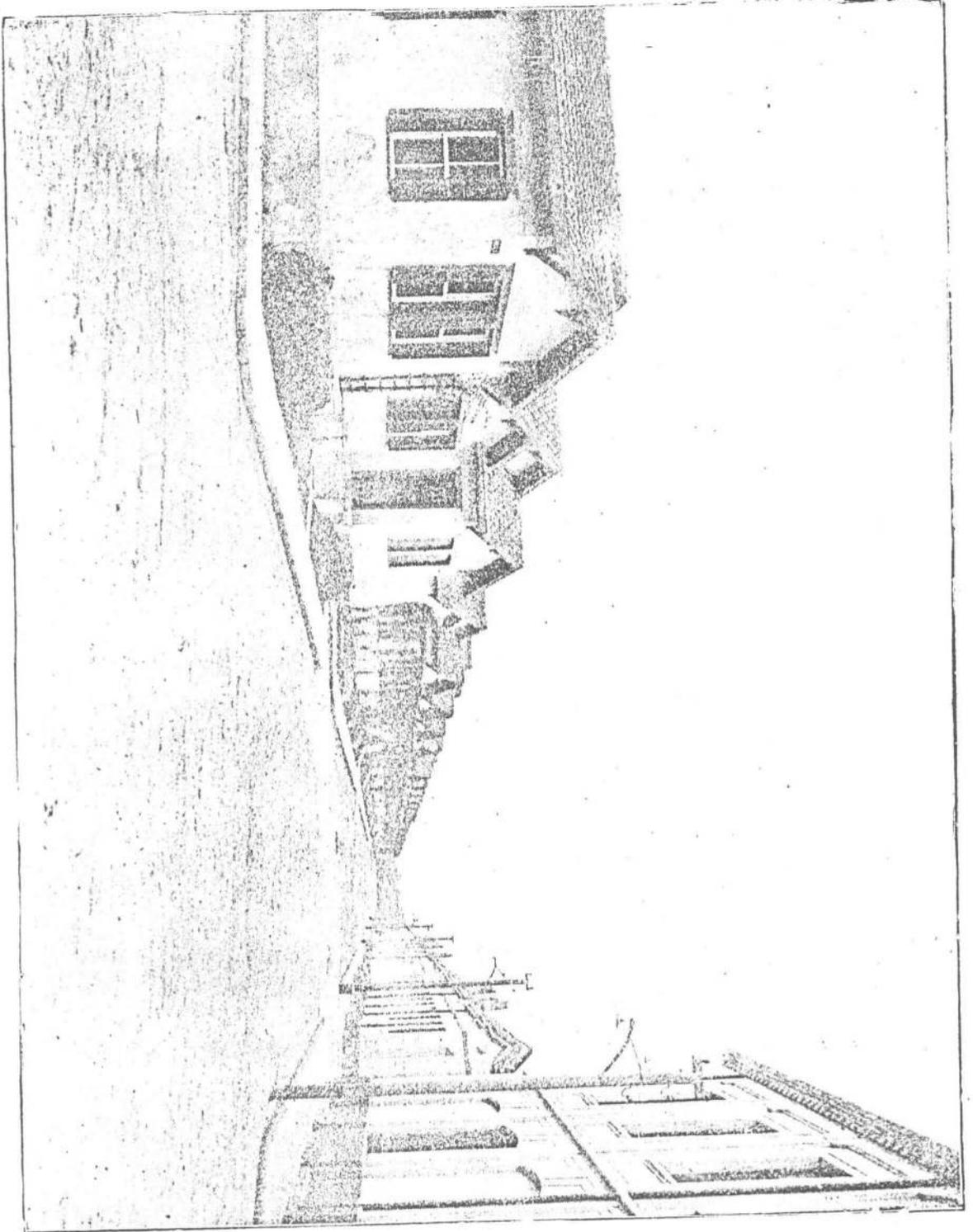
PENSIONATO PARA JOVENS OPERARIAS E ESCOLA PROFISIONAL PARA FILHAS DE OPERARIOS.

E' luminoso pensamento da Directoria, fundar um pensionato para operarias e uma escola profisional. Estas instituições tceem trazer grandes beneficios aos operarios da Companhia. E assim, durante as horas em que as creanças não frequentarem o Grupo Escolar, se formarão em trabalhos ao alcance de



Gabinete dentario. — As creanças do Jardim e do Grupo Escolar, recebem gratuitamente curativos.

RUA N. 6 DA ENCANTADORA "VILLA SCARPA"



sua capaci-
rejm os op-
nhã.
CON
-F Socie
operarios,
mente, pu
ganisação,
reis que,
operarios
um, como
de lucros,
748300.
cidade ob
bias licen-
NOF.FRL
dos opera-
resolter,
os compl
ta QUES
e solucio
entre o c
lho, que t
cupando

CÓPIA AUTÉNTICA

W. Aguiar deus
95
cep

Anexo III

Escritura - Compra e Venda (Certidão)

Levada em 5 de dezembro de 1940, L. 164, fls. 24v a 30
no 15º Ofício da Capital Federal.

Outorgante - Guinle Irmãos

Outorgado - I. A. P. dos Industriários.

OLEGARIO MARIANO, Tabelião do Décimo Quinto Ofício de
Notas da Cidade do Rio de Janeiro, por nomeação na forma da lei,
etc. -

C E R T I F I C O e dou fé, por me haver sido pedido
verbalmente que, revendo em meu poder e cartório o livro de Notas
número 164, nêlo, de fôlhas 24v a 30, verifiquei achar-se levra-
do o instrumento público do teor seguinte:- ESCRITURA de compra
e venda da "Vila Maria Zélia", à rua dos Prazeres, nº 362, na ci-
dade de São Paulo, Capital do Estado de São Paulo, que fazem Guin-
le Irmãos, como outorgantes vendedores, de um lado, e, de outro
lado, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários,
como outorgado comprador, na forma abaixo:- SAIBAM QUANTOS esta
virem que, no ano de mil novecentos e quarenta, aos cinco dias
do mês de dezembro, nesta cidade do Rio de Janeiro, em a sede do
Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, Á Aveni-
da Almirante Barroso, nº 78, onde eu, Sebastião Tobias de Moraes,
escrivente juramentado, exercendo as funções de tabelião, a rogo
vim, compareceram partes entre si justas e contratadas, como ou-
torgantes vendedores, GUINLE IRMÃOS, comerciantes, estabelecidos
à Avenida Rio Branco, números 135/137, 3º andar, nesta cidade, -
neste ato representados pelo seu sócio solidário, doutor Arnaldo
Guinle, brasileiro, solteiro, residente nesta cidade, doravante
denominados apenas "os outorgantes vendedores", de um lado, e,
de outro lado, como outorgado comprador, o INSTITUTO DE APOSENTA-
DORIA E PENSÕES DOS INDUSTRIÁRIOS, ente autárquico, criado pela
lei número 367, de 31 de dezembro de 1936, com sede à Avenida Al-
mirante Barroso, número 78, nesta cidade, nesta representado pel-
o seu presidente, Plínio Reis de Cantanhede Almeida, brasileiro,
casado, engenheiro, residente nesta cidade, doravante denominado

96
057

presente escritura distribuída pelo bilhete que fica arquivado. E logo, perante as mesmas testemunhas, me foi dito, pelos outorgantes vendedores, o seguinte: I) Que são legítimos senhores e possuidores de um imóvel constituído por uma fábrica denominada Cotonifício Scarpa, antes Maria Zélia, sito à Avenida Celso Garcia nºs 471, 461 e 449, fazendo frente também para a Travessa Catumby, rua dos Prazeres, rua Cachoeira, rua dos Amores e Travessa da Intendência, no Distrito do Belenzinho, na cidade de São Paulo, Capital do Estado de São Paulo, com os seus terrenos, casas, instalações, benfeitorias, maquinismos, acessórios, acessões, melhoramentos e construções, imóvel que tinha a área total de 214.110,00 m² e na qual se acham localizados os edifícios que constituíram a antiga Fábrica Maria Zélia e a Vila Operária ainda denominada atualmente "Vila Maria Zélia". II) -Que, têm justo e contratado vender ao outorgado - comprador uma parte desmembrada do imóvel acima mencionado, parte esta em que se acha localizada a "Vila Maria Zélia", à rua dos Prazeres, nº 362, antigo nº 2, fazendo frente, também, para a rua dos Amores e rua Jequitinhonha, até às margens do rio Tietê, com a área total de noventa e cinco mil e trezentos metros quadrados (95.300,00 m²), aproximadamente, contida dentro dos seguintes limites certos e determinados, tendo a seguinte descrição: começa a divisa do imóvel, ora desmembrado, num ponto da curva que o alinhamento do lado leste da rua dos Prazeres faz ao encontrar o alinhamento da face norte da rua Cachoeira, ponte êste que dista 100,42 m da intersecção da rua Cachoeira com o lado leste da rua dos Amores; dêste ponte segue pela rua dos Prazeres, para a qual dá frente e se acha localizado o portão principal de acesso para a Vila, na extensão de vinte e oito metros e quarenta centímetros, daí volta à esquerda, num ângulo de deflexão de 62º 12', seguindo por uma cerca existente, de tela metálica, tipo "Ciclone", na extensão de cento e um metros e noventa e seis centímetros, onde divide - com a propriedade da Companhia Goodyear do Brasil, e daí deflectindo , ainda, à esquerda, num ângulo de 44º 56', segue pela cerca, na extensão aproximada de cento e noventa e sete metros até alcançar a margem do rio Tietê, dividindo neste lado também com a propriedade da Companhia Goodyear do Brasil; daí,

a qual dá frente, pelo muro existente até encontrar a rua dos Amores, na extensão de duzentos e cinquenta e um metros; neste ponto quebra o canto formado por estas duas ruas públicas, na extensão de três metros e cinquenta centímetros e segue pelo muro existente na rua dos Amores, face leste, para a qual faz frente, com a deflexão de 78° 42' à esquerda, com o alinhamento da rua Jequitinhonha, deflectindo ainda duas vezes à esquerda, respectivamente, 19° 35' e 3° 27' e medindo cada uma destas três partes, setenta e um metros e noventa centímetros, quarenta e três metros e cinquenta centímetros, cento e trinta e seis metros, respectivamente, conforme indicação em planta, até encontrar uma fábrica de tecidos de números 12 e 14 da mesma rua, de propriedade dos Irmãos Bruderer; daí segue pelo lado esquerdo desta propriedade, na extensão de sessenta e nove metros e setenta e sete centímetros, contorna e segue pelo fundo da mesma, na extensão de trinta e um metros e noventa e dois centímetros, até encontrar o ponto de intersecção deste fundo com o lado direito da referida propriedade dos Irmãos Bruderer; deste ponto, com a deflexão à esquerda de 2° 52', segue em linha reta, medindo cinquenta e sete metros e sessenta e seis centímetros, confrontando com propriedade dos outorgantes vendedores, por uma cerca de arame farpado, indo atingir o ponto da curva das ruas Cachoeira e Prazeres, tomado como ponto inicial desta descrição conforme planta, levantada e assinada pelo professor engenheiro Dr. Jayme Castro Barbosa, carteira n. 424, da 6ª Região, em três vias, assinadas pelos outorgantes vendedores e outorgado comprador, e rubricadas por mim, escrevente, planta que fica fazendo parte integrante e complementar da presente, da qual a primeira via fica arquivada neste cartório, a segunda em poder do outorgado comprador e a terceira em poder dos outorgantes vendedores. As confrontações, já mencionadas, são em resumo as seguintes: ao norte confronta com a rua Jequitinhonha, ao sul com a propriedade da Companhia Goodyear do Brasil, a leste com o rio Tieté e a oeste com a rua dos Amores, com a propriedade dos Irmãos Bruderer e com a dos outorgantes vendedores e com a rua dos Prazeres. Dentro do perímetro, acima descrito, existem os seguintes edifícios e benfeitorias: uma (1) terrace estilhada com uma terra de trinta metros e construção

cas de privadas com oito W.C., cada um, pátio coberto, e os respectivos pavimentos superiores divididos em hall, cinco salas e um W.C., copa, seis salas de aulas e seis W.C., com a área construída de 1.282,00 m2, de cada prédio; um (1) prédio para armazem, de dois pavimentos, alvenaria de tijolos, piso ladrilhado no armazem, assoalhado no pavimento superior, estucados, sendo o pavimento térreo dividido em uma armazem com balcões e prateleiras, um escritório, três micrófonos, dois W.C. e um toilette e o pavimento superior, em vestíbulo, um salão, duas salas, dez quartos, uma copa, uma cozinha, dois banheiros e dois W.C., com a área construída de 700,00 m2; um (1) prédio para Restaurante e Barbearia, de dois pavimentos, alvenaria de tijolos, piso ladrilhado no andar térreo, assoalhado no superior, estucados, sendo o andar térreo dividido em vestíbulo, três salões, uma cozinha, dois W.C. e lavatórios, e o pavimento superior, em hall, um salão, três salas grandes e quatro saletas, dois W.C. e lavatórios, com a área construída de 700,00 m2; uma (1) casa (residência-Farmácia), de um pavimento, de alvenaria de tijolo, com duas salas, dois quartos, um banheiro, dois W.C., uma copa e uma cozinha, com a área construída de 125,00 m2; um (1) grupo constituído de: a) uma (1) casa, nº 26-A da rua II, dividida em uma sala, três quartos, cozinha, W.C., banheiro, tanque e área cimentada; b) um (1) açougue com frente para a rua III, revestido de azulejo branco; c) quatro (4) apartamentos, divididos, respectivamente, em 1 quarto, cozinha, W.C. com chuveiro; d) três (3) apartamentos divididos, respectivamente, em 2 quartos, cozinha, W.C. com chuveiro; e) dois (2) apartamentos divididos, respectivamente, em 3 quartos, cozinha, W.C. com chuveiro. Todas as construções deste grupo são em alvenaria de tijolos, assoalhadas nos principais cômodos, cozinha e W.C. ladrilhados; - quarenta e cinco (45) casas tipo "A", sitas, respectivamente, à rua II, nºs 24 e 25, à rua IV, nºs 59,62,63,64,65,66,67,70,71, 74,75,84,85,86,87,88,89,92,e 93, à rua V, nºs 96,97,100,101,102, 103,104,105,114,115,118,119,122,123,124,125,126,127,130,131,132, 133,134 e 135, todas de um pavimento, divididas em uma sala, um quarto, cozinha, W.C. com chuveiro, tanque, área cimentada e jardim. Todas as construções deste grupo são em alvenaria de tijolos, assoalhadas nos principais cômodos, cozinha e W.C. ladrilhados.

soalhadas nos principais cômodos, cozinha e W.C. ladrilhados, sendo trinta e quatro (34) casas de um pavimento, divididas em uma sala, dois quartos, cozinha, W.C. com chuveiro, tanque, área cimentada e jardim, com área construída de 47,50 cada uma e vinte e oito (28) do mesmo tipo, porém em "chalet", de um pavimento, divididas em uma sala, dois quartos, cozinha, despensa, W.C. com chuveiro, varanda, tanque, área cimentada e jardim, com a área construída de 57,00 m², cada uma; cinquenta e cinco (55) casas do tipo "C", citas respectivamente, à rua II, nº 30, à rua III nºs 33,34,35,39,40,41,42,43,44,45,46,47,48,49, 50,51,52,53,54,55,56, e 57, à rua IV, nºs 77,78,79,80,81 e 82, à rua V, nºs 107,108,109,110,111 e 112, à rua VI Nºs 143,144, - 145,146,147,148,149, 150,151,152,153,154,155,156,157,158,159, 160, 161 e 162, tôdas de alvenaria de tijolos, assoalhadas - nos principais cômodos, cozinha e W.C. ladrilhados, sendo vinte e cinco (25) casas de um pavimento, divididas em uma sala, três quartos, cozinha, W.C. com chuveiro, tanque e área cimentada, com a área construída de 63,70m², cada uma, dezoito (18) casas de um pavimento, com uma sala, três quartos, cozinha e W.C. com chuveiro, tanque e área cimentada, com a área construída de 69,50 m², e doze (12) casas, de um pavimento, divididas em uma sala três quartos, cozinha, W.C. com chuveiro, tanque, área cimentada e jardim, com a área construída de 60,00m²; uma (1) casa número 163, de um pavimento, dividida em duas salas, cinco quartos, banheiro, chuveiro, dois W.C., copa, despensa e cozinha, área cimentada e tanque coberto e jardim, com a área coberta de 250,00 m², sendo de construção de alvenaria de tijolos, assoalhada e estucada. Além destes prédios, existem as seguintes benfeitorias: muros de fechos, muros divisórios das casas, muretas nas frentes das mesmas, calçamento das ruas e passeios, ajardinamento e arborização, redes de esgoto, inclusive um emissário de 18 polegadas de diâmetro que atravessa os terrenos, mais ou menos, em linha reta, partindo do canto da Rua dos Amores com a rua Joquitinhonha, redes de iluminação pública e domiciliar, possuindo tôdas as casas medidores de energia elétrica, pertencentes à Vila, redes de água potável e águas pluviais, tendo sido estas benfeitorias feitas pelos outorgantes vendedores. (III) Que os outorgantes vendedores juntamente com o Banco do Brasil adquiriram por adjudica

hipotecária e passadas, em 18 de julho e 24 de agosto de 1931, pelo escrivão do Segundo Ofício do mencionado Juízo, Paul de Almeida Prado e assinadas pelo Juiz Dr. Mario Guimarães, cartas que foram transcritas, respectivamente, no Registro de Imóveis da Terceira Circunscrição da referida cidade de São Paulo, no Livro 3-F a folhas 275, sob o número 6.013, em 20 de julho de 1931, e no Registro de Imóveis da Sétima Circunscrição da mesma cidade, no livro 3, pág. 35, sob o número 129, em 24 de agosto de 1931. Após, os outorgantes vendedores adquiriram do Banco do Brasil, dito Brasil, por escritura de compra e venda, lavrada nas Notas do 5º Ofício (tabelião Renato Werneck) desta cidade, livro 584, folhas 95, em 9 de outubro de 1936, a parte correspondente a 4/25 avos que o Banco do Brasil tinha em mencionado imóvel, tornando-se assim, os outorgantes vendedores, únicos e plenos proprietários do imóvel adquirido pelas cartas de adjudicação de 18 de julho de 24 de agosto de 1931. Aludido título foi transcrito no Registro de Imóveis da Sétima Circunscrição, da cidade de São Paulo, no livro 3-Q, a folhas 48, sob o número 16.273, em 28 de junho de 1938. IV) Que, em virtude da natureza dos seus títulos de propriedade e para evitar quaisquer dúvidas, os outorgantes vendedores passaram e enumerar os anteriores proprietários do referido imóvel, e, em especial, da área de terreno, ora desmembrada, que constitui a Vila Maria Zélia, da seguinte forma: 1º) A Sociedade Anônima Scarpa adquiriu à Companhia Nacional de Tecidos de Juta todo o imóvel já mencionado, então com a denominação de Fábrica Maria Zélia, por escritura lavrada nas Notas do 11º tabelião (José Rodrigues Machado), da cidade de São Paulo, livro 150, a folhas 2, em vinte de janeiro de mil novecentos e vinte e cinco (1925), transcrita no Registro de Imóveis da 3ª Circunscrição da Cidade de São, no Livro 3-U, a pág. 434, sob nº 30.731, em vinte e três de janeiro de mil novecentos e vinte e cinco. Referido título foi ratificado pelas mesmas partes contratantes, por escritura lavrada no mesmo 11º tabelião (José Rodrigues Machado), livro 177, a folhas 49v., em 11 de fevereiro de 1925, averbada no mesmo Ofício de Registro de Imóveis; 2º) A Companhia Nacional de Tecidos de Juta adquiriu de Jorge Corrêa Porto e sua mulher dona Ana Corrêa da Silva, Manoel Corrêa Porto e sua mulher dona Florisbela Cor-

a página 327, sob o número 7.951, em 12 de julho de 1918; - 39) - A Companhia Nacional de Tecidos de Juta adquiriu de Manoel Moreira de Figueiredo, outra parte do mencionado imóvel, por escritura lavrada nas Notas do 2º Tabelião (A.L.Macedo), da cidade de São Paulo, Livro 315, a folhas 11, em 3 de agosto de 1917, transcrita no Registro de Imóveis da 3ª Circunscrição da mesma cidade, no Livro 3-D, a pag. 264, sob o número 6.535, em 4 de agosto de 1917; Finalmente, a Companhia Nacional de Tecidos de Juta adquiriu de dona Francisca Emilia - Conceição, viúva de Alexandre Ferreira Pinto, por escritura lavrada nas Notas do 2º Tabelião (João Correa da Silva e Sá) da cidade de São Paulo, Livro 245, a folhas 40v., em 3 de junho de 1911, um imóvel com uma área de três (3) alqueires, mais ou menos que conjuntamente com os imóveis adquiridos pelas escrituras de 6 de julho de 1918 e de 3 de agosto de 1917, constitui a área já descrita da Vila Maria Tália. Referido título foi transcrito no Registro de Imóveis da Primeira Circunscrição da Cidade de São Paulo, sob o número 60.441, em 5 de julho de 1911. 59) - Que mencionado Manoel Moreira Figueiredo adquiriu de Idalina Augusta Fragoso e seu marido Lindolpho de Paula Junior, por escritura lavrada nas Notas do 8º Tabelião (Alfredo Campos Sales), da cidade São Paulo, Livro 12, folhas 69, em 14 de junho de 1916, transcrita no Registro de Imóveis da 3ª Circunscrição, no Livro 3-C, a pag. 104, sob o número 4.982, em 17 de junho de 1916, tendo a vendadora dona Idalina Augusta Fragoso, havido no inventário de sua tia, dona Justina Carolina Fragoso, em pagamento de seu legado, conforme partilha homologada por sentença de Juiz, dr. Luis Ayres A. Freitas, em 29 de julho de 1915, do ofício Juiz de Direito, 1º Juízo de Direito da 2ª Vara da Provedoria, da cidade de São Paulo. Por sua vez, dona Justina Fragoso houve este imóvel em partilha de fato dos bens deixados pelo seu pai Pedro Carlos Alvarez Fragoso, falecido em data remota; 60) - Que Jorge Correa Forto adquiriu a parte da proprietária, digo da propriedade vendida à Companhia Nacional de Tecidos de Juta, da seguinte forma: a) - de Benedito Alves Fragoso, Faustina Maria Fragoso, Antônio dos Santos - Fragoso, Galvão Alves Fragoso e sua mulher dona Eulalia Tiburcia Fragoso, Pedro da Cruz Fragoso e sua mulher dona Faustina Ramana Fragoso, por escritura lavrada nas Notas do 7º Tabelião

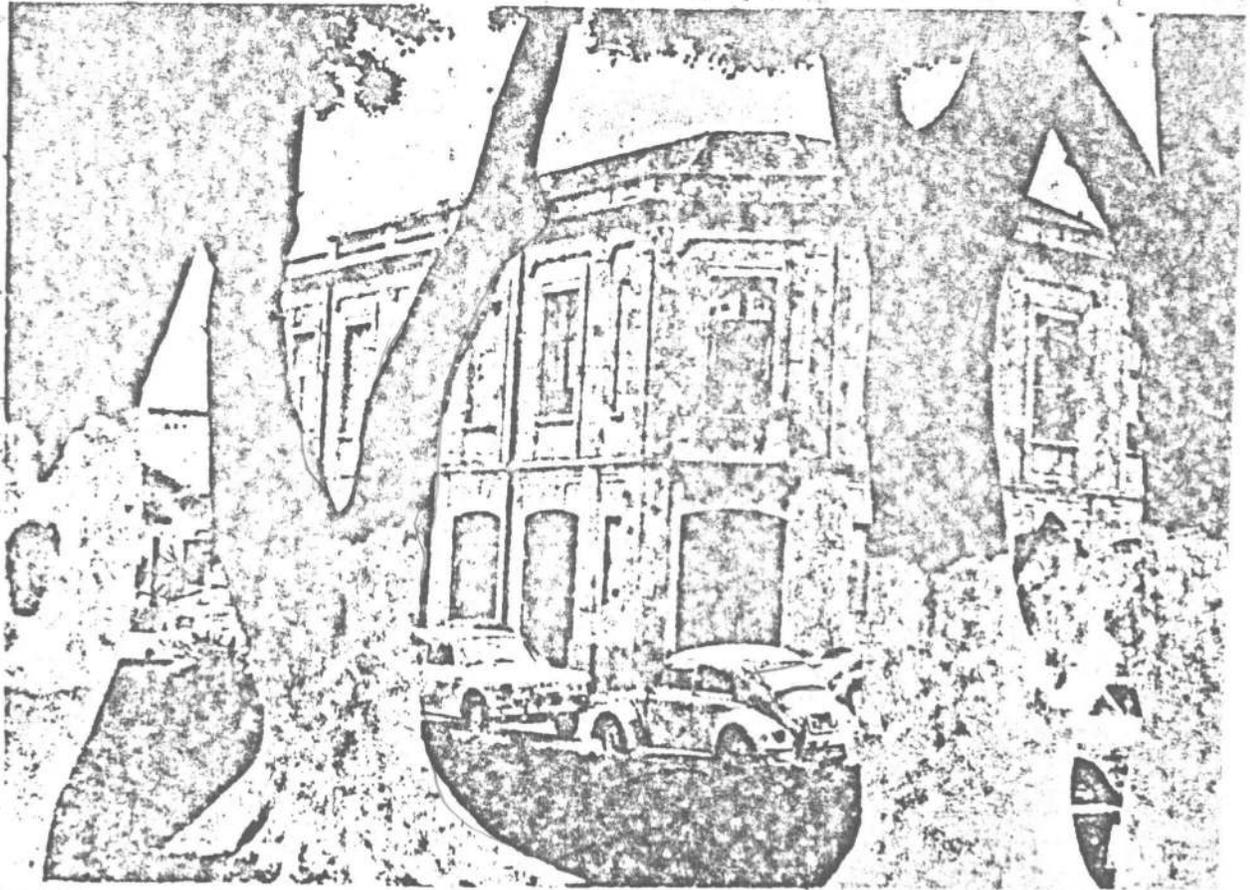
gada por sentença do Juiz Dr. Luiz Ayres A. Freitas, em 27 de março de 1916; por sua vez Benedito Alves Fragozo e sua mulher Anna Gertrudes de Almeida houveram a propriedade em partilha - de fato dos bens deixados por Pedro Carlos Alvares Fragozo, também conhecido por Pedro Alves Fragozo, falecido em data remota: b) de João Alves Fragozo e Joaquina Alves Fragozo, herdeiros ausentes do seu irmão Pedro Alves Fragozo, falecido em 1904, cujo inventário foi processado perante o Juizo da 2ª Vara de Órfãos da cidade de São Paulo, conforme arrematação dos quinhões de citados herdeiros, em quatro de junho de mil novecientos e dezoito, tendo sido expedida a respectiva carta de arrematação no mesmo ano; c) de Joaquim Lima Filho e sua mulher dona Eudoxia - de Lima, por escritura lavrada nas Notas do 10º Tabelião (Edison Vieira), da cidade de São Paulo, livro 25, folhas 39v., em 11 de maio de 1918, transcrita no Registro de Imóveis da 3ª Circunscrição, da mesma cidade, no livro 3-E, a pag. 239, sob o número ... 7.705, em 20 de maio de 1918, tendo estes vendedores adquirido a propriedade de Benedito Alves Fragozo, João Alves Fragozo e L. Maria das Dores Fragozo, viúva de Frederico Alves Fragozo, por escritura lavrada na Notas do 1º Tabelião (Filinto Lopes), da mesma cidade, livro 23, folhas 39v., em 11 de maio de 1918, transcrita no Registro de Imóveis da 3ª Circunscrição de dita cidade, no livro 3-E, a pag. 185, sob o número 7.594, em 13 de abril de 1918; por sua vez estes vendedores houveram esta propriedade no inventário de Pedro Alves Fragozo, processado perante o Juizo da 2ª Vara de Órfãos da aludida cidade, conforme partilha julgada por sentença do Juiz Dr. Luiz Ayres A. Freitas, em 9 de março de 1918; d) de D. Maria Benedita Fragozo Valente e seu marido Antônio Valente e José Alves Fragozo, por escritura lavrada nas Notas do 10º Tabelião (Edison Vieira) da cidade de São Paulo, livro 26, folhas, 13, em 15 de maio de 1918, transcrita no Registro de Imóveis da 3ª Circunscrição da mesma cidade, no Livro 3 a pag. 240, sob o número 7.707, em 23 de maio de 1918, tendo estes vendedores lavrado a propriedade no inventário de Pedro Alves Fragozo, processado perante o Juizo da 2ª Vara de Órfãos, da dita cidade, conforme partilha julgada por sentença do Juiz Dr. Luiz Ayres A. Freitas, em 9 de março de 1918; 7º) - Que Manoel Correa Porto adquiriu de Benedito Alves Fragozo, por escritura lavrada nas Notas do 7º Tabelião (A. Gouvea Giudice), da

fls. 3

iz dr. Luiz Ayres A. Freitas, em 27 de março de 1916; por sua vez, Benedicto Alves Fragoso e sua mulher Anna Gertrudes de Almeida houveram a propriedade em partilha de fato dos bens deixados por Pedro Carlos Alvarez Fragoso, também conhecido por Pedro Alves Fragoso; 8ª) José Alves Fragoso, Maria Benedicta Fragoso e seu marido Antônio Valente, Antônia Fragoso e seu marido Raphael Gallo d'Ambrosio houveram a propriedade no inventário de D. Luzia Ermelinda Fragoso, processado perante o Juizo de Direito da Primeira Vara Civil e Comercial da Cidade de São Paulo, tendo sido feita a partilha por escritura lavrada nas notas do 10º Tabelião (Almeida Nobre) da dita cidade, livro 20, a folhas 99v., em 6 de março de 1918, julgada por sentença do Juiz Dr. Miguel Godoy Sobrinho, em 13 de março de 1918; a referida inventariada, Luzia Ermelinda Fragoso houve a propriedade em partilha de fato dos bens deixados por Pedro Carlos Alvarez Fragoso, também conhecido por Pedro Alves Fragoso; 9ª) Aludida Maria Benedicta Fragoso houve ainda no inventário de sua tia D. Justina Carolina Fragoso, processado perante o Juizo de Direito da Povedoria da cidade de São Paulo, cuja partilha foi julgada por sentença do Juiz dr. Luiz A. Freitas, em 29 de julho de 1915; por sua vez, D. Justina Carolina Fragoso houve a propriedade na forma anteriormente mencionada; 10ª) Paulo Alves Fragoso, José Alves Fragoso Sobrinho e Anna Alves Fragoso, houveram a propriedade em arrematação no inventário de José Alves Fragoso, processado no Juizo de Direito da Primeira Vara de Órfãos, da cidade de São Paulo, conforme carta de arrematação expedida em 10 de junho de 1918. -V) -Que, assim, os outorgantes vendedores, pela presente escritura e melhor forma de direito, vendem, como de fato vendido têm ao outorgado comprador mencionado imóvel Vila Maria Zélia, já descrito, livre e desembaraçado de quaisquer ônus judiciais ou extra-judiciais, inteiramente quites de todos e quaisquer impostos, taxas e multas, pelo preço certo e ajustado de tres mil e oitocentos contos de reis (Rs. 3:800:000.000), importância representada por cinco cheques de números 2751 e 2755 da 11ª série P, emissão do outorgado comprador contra o Banco do Comércio desta praça, em favor dos outorgantes vendedores, cheques que verificarem e secharam certos, perante mi, crevente, e as testemunhas adiante declaradas e assinadas, de

104
esp

vel, inclusive todos e quaisquer direitos sobre a faixa de servidão pública ao longo da margem do rio Tietê, com a área aproximada de três mil e seiscentos metros quadrados (3.600,00m²) conforme consta da planta já referida, para que use, goze e disponha como lhe convier, havendo-o, desde já, por empossado, por força desta escritura e da cláusula "constituti", obrigando-se por força desta escritura, digo por si e seus sucessores, em todo o tempo a fazer a presente venda boa, firma e valiosa, pondo o outorgado comprador a paz e a salvo de quaisquer dúvidas ou contestações futuras e a responder pela evicção de direito, bem como por todas as obrigações decorrentes da legislação social em referência aos empregados e membros da administração do mencionado imóvel, que, desde já, ficam dispensados dos seus serviços e funções. Em seguida, pelo outorgado comprador, representado pela forma acima declarada, me foi dito, perante as mesmas testemunhas, que aceitava a presente escritura nos termos em que ela está feita e que referido imóvel se destina para moradia dos seus associados e construção de casas para os mesmos. E de como assim disseram e outorgaram pediram a mim, Sebastião Tobias de Moraes, escrevente juramentado, investido, para este fim, das funções de tabelião, por força do Decreto-lei nº 2727, de 31-10-1940, lhes lavrasse esta escritura em minhas Notas, o que fiz, e, lhes sendo lida e às testemunhas Arnaldo Marques de Figueiredo e José Ferreira Ruas, achada conforme, aceitaram e assinaram, com as mesmas testemunhas, perante mim, Sebastião Tobias de Moraes, escrevente juramentado, que escrevi e assino, em virtude das funções de tabelião a que me acho investido por força do Decreto-lei a que esta se reporta.- SEBASTIÃO TOBIAS DE MORAES.- GUINLE IRMÃOS.- ARNALDO GUINLE,- PLINIO REIS DE CANTANHEDE ALMEIDA.- Arnaldo Marques de Figueiredo.- José Ferreira Ruas.- ERA o que se continha em a escritura referida, que se acha lavrada em o livro e fôlha ao princípio mencionados, a que me reporto e dou fé, em meu poder e cartório, de onde, bem e fielmente, fiz extrair a presente certidão, verbo ad verbum, por me haver sido pedida verbalmente, nesta cidade do Rio de Janeiro, Capital da República dos Estados Unidos do Brasil, aos cinco dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e quarenta. E eu (ilegível) Substituto no impedimento do tabelião



Ainda há árvores num bairro da Zona Leste, mas são poucos os que pretendem defendê-las.

A fuligem agora cai sobre a realidade de um poeta

No Belenzinho ainda continuam de pé — dentro de uma vila com quase 200 casas — a escola em ruínas e a igreja escurificada, cujos sinos tocaram há dias em memória de um tipo estranho chamado Jorge Street. Nem mesmo os mais antigos moradores sabem dizer ao certo quem foi ele — tido como louco no início do século, por suas idéias absurdas para com milhares de empregados. Era dono de tudo aquilo que se vê até a avenida Celso Garcia. Morreu pobre na antevéspera do Natal de 1939.

A vila, que leva o nome de sua mulher até hoje, não pode mais ser considerada como um núcleo operário. Mas os filhos dos trabalhadores ainda conservam o nome de Maria Zélia Frias Street à entrada da vila particular entre árvores plantadas em 1918. Dela se sabe menos ainda, a não ser que foi condecorada pelo Papa, por mandar construir creches dentro da vila e exigir do marido que as operárias não fossem despedidas durante a gravidez.

De Jorge Street e seus teares no Belenzinho, um outro industrial, que ajudou a levá-lo à falência, disse na década de 20: "Não se trata de uma fábrica de tecidos. É uma fábrica de revolucionários". E, de fato, Jorge Street estava inovando o direito social no Brasil, do qual foi precursor, influenciado pelas idéias revolucionárias de Leão XIII.



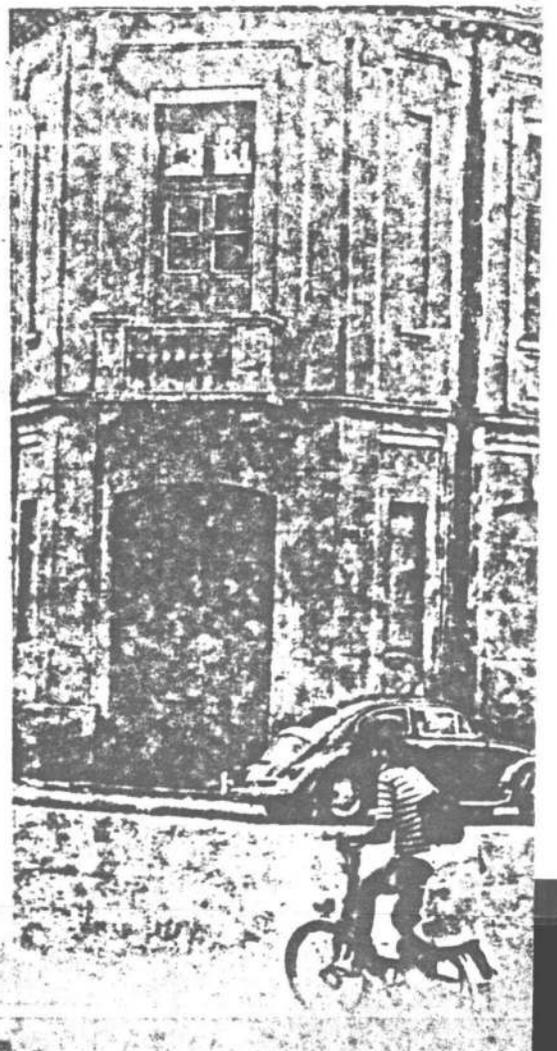
Jorge Street, lírico, visionário?

bailes, além de ambulatório e farmácia. As casas eram alugadas por 20 a 50 mil réis. O

restaurante da fábrica era frequentado apenas pelos operários solteiros, e segundo alguns funcionava no Café Lourenço, hoje conhecido como "o bar dos desmemoriados".

DE PORTAS CERRADAS

Ninguém se recorda quando a escola fechou para sempre, embora ainda se possa ver uma placa na rua, perto de vidraças espatifadas, dando conta de que ali se lecionava também química industrial. Hoje, as crianças de Vila



De Jorge Street e seus teares no Belenzinho, um outro industrial, que ajudou a levá-lo à falência, disse na década de 20: "Não se trata de uma fábrica de tecidos. É uma fábrica de revolucionários". E, de fato, Jorge Street estava inovando o direito social no Brasil, do qual foi precursor, influenciado pelas idéias revolucionárias de Leão XIII.

VILA MARIA ZÉLIA

A vila sofre agora a punição de uma outra indústria que se ergueu sobre os escombros daquilo que foi o sonho de Jorge Street. Uma fuligem — resíduo da fabricação de borracha para pneus — cai sobre o quintal das casas. É a única queixa de José Bento e Liberali Zancarli, funcionários públicos aposentados, herdeiros das casas que pertenceram aos operários das fábricas "Maria Zélia" e "Juta Belém".

As casas, que começaram a ser construídas no início do século, não possuem mais a uniformidade típica das vilas operárias. Depois que foram parar nas mãos do INPS — ainda proprietário de algumas unidades —, cada morador ou descendente dos trabalhadores deu-lhe a feição que bem quis.

Mas conservaram o espírito comunitário dentro da vila, com suas ruas limpas e jardins onde plantam margaridas, dalias, hortênsias, rosas, cravos e cravinas. Existe ainda um pé de maracujá; e, entre musgos e plantas ralas, bancos onde sentam os moradores ao fim da tarde. A passarinhada fez da vila Maria Zélia um abrigo, não muito distante da Marginal, quase à entrada da ponte de Vila Maria. Mesmo assim cada morador faz questão de possuir sua gaiola no alpendre da casa.

BAR DOS DESMEMORIADOS

Perto da capela São José, com vitrais encardidos, à entrada da vila Maria Zélia, está o "Café Lourenço", com a mesa de bilhares e o balcão acolhedor. Mas ninguém sabe quem foi Jorge Street e sua mulher. É preciso consultar os velhos, que ficam se aqueitando ao sol da pracinha, como figuras recortadas dentro de uma paisagem de cidade do interior. E mesmo a memória dos mais antigos falha na hora de explicar como foi a derrocada de Jorge Street e seu império, que parecia inabalável há 50 anos.

A Vila tem 69 anos, e algumas janelas e portais ainda guardam as linhas de construção que marcaram a antiga São Paulo, nada mais faz lembrar a fantasia de Jorge Street e sua mulher, que construíram creches, jardim da infância para 240 crianças, 300 chalés providos de quintal, água filtrada e luz elétrica para a família dos operários.

Existiu também um teatro, ao lado da praça de esportes, assim como um salão de

como "Café Lourenço" de memórias".

DE PORTAS CERRADAS

Ninguém se recorda quando a escola fechou para sempre, embora ainda se possa ver uma placa na rua, perto de vidraças espatifadas, dando conta de que ali se lecionava também química industrial. Hoje, as crianças de Vila Maria Zélia têm de caminhar muito até chegar à escola que fica no Catumbi, no prédio do Sesi.

O grupo escolar, segundo relato de um escritor italiano chamado Alfredo Cusano, que esteve no Brasil por volta de 1921, abrigava 800 alunos. Mas, há muito as carteiras das salas de aula foram retiradas e a Secretaria de Educação não se interessou pelo prédio com dois andares e 20 salas, sem falar do anexo.

No livro do autor italiano, que andou realizando uma enquete sobre a situação do Brasil nos idos de 1920, há um relato completo sobre o programa social de Jorge Street, a quem já chamavam "o poeta da indústria".

A impressão de Alfredo Cusano, em sua pesquisa, era a de que não estava apenas diante de um grande industrial, ou um patrão milionário, mas de um autêntico líder com idéias avançadas à semelhança daqueles que começam a grasar com mais vigor na Europa. Mas aqui, no Brasil, ninguém o queria levar a sério. Um lirico que só criava embaraços e precisava ser levado à falência, como acabou por acontecer.

RUA DOS PRAZERES

Rineiro Baldassari, guarda da vila Maria Zélia, fica dentro de uma guarita, com a missão de proibir a entrada de estranhos que chegam pela rua dos Prazeres. A vila faz muitos anos ganhou alguma notoriedade porque lá dentro se fez algumas tomadas de cena para o filme "O Corintiano", cuja estrela era o comediante Mazaropi. Mas a fita não fazia qualquer alusão aos teares que logo silenciaram, segundo conta Baldassari e outros moradores, como João Fins, tido talvez como o mais antigo de Vila Maria Zélia.

Num canto de jornal publicado faz três decênios, há uma vaga alusão sobre a ruína de Jorge Street, "motivada pelo abuso de confiança de um dos seus auxiliares mais diretos" - diz o cronista social da época, sem entrar em mais detalhes.

É quase certo, no entanto, que a falência não começou pelos numerosos encargos sociais a que se obrigou Jorge Street. Mas, pela batalha de outros industriais empenhados em vender os produtos a preços mais baratos e, dessa forma, eliminar o concorrente que admitia o direito de greve, fornecia habitação aos operários, concedia-lhes férias pagas e adotava uma jornada de 8 horas de trabalho.



Há lugar para as crianças, mas até quando?

Era muita audácia para São Paulo antiga

O incipiente parque industrial paulista, no início de século, não podia comportar uma figura como Jorge Street, um patrão que se rebelou contra a jornada de 12 horas, lia a "Rerum Novarum" de Leão XIII sobre o trabalho e dissipava o lucro de suas fábricas na construção de escolas e casas para os operários. Foi o que fez no bairro do Belenzinho, dentro da vila Maria Zélia — o excêntrico industrial levado à bancarrota por outros que não perdoavam suas liberalidades e o apelido de "o bom patrão".

Naquele tempo, quando não se admitia o pagamento de férias aos empregados, os pais diminuíam ainda mais a idade dos filhos para que pudessem ganhar algum sustento como auxiliar nos teares. As mulheres grávidas, na tecelagem, trabalhavam até horas antes do filho nascer e, depois, eram despedidas.

A toda essa exploração — um problema social que se negava mesmo com a extinção da escravidão — Jorge Street submeteu também por longo tempo seus operários, como mais tarde confessou num discurso, no Instituto de Engenharia. Sua mudança de comportamento aconteceu antes da década de 20 e até hoje não ficou claro como pode se antecipar a numerosas teses de legislação trabalhista, que só viriam depois da Revolução de 1930.

Citado por Roberto Simonsen, que o leva para a Federação das Indústrias de São Paulo, quando as fábricas vão à falência, Jorge Street trabalhou antes como funcionário público para sustentar a família. Há uma outra referência dele elogiosa da parte de Lindolfo Collor, outro pioneiro do progresso industrial, que

dirigiu o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Em que consistiu a fantasia e o "lirismo industrial" de Jorge Street? — era o que se perguntava também um deputado socialista argentino, Alfredo Palacios, que aqui esteve sem acreditar na obra benemerita de Street, de quem disse após uma visita à vila Maria Zélia:

"O que nós, socialistas, queremos para o proletariado, é pouco menos do que encontrei na sua fábrica, Sr. Street". Dele, mais tarde, Fernando Callage escreveu:

"Sua fantasia se constituía apenas nisso: na criação de um serviço social na sua fábrica, na outorga de condições humanas de vida e de trabalho aos operários, coisa hoje banal em nossos meios industriais". "Mas naqueles tempos, isso era considerado ação revolucionária, quase subversiva, determinando até hostilidade dos colegas, que o levaram à perda da fortuna e de suas magníficas realizações".

Numa monografia com menos de 10 folhas, mimeografada, diz ainda Fernando Callage que Jorge Street, médico formado, "teve a suprema coragem de defender o direito de greve, exatamente numa época em que os empregadores e o governo não viam com bons olhos as agitações obreiras que traziam em sobressalto os capitais da indústria que se opunham, tenazmente, a qualquer movimento reivindicatório no interesse de suas aspirações".

Quando morreu, em 1928, quase não se falou de seu trabalho e de outras fábricas que possuiu aqui e no Rio de Janeiro. A vila Maria Zélia que havia criado — e que ainda está no bairro do Belenzinho — passara para outras mãos.

M. Aguiar de Souza

107
ANEXO V

INPS não ouve apelo e "Maria Zélia" cai

Um dos mais antigos e tradicionais clubes esportivos e sociais de São Paulo, o "Maria Zélia", localizado na Vila do mesmo nome, está sendo destruído pelo Instituto Nacional da Previdência Social (INPS), proprietário da área que ele ocupava, onde será construído um pronto socorro e posto de atendimento previdenciário.

Operários de uma firma contratada pelo INPS iniciaram a demolição das instalações e o desmantelamento das quadras esportivas — campo de futebol, vestiários, arquibancadas, quadras de bocha, secretaria, ambulatório, enfermaria, biblioteca e sanitários.

Diretores da associação revelaram que o problema com o INPS data de 1958, quando o antigo Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Industriários (IAPI) pediu a área, por intermédio da Justiça, sem justificar sua utilização. O clube perdeu a causa na Justiça, porque todos os terrenos da Vila "Maria Zélia" pertenciam ao Instituto. Houve apelação e, nos últimos 18 anos, muita discussão e debates.

Dia 16 último o "Maria Zélia" recebeu intimação para que deixasse o local em 24 horas. No dia marcado para o início da demolição — coincidente com o 41.º aniversário de fundação da entidade — seus diretores procuraram a advogada do INPS, dra. Lourdes, que foi irredutível: não daria prazo para a retirada do patrimônio do clube.

"A demolição — disse o presidente Renato Casagrande Filho — só foi interrompida à tarde, quando um dos operários caiu de uma altura de quatro metros, sofrendo várias escoriações e fratura de um braço". No dia imediato — 21 — o clube obteve o prazo judiciário de 10 dias, para recolher e remover seus bens existentes no local, antes da destruição completa das instalações e edificações.

PROBLEMA MAIOR

O "Maria Zélia" enfrenta, no momento, seu maior problema: um local para se instalar novamente. A Diretoria está tentando um entendimento com o INPS, em busca da cessão de uma faixa de terreno, nas proximidades da sede que está

sendo demolida, para ali levantar nova praça de esportes.

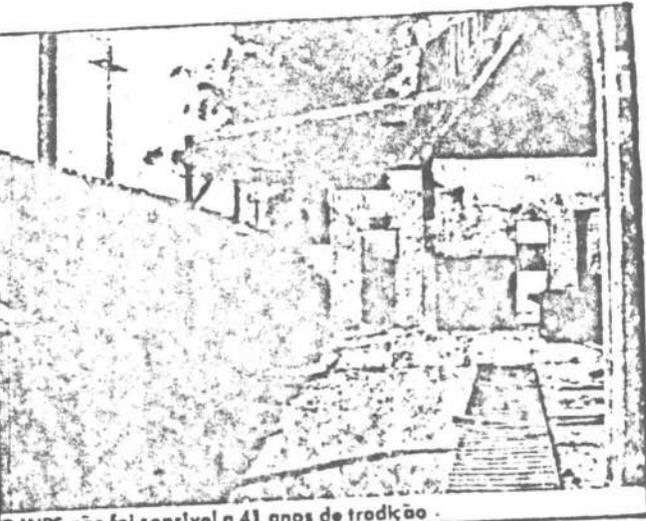
Uma das grandes frustrações dos diretores e associados foi a impossibilidade de realizar o baile do 41.º aniversário, que teria sido no sábado. Cerca de 1.000 convites já tinham sido distribuídos e tiveram de ser recolhidos e o baile foi cancelado, não só por causa da situação criada, como também porque grande parte do material teve de ser depositado no salão de festas.

TRADIÇÃO

O Clube Recreativo Esportivo "Maria Zélia" foi fundado a 20 de setembro de 1935. Ocupava 25 mil metros quadrados. Deu ao Brasil muitos dos mais famosos nomes de nosso esporte: Brito, Mamede, Jai Mamedico, Zéquinha, Toimho e Roberto Alelo, Vlucce, Luizinho (o "Peueno Polegar"), Belanger, Iubi, Gustavo, Colombo, Atílio, Cabeção, Paulinho, Td, Arnaldo, Oswaldinho e outros. Formou grandes figuras do esporte amador e foi responsável pela divulgação pioneira do futebol desportivo em São Paulo. Eder, otre é um dos seus mais famosos associados (ele usa a camisa 15 do Maria Zélia, no final de todas as lutas que disputa).

O clube é frequentado por milhares de moradores do bairro e imediações que, diante da situação atual, perdem seu ponto de encontro e confraternização em ambiente de cordialidade e amizade. Renato Casagrande Filho, Milton Albertino, Valter Carvalho, Sebastião de Almeida, Paulo Teixeira Bastos e Durval Camargo Júnior, seus diretores, esperam que o INPS conceda a área solicitada para que o "Maria Zélia" continue formando atletas do destaque daqueles que, até hoje, divulgaram o esporte brasileiro e trouxeram glória e títulos para o País.

"Numa cidade sem calor humano e com tão poucas áreas verdes como São Paulo, a destruição do "Maria Zélia" é uma perda irreparável para milhares de famílias, principalmente para nossa juventude sadia, que tanto precisa de locais adequados para a prática de esportes", desabafa seu presidente, Renato Casagrande Filho.



O INPS não foi sensível a 41 anos de tradição.

108
ca.
MAGUIZADUE
ANEXO VI

FOLHA DE S. PAULO

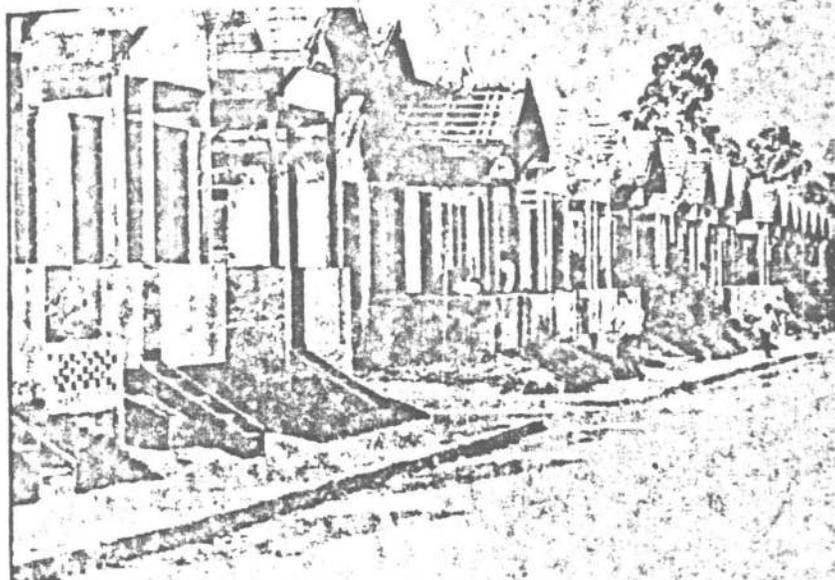
Quinta-feira, 7 de julho de 1977

Quem tombará a Vila Maria Zélia?

Professores e estudantes, no ano passado, resolveram fundar a Associação dos Universitários para a Pesquisa em História do Brasil — AUPHIB — e acabaram descobrindo a fórmula de arrumar munição para todos os calibres dos que desejam fazer alguma coisa pela preservação da memória nacional.

Primeiro, estabeleceram um contrato com a Livraria Brasiliense para editar um Caderno de Pesquisa "Tudo é História", publicando artigos de estudantes e professores sobre o tema; depois, organizaram alguns cursos sobre historiografia e paleografia e resolveram adotar uma linha mestra para seus projetos de pesquisa: tomar a imprensa como fonte "por ser de fácil acesso, permitir o contato direto com o documento e realizar o trabalho por etapas".

Mas não ficaram só na conversa. Resolveram levantar a história de Jorge Street, ancestral do Doca, o que, na segunda década deste século, pôs em prática aqui em São Paulo as idéias da social democracia alemã, escola onde forjou sua "concepção humanista da vida". Dono de uma grande fábrica no Belenzinho, Street mandou construir a Vila Maria Zélia que contava com serviços de creche, duas escolas, igreja, teatro, centro esportivo e assistência médica. Tudo para melhorar as condições de vida de seus empregados. Em 1919, o industrial passa a defender o direito de greve dos operários e, alguns anos depois, vai à falência.



Um agrupamento de casas na Vila Maria Zélia, no Belenzinho

A AUPHIB se pergunta, como roteiro para sua pesquisa: Jorge Street fallu porque a) os custos

operacionais ficaram muito elevados em decorrência das vantagens concedidas aos operários? b) a conjuntura econômica era particularmente adversa à juta e ao algodão, dois dos produtos manufaturados pela firma de Street? c) por pressões do grupo cafeicultor em face às posições de Street que defendia uma política cambial contrária aos seus interesses? por pressões de grupos não sim-

patizantes com suas idéias trabalhistas?

A Vila Maria Zélia ainda está de pé, milhares de pessoas moram nas casas construídas com todos os requisitos de conforto, nos padrões da década de 20; o conjunto arquitetônico não foi tombado por nenhum organismo interessado no patrimônio histórico e a memória de seu idealizador está quase perdida.

Sergio Gomes



Do

Número

Ano

Rubrica

À Arg. Diana Danon
Para visitar o local, verificar
do conjunto total quais os imóveis que
ainda estão em condições de serem
preservados e instruir o processo.

22/08/89

Sereza De Katinzky



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA

Folha de Informação

Rubricada sob n.º

110
661

| | | | |
|------------|--------|-----|---------|
| Do | Número | Ano | Rubrica |
| CONDEPHAAT | | | |

Prezado Senhor

Confirmando contato verbal, mantido com V.SA. no dia 25/9/89, vimos por meio desta solicitar especial favor de nos fornecer material ou foto ÁEREA DA "VILA MARIA ZÉLIA", necessário para desenvolvimento de nossos trabalhos - neste órgão.

Apresentamos a Arquiteta Diana Danon, responsável pelo trabalho que irá recolher o material.

Sem mais, subscrevemos-nos,

Atenciosamente.

Thereza De Katinszky

Thereza Katinszky de K. e Pisiesz
Diretora do Serv. Téc. Subst.*

À GOODYEAR

Aos cuidados do Sr.

UBIRAGIBE ARGENTIN

SUPERVISOR DE PROTEÇÃO PATRIMONIAL DA

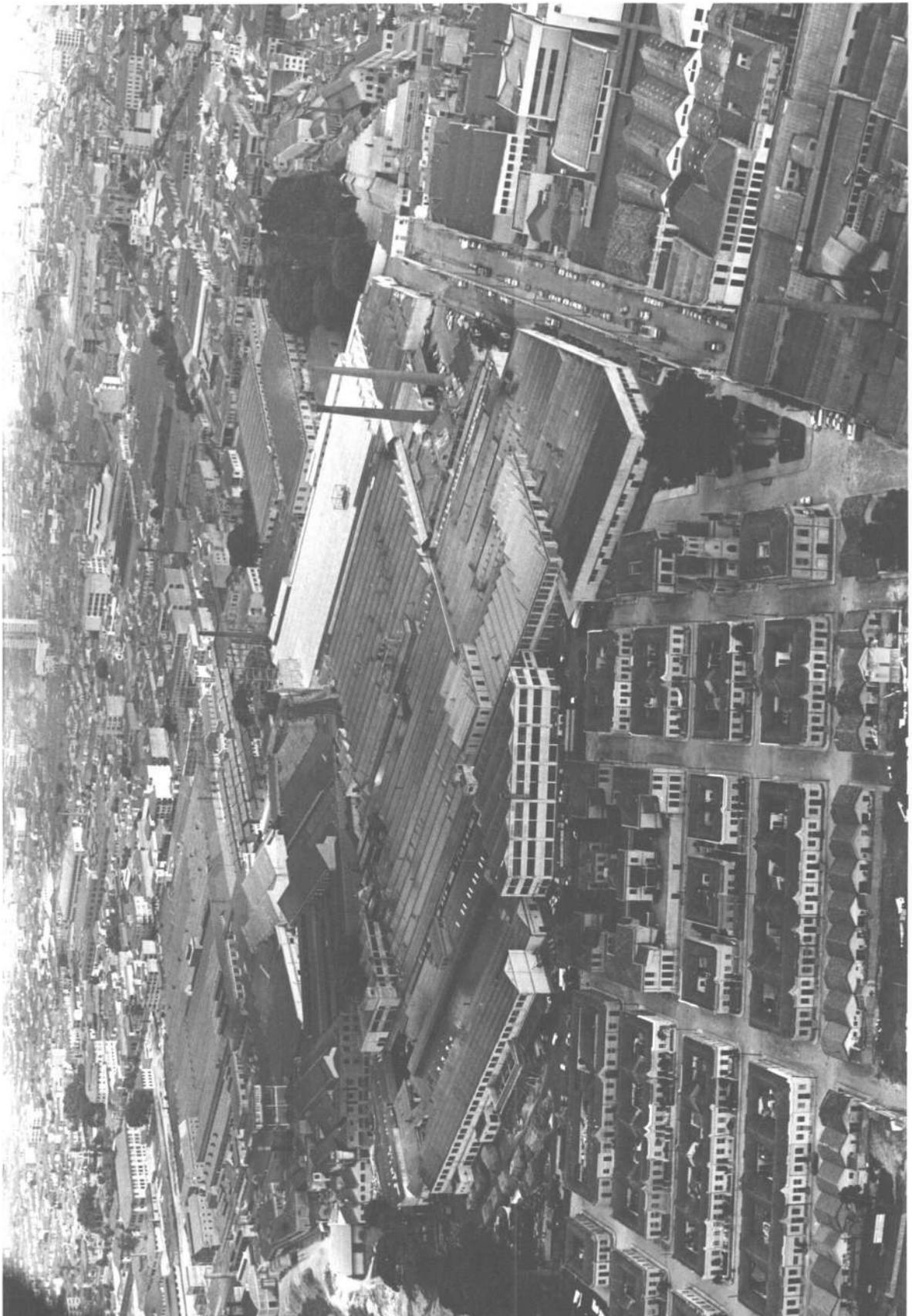
GOODYEAR.



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LIBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311

111
08/

VISTA AÉREA DA "VILA MARIA ZEL
COM A FÁBRICA DA GOODYEAR AO LADO



Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>



710
CJ

SRA. DIRETORA TÉCNICA

RESPONDENDO A SOLICITAÇÃO DE VISTORIA
AO IMÓVEL EM PROCESSO DE TOMBAMENTO
"VILA MARIA ZÉLIA" LOCALIZADA NA RUA
ADILSON FARIAS CLARO, NESTA CAPITAL, EM
18 DE SETEMBRO DE 1989 OS ARQUITETOS
DIANA DANON E ROBERTO LEME FERREIRA
ESTE CONDEPHAAT REALIZARAM A VISTO-
RIA APÓS A QUAL TEMOS A INFORMAR
O SEGUINTE:

O IMÓVEL APRESENTA VÁRIAS CASAS
QUE FORAM REFORMADAS E COMPLETAMENTE
DESCARACTERIZADAS.

ATUALMENTE ESTÃO SENDO REFORMADAS
VÁRIAS CASAS APRESENTANDO MODIFICAÇÕES
EM RELAÇÃO AO PROJETO ORIGINAL SENDO QUE
NÃO NOS CONSULTARAM PARA APROVAÇÃO.

O GRUPO ESCOLAR MANOEL DA NOBRE
PERTENCENTE AO IAPAS ESTÁ ABANDONADO
EM ESTADO PRECÁRIO E NÃO ESTÁ

SEDO MANTIDO DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO
EM VIGOR, PORTANTO PEDIMOS QUE
SEJA ENCAMINHADO AO DR. EVARISTO
PARA AS DEVIDAS PROVIDÊNCIAS PREVIS-
TAS POR LEI.

ERA O QUE TINHAMOS A INFORMAR

SÃO PAULO 27 DE SETEMBRO DE 1989

Ac. Dr. Evanildo

Para a sua atenção, se necessário, solicitar maiores esclarecimentos especialmente aos
Arg. Diana Damon e R. Leme. Em seguida
retornar ao STCR para continuação dos estudos
29/09/89 Sig

113
ed

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|----------|--------|-----|---------|
| PROCESSO | 24268 | 85 | |

INT.: CONDEPHAAT

ASS.: Tombamento da Vila Maria Zélia, localizada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital.

- 1) Ao STCR para:
 - elaborar um levantamento fotográfico;
 - instruir conclusivamente o estudo de tombamento para análise do E. Colegiado.
- 2) Ao Dr. Evaristo Silveira Júnior para as providências cabíveis face às irregularidades constatadas pelo Serviço Técnico.

GP/CONDEPHAAT, 29 de dezembro de 1989.


EDGARD DE ASSIS CARVALHO
Presidente



114
ca

| Do | Número | Ano | Rubrica |
|----------|--------|-----|---------|
| PROCESSO | 24268 | 85 | LMS |

Ao Assessor

Diana Damon -

Para o

07/9/90.

S. T. C. T. B.

Raphael Gendler

RAPHAEL GENDLER
Agente Serv. Civil



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LÍBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311

415
caj

Ofício STCR nº 87/89

São Paulo, 10 de outubro de 1989

Prezado Senhor

Por intermédio deste, venho solicitar os bons préstimos de V.Sa., no sentido de fornecimento de plantas, documentos e qualquer tipo de material referente à Vila Maria Zélia, situada à Rua Adilson Farias Claro, nesta Capital, que encontra-se em processo de tombamento neste CONDEPHAAT, sob nº 24.268/85.

Tal solicitação tem por finalidade a obtenção, através de tais documentos, de dados que nos possam elucidar fatos acêrca da referida Vila, objetivando a completa instrução daquele processo.

Certos de poder contar com a sua valiosa cooperação, subscrevemo-nos mui

Atenciosamente

Thereza Katinsky de K. e Polesz
Diretora do Serv. Tec. Subst.

Ao Ilmo.Sr.
Dr. VALTER GIUGNO ABRUZZI
DD.Secretário Regional de Engenharia de Administração de Patrimônio do IAPAS
NESTA

Reab. original
Polesz

GRUPO ESCOLAR DESATIVADO
VILA MARIA ZELIA
X. ADILSON FARIAS CLARO

116

09/



GRUPO ESCOLAR DESATIVADO
VILA MARIA ECELIA
R. ADILSON FARIAS CLARO

117
08/



ESCOLA
DAS
MENINAS
QUADRA
15

GRUPO ESCOLAR RESATIVADO
VILA MARIA ZÉLIA

118
A



RUA ADILSON FARIAS CLARO



ESCOLA DAS
MEVINAS
Q. 15

GRUPO ESCOLAR PARCIALMENTE
EM USO

VILA MARIA ZÉLIA
R. ADILSON FARIAS CLARO

119
08/



ANTIGA ESCOLA DOS MENINOS
QUADRA 14

R. ADDISON FERRIAMS C. 4. 1920

120
C/1



125, 135 e 126



2



121
08



ANTIGA ESCOLA DOS MENINOS
QUADRA 14

GRUPO ESCOLAR PARCIALMENTE EM USO
VILA MARIA ZÉLIA
R. ADILSON FARIAS CLARO

122
08/



ESCOLA DOS MENINOS
QUADRA 14

123
64

VILA MARIA ZÉLIA



RUA SEBASTIÃO PEREIRA DE SOUZA



RUA VÍTOR SIQUEIRA MINORNO
ESQ. 4 R. ADILSON FARIAS LLARD 174

R. OTAVIO PARIS 61, 71, 78, 83, 85

124
62



991 101, 111.



Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>

R. JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA n.º 65, 71, 77, 83, 91, 97

da seq. 125

125
081



1



R. ADILSON FARIAS EDUARDO 125, 135, 141, 147

2

da seq. 125
dir

3



126
08/



173



Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>

137
81

Do

Número

Ano

Rubrica

SRA. DIRETORA TÉCNICA

A VILA MARIA ZELIA ATÉ O FINAL DA DÉCADA DE 1970 ENCONTRAVA-SE BEM PRESERVADA COM 74,80% DAS RESIDÊNCIAS APRESENTANDO TOUCAS MODIFICAÇÕES.

O CONRÉGIO COLEGIADO APROVOU ABERTURA DE PROCESSO DE TOMBAMENTO DA VILA MARIA ZELIA EM 18 DE NOVEMBRO DE 1985.

PROVAVELMENTE APÓS A VENDA DO IAPAS AOS PROPRIETÁRIOS, COMEÇOU UMA INTENSA DESCARACTERIZAÇÃO DOS IMÓVEIS E PROVAVELMENTE NÃO RECEBERAM UM COMUNICADO DO CONDEPHAAT AVISANDO-OS DO PROCESSO DE TOMBAMENTO. HOJE A VILA APRESENTA MUITAS REFORMAS E CONSTRUÇÕES NOVAS.

PORTANTO PEDIMOS QUE SEJAM TOMADAS AS MEDIDAS EM CARÁTER DE URGENCIA COMUNICANDO CADA PROPRIETÁRIO QUE A VILA SE ENCONTRA EM PROCESSO DE TOMBAMENTO.

LOCALADO EM FLORIANÓPOLIS, CRIA-SE POR
CASA, APÓS O QUAL SERÁ ELABORADO
BOLETA DO PLANO DE RESTRIÇÕES
PARA O CONJUNTO ARQUITETÔNICO
E CONVOCAREMOS A COMUNIDADE
PARA A VOTAÇÃO EM RELAÇÃO
AOS ESTUDOS ESCOLARES

PARA O PROSSEGUIMENTO DO
NOSSO TRABALHO É PRECISO QUE
SEJAM ENCAMIADAS AS DEVI-
DAS PROVIDÊNCIAS PREVISTAS
POR LEI.

ERA O QUE TÍNHAMOS A
INFORMAR.

S. T. C. R.

São Paulo 21/12/90



DIANA PAWAN
ARQUITETA



Do

Número

Ano

Rubrica

Arg. Diana

Completar o levantamento segundo o
seguinte roteiro:

1- as casas que estão com obras
em andamento

2- as casas já reformadas

3- as casas ainda originais

Todas com seus endereços certos afins de
podermos enviar a correspondência de
vida.

22/05/90 [Signature]

129
02

Do

Número

Ano

Rubrica

SRA DIRETORA TÉCNICA

EM VISTORIA REALIZADA EM
1 DE MARÇO DE 1990 NA "VIA
MÁRIA ZÉLIA" CONSTATOU-SE O
SEGUINTE:

ENCONTRAM-SE ATUALMENTE
EM REFORMA APRESENTANDO ALTO
GRAU DE DESCARACTERIZAÇÕES OS
IMÓVEIS LOCADOS NAS SEGUINTE
RUAS:

1 - R. DOUTOR SEBASTIÃO PEREIRA
DE SOUZA ESQUINA COM R. ADILSON
FARIAS CLARO n.º 29.

2 - R. OTÁVIO PARIS n.º 128

3 - R. JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA
n.º 126

JÁ FOI CONCLUÍDA A REFORMA
DA RESIDÊNCIA A RUA JOSÉ ALVES
DE OLIVEIRA n.º 104, DOCUMENTADO FO-
TOGRÁFICAMENTE NA VISTORIA ANTE-
RIOR CONSTATANDO DÊSTE PROCESSO.

APÓS CONVERSAR COM DIVERSOS
PROPRIETÁRIOS E MORADORES
DA VILA CONCLUÍU-SE QUE NÃO

DESTE CONJUNTO, PORTANTO PEDE-SE
QUE O COMUNICADO SEJA ENVIADO
COM URGÊNCIA PARA O PROS-
SEGUIMENTO DOS NOSSOS ESTUDOS.

É AÍ O QUE TÍNHAMOS A INFOR-
MAR.

S. T. C. R. São Paulo 2 de
maio de 1990



LÍVIA FÁRIA
ARQUITETA.



| Do | Número | Ano | Rubrica |
|----|--------|-----|---------|
| | 24208/ | 85 | Hj |

De Evandro

Contactados os proprietários dos imóveis da V.M. Zelia alegaram não ter conhecimento da abertura de processo de tombamento do local. Parece-me que a alegação não procede absolutamente, mas por uma questão de compensação, parece-me justo enviar a cada um deles, por correio especial, uma cópia da notificação por edital ou da ~~resolução~~ resolução de abertura de tombamento. Ao mesmo tempo, a correspondência deverá conter: informações sobre a eventualidade de multas para quem já modificar os imóveis sem autorização e para quem vier a fazê-lo. Por outro lado, o Condiphaat se coloca à disposição dos interessados.



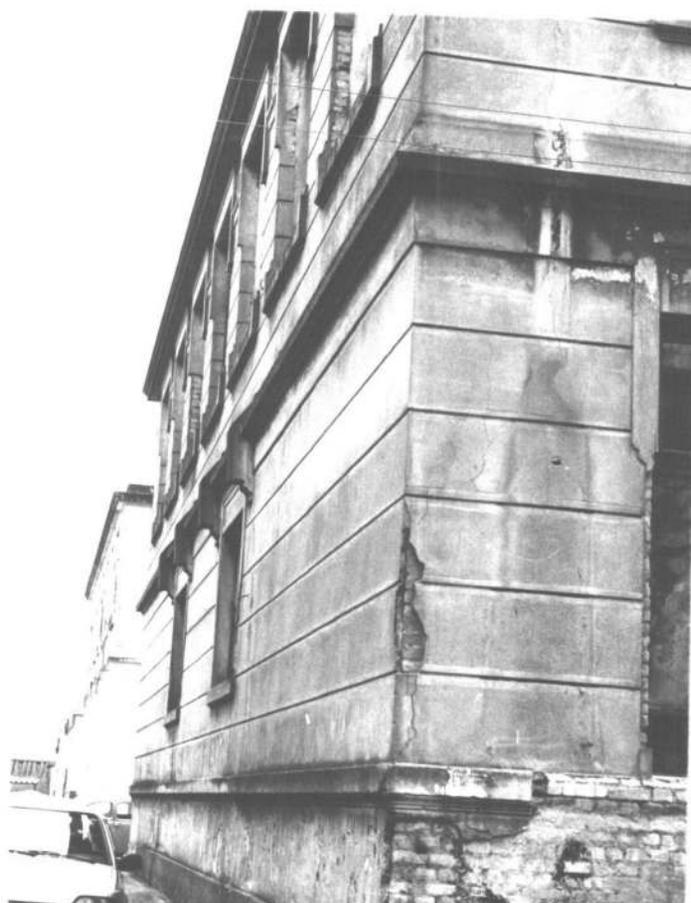




134
08/



ESCOLA DOS MENINOS - QUADRA 14





136
21



R. MORES MIGUEL, 117
CASA DOS SOLTEIROS



Apoie o IPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>

134
08



Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>

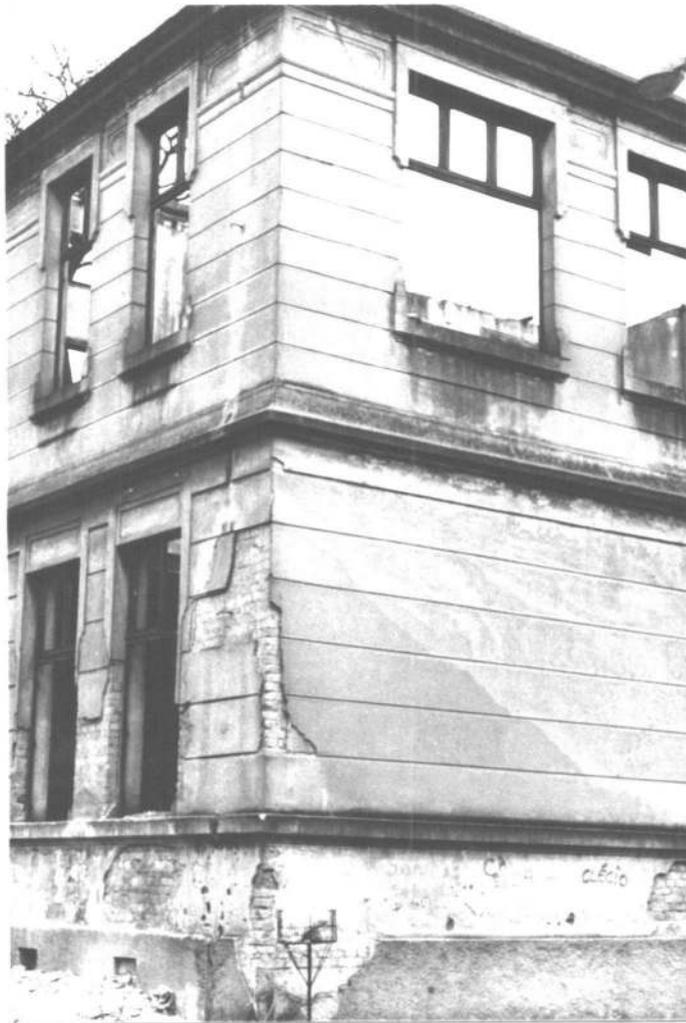
138
04



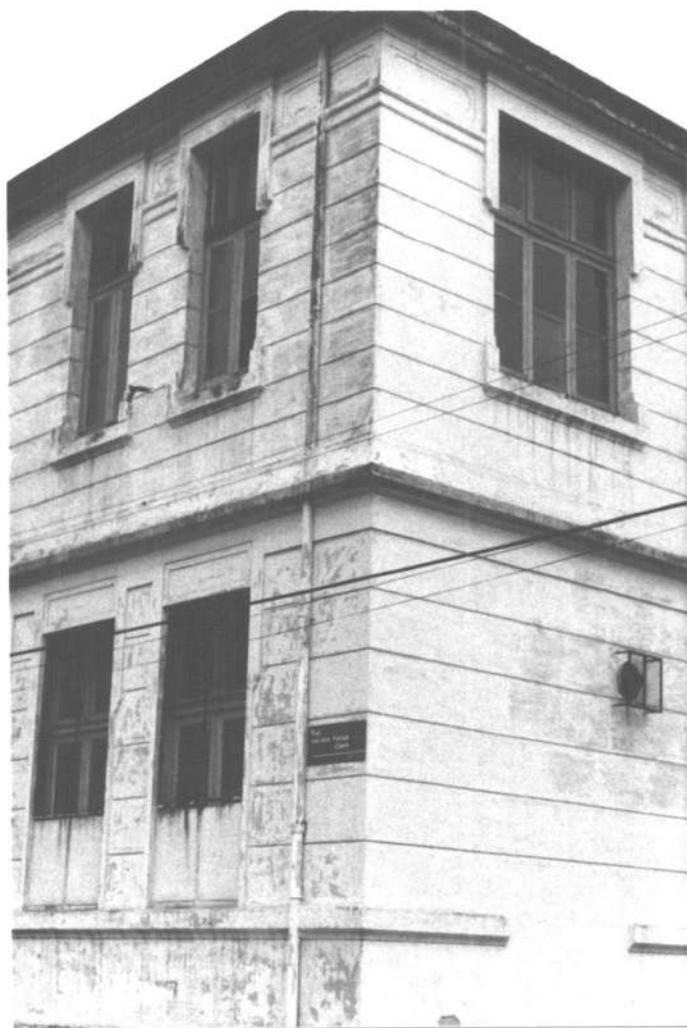
Apóie o IPatrimónio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>



Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>



141
68



R. ADILSON FAIAS CLARO
ESCOLA DOS MENINOS



Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>

142
84



Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>



↑ ADILSON FARIAS CLARO



144
of



1



2



Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>

na Vila Maria Zelia Constam os seguintes Endereços:

Rua José Alves de Oliveira (atual): ✓

nos: 163 (esquina com rua Mário Costa e Sebastião Pereira de Souza); 164 (esquina com rua Sebastião Pereira de Souza); 165; 166; 167 (esquina com rua Silvino Passos); 168 (esquina com rua Silvino Passos); 169; 170, 171; 172; 173; 174, 175 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 176 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 177; 178; 179; 180; 181; 182; 183 (esquina com rua Vitor Siqueira Mingrono); 184 (esquina com rua Vitor Siqueira Mingrono); 185; 186; 187; 188; 189; 190; 191; 192 (esquina com rua Sebastião Pereira de Souza); 161; 160; 159 (esquina com rua Silvino Passos); 158 (esquina com rua Silvino Passos); 157; 156; 155; 154; 153; 152; 151 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 150 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 149; 148; 147; 146; 145; 144; 143 (esquina com rua Vitor Siqueira Mingrono)

Rua Otávio Paris (atual): ✓

nos: 117 (esquina com rua Sebastião Pereira de Souza); 118; 119; 120 (esquina com rua Silvino Passos); 121 (esquina com rua Silvino Passos); 122; 123; 124; 125; 126; 127; 128 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 129 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 130; 131; 132; 133; 134; 135; 136 (esquina com rua Vitor Siqueira Mingrono); 116 (esquina com rua Sebastião Pereira de Souza); 115; 114; 113 (esquina com rua Silvino Passos); 112 (esquina com rua Silvino Passos); 111; 110; 109; 108; 107 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 106 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 105; 104; 103; 102; 101; 100; 99 (esquina com rua Vitor Siqueira Mingrono); 98 (esquina com rua Vitor Siqueira Mingrono); 97; 96; 95.

| | | |
|-------------|--------|-------|
| OBRA | | |
| TITULO | | |
| ARQUITETO | FASE | FOLHA |
| VERIFICAÇÃO | VISTO | DATA |
| DESENHO | ESCALA | DATA |

Continuação: Endereços da Vila Maria Zélia. 746
81

Rua Irmã Paula Lobenstein (atual): OK

nos 73 (esquina com rua Sebastião Pereira de Souza); 74; 75; 76 (esquina com rua Silvino Passos); 77 (esquina com rua Silvino Passos); 78; 79; 80; 81; 82 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 83 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 84; 85; 86; 87; 88; 89; 90 (esquina com rua Vitor Figueira Mingrono); 91 (esquina com rua Vitor Figueira Mingrono); 92; 93; 94; 42 (esquina com rua Sebastião Pereira de Souza); 41; 40; 39 (esquina com rua Silvino Passos); 68 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 67; 66; 65; 64; 63; 62; 61 (esquina com rua Vitor Figueira Mingrono); 60 (esquina com rua Vitor Figueira Mingrono); 59; 58.

Rua Adilson Farias Claro (atual): ✓ OK

nos: 43 (esquina com rua Sebastião Pereira de Souza); 44; 45; 46 (esquina com rua Silvino Passos); 8; 38B; 38; 37; 36; 35 (esquina com rua Vitor Figueira Mingrono); 34 (esquina com rua Vitor Figueira Mingrono); 33; 42 (esquina com rua Sebastião Pereira de Souza); 41; 40; 39 (esquina com rua Silvino Passos); 47 (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 48; 49; 50; 51; 52; 53; 54 (esquina com rua Vitor Figueira Mingrono); 55 (esquina com rua Vitor Figueira Mingrono); 56; 57.

Rua Moisés Miguel (atual):

nos: 23 (esquina com rua Sebastião Pereira de Souza); 24; 25; 26 (esquina com rua Silvino Passos); 26.A (esquina com rua Luís Francisco dos Santos); 26.B; 26.C; 27; 28; 29; 30 (esquina com rua Vitor Figueira Mingrono); 31 (esquina com rua Vitor Figueira Mingrono); 32.

Rua Luís Francisco dos Santos (atual)

nos: 7; 6; 3; 4. OK.

OBRA

TÍTULO

ARQUITETO

FASE

FOLHA

VERIFICAÇÃO

VISTO

DATA

DESENHO

ESCALA

DATA

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Apoie o IPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>

URBANISMO

A Vila Maria Zélia e a memória de Street

PALMIRA PETRATTI TEIXEIRA

No bairro do Belenzinho (SP), encontramos hoje uma paisagem que se destaca. A Vila Maria Zélia, retrato de uma época e de uma forma de ocupação do espaço urbano.

Sua história liga-se à de seu idealizador, Jorge Street, fundador da Companhia Nacional de Tecidos Juta, grande produtora de sacaria de juta na década de 1910.

Nacionalista, manteve constante esforço ao longo de sua vida em prol da industrialização "fonte geradora de capital e empregos", contribuindo para uma visão otimista do desenvolvimento industrial.

Um capitão de indústria que viveu fortemente suas idéias, defendendo-se através dos quadros de mando das associações patronais, e que fizêram dele, personagem interessante, incomum para a época.

Em meio à agitação social de 1917, via o direito de greve e o direito à associação operária com naturalidade e "parte do desenvolvimento do capitalismo", uma maneira de atenuar as distorções do sistema. A seu ver, isso eliminaria os conflitos entre o capital e o trabalho e fortaleceria os trabalhadores para suas reivindicações, evitando-se as greves frequentes.

Favorável a uma legislação social "gradual que não onerasse a indústria", defendeu seus pontos de vista na Primeira República e no imediato pós-30, no recém-criado Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, onde atuou nas comissões legislativas,



deixando aí traços inequívocos de seu pensamento.

Street construiu em São Paulo a vila operária Maria Zélia (1919), conhecida não só pela harmonia arquitetônica, mas pelas condições favoráveis oferecidas ao operário. Sua fundação insere-se nos quadros da criação de uma nova imagem patronal em relação à disciplina do trabalhador. O patrão deixa de ser o chefe autoritário, para ser o pai, igualmente enérgico, mas generoso provedor.

O estudo do cotidiano operário revela a figura de um "pai-patrão" que tudo provê, demonstrada na extrema lealdade de seus operários que o veneravam como personagem mítico. Para esses, Street "foi um pai", o "melhor patrão". Ele é lembrado com saudades, e também as festas da Igreja, os bailes, os passeios e presentes. Contudo, aceitavam o rígido controle e as normas disciplinares que lhes eram impostas.

A construção das vilas operárias pode ser vista de uma forma geral como tentativa do empresário de fixar e controlar sua mão-de-obra, numa época em que

ainda não se formara o "exército industrial de reserva".

A atuação de Street na vila operária valeu-lhe entre seus pares a denominação de "poeta das industriais", "empresário-socialista", e entre os jornalistas da imprensa operária, "simples burguês-capitalista que inteligentemente explorava sua mão-de-obra", tornando-o assim um personagem polêmico e controverso.

O complexo fábrica e vila operária Maria Zélia teve trajetória peculiar. Mudou sucessivamente de proprietários: Scarpas, Guinles, finalizando nas mãos do Estado. Seus habitantes lembram episódio do movimento de 24 e o tempo em que a fábrica serviu de presídio político, 1936-47, onde intelectuais, como Caio Prado Jr., Fúlvio Abramo e Paulo Emílio Salles Gomes, entre outros, instituíram a Universidade Maria Zélia. Em 1939, fábrica, creche, jardim da infância foram adquiridas pela Goodyear e em 1969, as casas vendidas aos trabalhadores.

Lamentavelmente, registramos a descaracterização desse espaço e o abandono em que se encontram os prédios pertencentes ao Inamps, depredados e saqueados. Memória e testemunha da história de São Paulo, esse "museu vivo" deve ser restaurado e preservado, pois a comunidade, sua legítima proprietária, espera com ansiedade a resposta dos poderes públicos à sua integração ao Patrimônio Histórico de São Paulo.

PALMIRA PETRATTI TEIXEIRA, 43, historiadora, doutora pela USP, é autora do livro "Pensamento e Ação do Industrial Jorge Street".



Ofício GP- /90

São Paulo, de março de 1990.

Senhor Proprietário

Anexando cópia da notificação feita por edital, publicada no Diário Oficial do Estado em 6/12/85, página 39, e no "O Estado de São Paulo", da mesma data, página 27, bem como cópia da deliberação de nosso E.Colegiado favorável à abertura de processo de estudo de tombamento da Vila Maria Zélia, à rua Adilson Farias Claro, Belenzinho, nesta Capital, (ata nº 663, sessão de 18/11/85), em cujo conjunto se inclui a propriedade de Vossa Senhoria, vimos confirmar, para os devidos fins previstos em Lei, que qualquer obra, inclusive de reforma ou demolitória, no local, deverá ser submetida à apreciação deste Órgão, para a devida manifestação prévia, ficando Vossa Senhoria sujeito à aplicação de multas e demais sanções previstas no artigo 147 do Decreto Estadual nº 13.426, de 16/3/79.

Com efeito, na conformidade do que regem os citados editais de notificação, os bens em processo de tombamento não poderão ser modificados, sob nenhum aspecto, sem a anterior autorização deste Órgão, de acordo com os artigos 142, parágrafo 1º e 146 do referido Decreto Estadual.

A respeito e a título de colaboração alertamos Vossa Senhoria para a estrita observância de tal proibição legal, inclusive parализando qualquer obra em andamento dado que irregulares, conforme consignamos retro, sob as sanções legais aludidas supra, em seus respectivos projetos enviados a nosso setor técnico, Serviço Técnico de Conservação e Restauro-STCR, à rua da Consolação, 2333, 9º andar, inclusive as que se pretendam realizar.

749 2
cat



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA - CONDEPHAAT

Ofício GP- /90

Mantemo-nos ao inteiro dispor de Vossa
Senhoria para qualquer outro esclarecimento, no endereço retro.

Certos de sua atenção o que poderá evi-
tar a tomada de outras medidas de nossa parte, inclusive judi-
ciais, subscrevemo-nos,

atenciosamente.


EDGARD DE ASSIS CARVALHO
Presidente

Senhor



Ofício GP-0281 /90
P.CONDEPHAAT- 24.268/85

São Paulo, 28 de março de 1990.

Senhor Superintendente

Anexando cópia da notificação feita por edital, publicada no Diário Oficial do Estado em 6/12/85, página 39, e no "O Estado de São Paulo", da mesma data, página 27, bem como cópia da deliberação de nosso E.Colegiado favorável à abertura de processo de estudo de tombamento da Vila Maria Zélia, à rua Adilson Farias Claro, Belenzinho, nesta Capital, (ata nº 663, sessão de 18/11/85), em cujo conjunto se inclui a propriedade desse Instituto, vimos confirmar, para os devidos fins previstos em Lei, que qualquer obra, inclusive de reforma ou demolitória, no local, deverá ser submetida à apreciação deste Órgão, para a devida manifestação prévia, ficando esse Instituto sujeito à aplicação de multas e demais sanções previstas no artigo 147 do Decreto Estadual nº 13.426, de 16/3/79.

Com efeito, na conformidade do que regem os citados editais de notificação, os bens em processo de tombamento não poderão ser modificados, sob nenhum aspecto, sem a anterior autorização deste Órgão, de acordo com os artigos 142, parágrafo 1º e 146 do referido Decreto Estadual.

A respeito e a título de colaboração alertamos Vossa Senhoria para a estrita observância de tal proibição legal, inclusive parализando qualquer obra em andamento dado que irregulares, conforme consignamos retro, sob as sanções legais aludidas supra, em seus respectivos projetos enviados a nosso setor técnico, Serviço Técnico de Conservação e Restauro - STCR, à rua da Consolação, 2333, 9º andar, inclusive as que se pretendam realizar.



Ofício GP-0281/90

Mantemo-nos ao inteiro dispor de Vossa
Senhoria para qualquer outro esclarecimento, no endereço retro.

Certos de sua atenção o que poderá evi-
tar a tomada de outras medidas de nossa parte, inclusive judi-
ciais, subscrevemo-nos,

atenciosamente.



EDGARD DE ASSIS CARVALHO

Presidente

Ilustríssimo Senhor
Doutor ANTONIO CESAR PINHO BRASIL
DD. Superintendente do IAPAS
SAS Q2 Bloco 1 - 8º andar
CEP.70.000 Brasília DF

ESJ/rcl

Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>

152
AJ

Do

Número

Ano

Rubrica

Fl.1

Senhor Diretor Técnico,

A preservação definitiva da "VILA MARIA ZÉLIA" através do Instituto do Tombamento é imprescindível porquê:

É um exemplo único de vila operária do início do século, absolutamente original não existindo nada semelhante no Estado de São Paulo, sendo um registro vivo de sua concepção como ideal em expressão arquitetônica e urbanística.

Do ponto de vista arquitetônico consta de um traçado em malha ortogonal, de inspiração européia para cidades planejadas e vilas operárias que já existiam desde o fim do séc.XIX na Europa e que seu idealizador JORGE STREET já conhecia.

Este traçado é organizado de uma determinada maneira em que cada unidade é o quarteirão tendo um movimento próprio e muita harmonia. Existem quarteirões com casas para famílias maiores ou menores, existe um quarteirão com quartos de solteiros. Existem seis tipos diferentes de projeto de casas criando o repertório necessário para as diferentes necessidades dos operários, adaptando o programa da Vila ao próprio programa da indústria, os operários mais graduados tinham outro tipo de casas.

Apresentando na prática soluções totalmente maleáveis atendendo a todo o contingente de mão de obra.

153
cbj

Do

Número

Ano

Rubrica

Fl.2

O tratamento arquitetônico de fachada que une as casas de cada quarteirão criando assim essa unidade plástica (feita pela própria forma das platibandas) que é o quarteirão (como acontece posteriormente nas super quadras de Brasília), fazendo com que tudo interaja.

O traçado é o original, o ambiente hoje é o de uma ilha dentro de um bairro caótico, o contraste da vila com o bairro nos leva à uma reflexão sobre a cidade; existem, ainda, casas que mantêm as características originais, as construções de uso comunitário como igreja, armazém, grupos escolares, etc. (hoje pertencentes ao IAPAS) apesar de um pouco deteriorados, não foram ainda descaracterizados. Existem casas que foram reformadas e modificadas em vários níveis, mesmo assim a Vila em si mantêm a sua volumetria original, que é um valor. A Vila tem um peso histórico único em São Paulo, deve ser restaurada e recuperada o que é tecnicamente perfeitamente possível.

É um legado de indiscutível e reconhecida importância de seu idealizador JORGE STREET homem altruísta, inovador e precursor de soluções trabalhistas inéditas para a classe operária e que defendeu estas idéias sozinho sendo discriminado e prejudicado pelos outros industriais da época, tanto que acabou na pobreza.

JORGE STREET, médico carioca encomendou um projeto de amplo espectro ao Arquiteto Francês PEDARIEX de uma "Pequena cidade" para a vila o-

454
6/

Do

Número

Ano

Rubrica

F1.3

Juta", o projeto fica pronto em 1911 e o término das obras de construção acontece em 1916, o projeto possuindo uma série de providências de caráter assistencial, obra pioneira na época e que permanece íntegra como um testemunho inovador na época e único até hoje, importantíssimo para nossa memória histórica, social e urbanística.

É um documento espacial de uma visão muito particular de como se dava a relação capital/trabalho e em especial de como dar condições para a reprodução dessa força de trabalho que não existe mais atualmente.

O espaço da habitação operária hoje é diferente porque essa relação mudou (capital/trabalho), existe muito maior oferta de mão de obra especializada do que procura.

Nessa época, os imigrantes começam a abandonar as fazendas e começam a trabalhar nas fábricas.

A "VILA MARIA ZÉLIA" é igual às outras vilas operárias na proposta de fixar o operariado junto ao seu local de trabalho, porém, se destaca e se particulariza na medida em que ela vai além desta proposta e busca oferecer aos operários atividades recreativas, sociais, assistenciais, educacionais e religiosas, tornando-se uma "Cidade em Miniatura".

É uma "cidade em miniatura" toda planejada, houve um pensar único com um resultado ur



Do

Número

Ano

Rubrica

Fl.4

quitetônico já que todos os imóveis foram construídos simultaneamente. É uma unidade urbana de características singulares e inovadoras na cidade de São Paulo pela sua concepção de espaço totalmente planejado e com excelentes soluções de interrelacionamento, interação entre suas unidades residenciais com as de caráter coletivo e uso comunitário.

A "VILA MARIA ZÉLIA" é um documento vivo e ímpar na cidade de São Paulo, também, de como era pensada uma cidade por volta de 1910, como disse o Arquiteto e urbanista Francês JEAN NOUVEL "São as idéias" de uma civilização que fazem a Arquitetura não é a História da Arquitetura que gera a Arquitetura".(*)

A "VILA MARIA ZÉLIA" manteve suas características originais intactas até 1968.

No período de 1939 a 1968 a Vila é propriedade do I.A.P.I. Após 1969 os moradores começam a comprar suas casas através do B.N.H., os quais através de sucessivas reformas vem descaracterizando suas residências, motivo pelo qual se faz urgente o seu TOMBAMENTO para que se estanque o processo de descaracterização e que as necessárias reformas se façam sob orientação do CONDEPHAAT.

O que resta da VILA, hoje, passou por muitas transformações; se desvinculou da indústria e as casas pertencem, agora, aos moradores, no entanto existe atualmente uma leitura clara de VILA OPERÁRIA.



Do

Número

Ano

Rubrica

Fl.5

Este conjunto da "VILA MARIA ZÉLIA" é de uma complexidade como acervo histórico, filológico, sociológico, arquitetônico e urbanístico. Cada aspecto desses tem desdobramentos particularizados, com repercussão em todos os campos culturais. Logicamente a proposta de seu tombamento acarretará consequências imediatas em vários níveis, como temos antecedentes aqui no órgão da repercussão de uma série de bens tombados.

Portanto à partir do tombamento o CONDEPHAAT precisaria tomar medidas imediatas ou uma medida cautelar de proteção do bem em questão.

Poderão ser elaboradas algumas propostas de recuperação, restauração e revitalização conciliando esta VILA do começo do século com as necessidades da vida moderna.

Algumas dessas propostas foram amplamente estudadas como por exemplo:

- "Restauração e revitalização da "Escola das Meninas" da VILA MARIA ZÉLIA - Projeto elaborado pelo Arquiteto BENEDITO LIMA DE TOLEDO DE 1979.

- "Especialização em restauração e conservação de monumentos histórico", trabalho elaborado pelo Arquiteto LUIS ANTONIO CAMBIAGHI MAENANI incluindo projeto de revitalização e restauração da "VILA MARIA ZÉLIA". Estudo extremamente interessante e abrangente sobre a VILA propondo projeto com soluções excelentes que deveriam ser aproveitadas. As plantas do projeto foram xerocadas e anexadas a este processo.

157
caj

Do

Número

Ano

Rubrica

Fl.6

operária em São Paulo", Arquiteta CARLA MILANO BENCLO - WICZ.

- "Pensamento e ação do industrial JORGE STREET" - PALMIRA PETRATTI TEIXEIRA. Parte do trabalho foi copiado e anexado ao presente processo. E extensa Bibliografia também será anexada ao mesmo.

Portanto, proponho que a preservação deve apresentar caminhos que conciliem a VILA do começo do século com as necessidades da vida moderna. Solucionar o problema do estacionamento dos habitantes da VILA que possuem automóveis.

Criar estímulos para que os proprietários conservem e restaurem seus imóveis através de incentivos fiscais, tributários, o que aliás já está previsto no ARTIGO Nº.263 da Constituição do Estado de São Paulo (anexo ao Processo).

Existe interesses de empresas no sentido de restaurar o Grupo Escolar completamente, hoje pertencente ao IAPAS e que está em processo de abandono e grande deterioração, o que seria um benefício para toda a comunidade e para o Bairro. Além disso, existe a LEI MUNICIPAL nº.10.598 de 19 de agosto de 1980 que isenta do pagamento do I.P.T.U. por 5 (cinco) anos os proprietários que invistam na restauração de fachadas no centro da cidade de São Paulo que poderia ser estendida a este caso e aplicada. A cópia da LEI está, em anexo, ao processo.

Era o que tínhamos a informar.

158
51

Do

Número

Ano

Rubrica

fl.1

BIBLIOGRAFIA

1. DIAS, MARIA L.R.P. - "Desenvolvimento Urbano e Habitação Popular em São Paulo" - 1870 - 1914.
2. ÁLUBUM - "Lembrança do Cotonifício Scarpa e da sua organização Social" - Arquivo do P.P.H.
3. MAGNANI, LUIS A.C. - VILA MARIA ZÉLIA - São Paulo-Curso de especialização em restauração e conservação de Monumentos e Conjuntos Históricos.
4. FOLHA DE SÃO PAULO - 30/03/1990; 18/06/1990.
5. SHOPPING NEWS - CITY NEWS - 18/02/1990.
6. TEIXEIRA, PALMIRA P. - "Pensamento e Ação do Industrial JORGE STREET".
7. BENCLOWICZ, CARLA M. - "Prelúdio Modernista - construindo a Habitação Operária em São Paulo".
8. GRUPO ESCOLAR ADILSON FRIAS CLARO, Arquivo da CONESP-F.P.E.
9. "VILA MARIA ZÉLIA", Env. ao Arquivo do D.P.H.
10. "ESCOLA DE VILA MARIA ZÉLIA", projeto do Arqtº. BENEDITO LIMA DE TOLEDO, Arquivo da CONESP - F.D.E.
11. ORIGINAIS D.O.P.
12. TOLEDO, BENEDITO L. - "Relatório Técnico Fotográfico" 1979 - CONESP.
13. CADASTRO CONESP, F.D.E.
14. "RESTAURAÇÃO DA IGREJA MARIA ZÉLIA", processo 131-V.I,

159
edf

Do

Número

Ano

Rubrica

Fl.2

- 15- "VILA MARIA ZÉLIA", Projeto de Vila Operária, "Fábrica Maria Zélia", planta escala 1:100/1920 e Planta Geral escala 1:1.000 - "VILA MARIA ZÉLIA", Arquivo do D.P.H., gaveta arquivo com função privada.
- 2 plantas em juta de 1920
e - 2 plantas em papel 1920.
- 16- "PLANTAS VILA MARIA ZÉLIA" DE CASA TIPO, arquivo D.P.H., Gaveta 4.
- 17- "PATRIMÔNIO AMBIENTAL URBANO/ZONA LESTE", 4 volumes, S.M.C./CODEP/78; arquivo D.P.H.
- 18- INVENTÁRIO DE FICHAS DO D.P.H., "Vila Maria Zélia".
- 19- "VILA MARIA ZÉLIA", filme da época Arquiteto IANF.
- 20- "VILA MARIA ZÉLIA", Arquivo Histórico da GOODYEAR.
- 21- PLANTA DA VILA MARIA ZÉLIA - Arquivo I.A.P.A.S.

27/06/1990.

DD/mma.